

MESTRADO DE ESTUDOS ANGLO-AMERICANOS

[TRADUÇÃO LITERÁRIA]

Tradução de *Jessica's Ghost* de Andrew Norriss: a visão do Fantástico no imaginário infantojuvenil

Rosiméri Santos Cunha

M

2021



Rosiméri Santos Cunha

Tradução de *Jessica's Ghost* de Andrew Norriss: a visão do Fantástico no imaginário infantojuvenil

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, vertente de Tradução Literária, orientada pela Professora Doutora Filomena Vasconcelos.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

“EVERYONE has stories to which, in childhood, they returned again and again, for enchantment or solace, amusement, or even from grim fascination. (...) For there is an honesty in children’s literature that readers find startling, then exhilarating. (...) we can be sure that writing for children today is as lively and assured as ever, still offering hours of pleasure, still provoking self-reflection and discussion, still opening whole worlds to the growing child.”

ANNE FINE

Children’s Laureate (ECCLESHARE, 2002: 7)

Sumário

Declaração de honra	4
Agradecimentos	5
Resumo.....	6
Abstract	7
Lista de abreviaturas e siglas.....	8
1.Introdução.....	9
1.1. Metodologias.....	11
1.2. Breves Considerações Bibliográficas	13
2.A Importância da literatura infantojuvenil	17
3.O Género Fantástico	21
3.1. O Fantástico na Obra de Andrew Norriss.....	26
3.2. Carácter Sociopsicológico: o processo de escrita de <i>Jessica's Ghost</i>	30
4.Teorias da Tradução	36
4.1. O Processo de Tradução	42
4.2. As Traduções de <i>Jessica's Ghost</i>	49
5.O Fantasma de Jessica	51
5.1. Análise das Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças (FOFA).....	186
6.Considerações Finais:.....	187
7.Referências Bibliográficas	189
7.1. Fontes:	189
7.2. Palestra :	190
7.3. Bibliografia crítica	190
7.4. Teses/Monografias/Dissertações:	191
7.5. Webgrafia:	192
Anexos	193
Anexo 1: Entrevista a Andrew Norriss.....	193
Anexo 2: Livros Infantojuvenis de Andrew Norriss	199
Anexo 3: Programas televisivos com a participação de Andrew Norriss.....	200
Anexo 4: Programas televisivos infantojuvenis com a participação de Andrew Norriss	200
Apêndices	201

Apêndice 1: <i>That first chapter...</i>	201
Apêndice 2: <i>To plan or not to plan...</i>	203
Apêndice 3: Thoughts on a ‘challenging’ read... ..	205
Apêndice 4: Sounds a bit serious.....	207
Apêndice 5: <i>Ghost stories...</i>	209
Apêndice 6: Game-changers	211
Apêndice 7: <i>Visits from the Black Dog</i>	215
Apêndice 8: <i>Writing Jessica’s Ghost</i>	217

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação, *Tradução de Jessica's Ghost de Andrew Norriss: a visão do Fantástico no imaginário infantojuvenil*, é da minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 27/09/2021

Rosiméri Santos Cunha

Agradecimentos

Primeiramente, dedico esta tese às minhas seis filhas - Daniela, Ester, Vitória, Leilani, Gabriela e Nicole - à minha neta Raíza, e também a todas as crianças, que hoje já são adultos, com as quais tive a oportunidade de conviver, de ensinar e de lhes ler muitos livros infantis.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Filomena Vasconcelos, por toda a orientação, disponibilidade e forma sábia e paciente com que me transmitiu sugestões e conhecimento, assim como por todo encorajamento que me deu ao longo do meu percurso.

Agradeço à minha amiga, Marisa Pereira dos Santos, por todo apoio fiel e valioso, que me ajudou muito a enriquecer o desenvolvimento deste trabalho.

Um especial agradecimento a Andrew Norriss, autor do livro, pela cordialidade e prontidão com que me cedeu a entrevista, respondendo a todas as perguntas colocadas.

Resumo

A tradução de *Jessica's Ghost*, romance para adolescentes de Andrew Norriss, afirma-se como um contributo para o desenvolvimento e o enriquecimento da Literatura Infantil e Juvenil no contexto português.

É um romance que pode ser classificado como “fantástico”, girando em torno de uma trama que funde o real e o surreal, o natural e o sobrenatural, sendo a personagem principal, Jessica, um fantasma. Por causa dela, um grupo de jovens maltratados na escola, Francis, Andi e Roland, tornam-se amigos e, por sua vez, ajudam-na a entender o verdadeiro motivo pelo qual ela continua vagando no mundo dos vivos.

Defendemos a literatura infantil (como termo genérico que abrange a literatura infanto-juvenil) como elemento fundamental para a formação cívica e cultural dos jovens, pelo que a sua tradução é um passo importante para a sua divulgação, visto que se dirige a públicos de diversos países e culturas. É necessário incentivar a tradução de obras internacionais para o português, bem como de obras portuguesas para outras línguas. Por fim, por meio da tradução de *Jessica's Ghost*, buscamos conscientizar a comunidade académica sobre a importância de incluir esse tipo de trabalho em um espectro mais amplo de estudos de tradução.

Palavras-chave: Andrew Norriss, *Jessica's Ghost*, literatura infantojuvenil, Fantástico.

Abstract

The translation of *Jessica's Ghost*, a novel for teenagers by Andrew Norriss, asserts itself as a contribution to the development and the enrichment of Children's and Youth's Literature in the Portuguese context.

It is a novel that may be classified as "fantastic", revolving around a plot that fuses the real and the surreal, the natural and the supernatural, whereby the main character, Jessica, is a ghost. Because of her, a group of youths bullied at school, Francis, Andi and Roland, become friends and in turn help her understand the actual reason why she continues to roam in the world of the living.

We defend Children's Literature (as a general term to cover both children's and youth's literature) as a fundamental element for the civic and cultural education of the young, and therefore its translation is an important step for its dissemination, as it targets audiences from different countries and cultures. It is necessary to encourage the translation of international works into Portuguese, as well as Portuguese works into other languages. Ultimately, through the translation of *Jessica's Ghost*, we seek to raise awareness in the academic community of the importance of including this kind of work in a broader spectrum of translation studies.

Key words: Andrew Norriss, *Jessica's Ghost*, Children's Literature, Fantástico.

Lista de abreviaturas e siglas

PT PORTUGUÊS DE PORTUGAL

BR PORTUGUÊS DO BRASIL

LP LÍNGUA DE PARTIDA

LC LÍNGUA DE CHEGADA

1. Introdução

A literatura infantojuvenil promove o sentido crítico junto do seu público-alvo, ajudando-o a refletir sobre os diferentes aspetos da vida e do mundo à sua volta. É um pilar no desenvolvimento moral, intelectual e psicológico das crianças, ajudando-as a desenvolver valores morais desde tenra idade. O contacto com a literatura infantojuvenil auxilia as crianças no desenvolvimento da sua criatividade, através de histórias de carácter imaginário, nas quais o Fantástico é a linha condutora da narrativa, e desperta nelas o gosto pela leitura e pela escrita.

É nesta perspetiva que defendemos a importância da tradução da literatura infantojuvenil, tal como Gillian Lathey argumenta em *Translating Children's Literature* (2016):

“The writing of books for children is an underestimated art, and the translation of books for children doubly so. Creating publishable children's stories appears to many to be an easy option...A text written for children or young adults may be just as demanding in its intellectual complexity, stylistic flair or thematic content as a work for adults...Such texts highlight the diversity and complexity of children's literature, the translation of which is no less challenging than translation for adults” (LATHEY, 2016:1).

Partindo desta visão propomo-nos traduzir o romance infantojuvenil, *Jessica's Ghost*, da autoria do escritor britânico Andrew Norriss. A escolha desta narrativa deveu-se ao nosso interesse pessoal pelo enredo e temáticas sociais atuais desenvolvidas no romance, como o *bullying*, a depressão, o suicídio, a pressão social negativa, o vício dos jogos de realidade virtual, a obesidade mórbida e as questões de género. Compreendemos que o autor ao utilizar o Fantástico no romance consegue levar o leitor a consciencializar-se destas temáticas através de um universo onde o real e o imaginário (também o sobrenatural) se relacionam.

Através da tradução que aqui apresentamos, pretendemos promover a consciencialização para a valorização da tradução da literatura infantojuvenil no panorama literário português.

Ao longo desta dissertação utilizaremos duas expressões recorrentes: literatura infantil, que se refere aos textos feitos para crianças e literatura infantojuvenil, que consiste em histórias direcionadas aos mais jovens.

Demos início ao nosso trabalho de tradução em setembro de 2016, tendo presentes as seguintes questões de investigação: A narrativa escolhida é pertinente para o panorama português? Ela é adaptada ao público-alvo? Andrew Norriss terá mais livros nos quais o Fantástico está presente? Que expressões diferem da língua inglesa para a língua portuguesa (PT)? Ao longo do processo de tradução fomos constatando que o texto original, pela própria estrutura sintática da língua inglesa, se posiciona num registo que por vezes não funciona em português (PT). O texto tem de ser adaptado às estruturas morfo-sintáticas e semânticas da língua de chegada (LC), com todas as suas particularidades. Existem expressões do português (PT), que iremos elencar mais adiante, que não são necessariamente literais quando comparadas com a língua de partida (LP). No meio deste processo de tradução acresce o facto da nossa língua nativa ser o português do Brasil (BR). Existem diferenças linguísticas entre a norma brasileira e a portuguesa que nos esforçamos para atenuar e acentuar a concordância entre ambas. Contudo, compreendemos que devido ao facto de sermos nativos de língua portuguesa de território brasileiro seja notória esta influência na nossa tradução, apesar do esforço despendido na uniformização do texto para português (PT).

Ao longo do nosso trabalho foram surgindo novas perguntas, que se prendem com a necessidade de sustentarmos o processo de tradução no percurso diacrónico da literatura infantojuvenil: Qual a importância da literatura infantojuvenil e como evoluiu ao longo dos séculos? Como se insere o Fantástico no panorama da literatura infantojuvenil? Qual a importância da literatura infantojuvenil no desenvolvimento das crianças? Ao longo do texto aqui apresentado desenvolvemos as questões colocadas.

É importante referirmos que, quando iniciamos o processo tradutório de *Jessica's Ghost* (2016) não existia, até então, nenhuma tradução publicada em português PT ou português BR. Contudo, em maio de 2019 deparamo-nos com uma tradução brasileira, datada de 2018, da autoria de Roberto Muggiati, intitulada

“Amigos Para Uma Vida” e publicada pela Editora Valentina, no Rio de Janeiro. Perante esta descoberta, tentámos perceber em que difere a nossa tradução da que foi publicada em território brasileiro. Que expressões utiliza a versão de Muggiati? Que expressões diferem nas duas traduções de língua portuguesa que são direcionadas a públicos diferentes? Durante a nossa análise tivemos presente a existência de diferenças culturais entre estes dois países de língua portuguesa.

Acreditamos que a nossa tradução é um contributo para o panorama literário português, e a reflexão a ela associada é uma importante ferramenta para a sensibilização e valorização da tradução da literatura infantojuvenil em contexto académico.

1.1. Metodologias

Para alcançarmos os nossos objetivos e respondermos à problematização desta dissertação foi necessário procedermos a uma pesquisa bibliográfica exaustiva. Assim, através da utilização de termos como literatura infantojuvenil, Fantástico e Andrew Norriss, procedemos a uma pesquisa na plataforma do Google Academic, na Biblioteca da FLUP e na British Library (Londres).

Desta forma foi-nos possível aceder a textos em língua inglesa, tais como *Children’s Literature – A Very Short Introduction* da autoria de Kimberley Reynolds (2011) e *A History of Childhood* de Colin Heywood (2001). Também tivemos presentes artigos em língua portuguesa, tais como “Concepção de infância e Literatura Infantil” (2009) de José Filho, “Sobre a (in)visibilidade do tradutor na tradução: algumas referências teóricas e opiniões de tradutores literários” (2008) de Narceli Piucco e “Entre a tradução e a escrita: reflexões sobre domesticação, a visibilidade, a ética e a construção autoral do tradutor” (2019) de Bianca reys e Valéria Brisolara.

Devemos destacar quatro livros que se transformaram na base de elaboração desta dissertação: *Translating for Children* (2000), da autoria de Riitta Oittinen; *The Role of Translators in Children’s Literature – Invisible Storytellers* (2010) e *Translating Children’s Literature* (2016), ambos de Gillian Lathey, e *Beatrix Potter to Harry Potter –*

Portraits of Children's Writers (2002) de Julia Eccleshare¹. Consideramos estes textos importantes para o estudo da tradução destinada ao público infantojuvenil.

Para além destes textos, ainda apontámos monografias e estudos relacionados com a literatura infantojuvenil e a sua evolução. Em língua portuguesa são exemplos, *Literatura Infantil* (2019) de Neila Gato de Souza, *A História do livro infantojuvenil em Portugal entre 1870 – 1940* (2012) de Raquel Patriarca e *A Importânciada Contação de Histórias na educação Infantil* (2018) de Keila Cristina Alves Santana. Em língua inglesa, *The Child and The Fairy Tale: The Psychological Perspective of Children's Literature* (2016) da autoria de Irene Koutsompou, *A Brief History of Fantasy* (2006) de Myrna Allen e *Children's Literature* (2015) de Clifton Fadiman.

Para além da pesquisa bibliográfica foi importante para a nossa investigação assistirmos à palestra intitulada “Peter Rabbit, Pooh, Potter: A Tale of Children's Literature”, realizada por Julia Eccleshare em fevereiro de 2018 na British Library.

Para a compreensão do autor e da sua obra foi necessária a realização de uma entrevista escrita a Andrew Norriss (2018) efetuada via e-mail, que nos forneceu informações na primeira pessoa, essenciais para a compreensão do romance *Jessica's Ghost*. O autor também nos forneceu textos auxiliares com informação acerca do processo criativo, que foram anteriormente publicados no seu blog (<http://www.andrewnorriss.co.uk>).

Para as referências bibliográficas optámos pelas normas de citação da APA. Contudo, visto estas não nos fornecerem informação quanto à citação de palestras não escritas, como é o caso da de Julia Eccleshare acima citada, optámos por citar, no corpo do texto, a autora, o dia e o local. Outro ponto que devemos destacar é a opção da primeira pessoa do plural para a maior parte da dissertação, por se considerar que o trabalho individual se estabelece sempre e só faz sentido no diálogo e colaboração estreitos com terceiros. Não obstante, no capítulo 4, onde optámos pelo uso da 1ª

¹ Jornalista, escritora e editora britânica, com ação no campo da literatura infantil do jornal britânico *The Guardian*.

pessoa do singular, uma vez que a exposição remete para uma posição de cariz mais subjetivo inerente à autora deste trabalho.

Iniciámos a nossa reflexão no capítulo 2 intitulado “A Importância da Literatura Infantojuvenil”. O capítulo 3 encontra-se subdividido em “O Género Fantástico” e “O Fantástico na Obra de Andrew Norriss”. No capítulo 4 temos uma descrição do “Carater Sociopsicológico do Livro *Jessica’s Ghost*”. No capítulo 5 referimos “As Teorias da Tradução”, nomeadamente as teorias de Hans Vermeer e Lawrence Venuti. Estas inserem-se no nosso estudo como ferramentas auxiliares para a adequação de estratégias no nosso processo de tradução. O subcapítulo “O Processo de Tradução” foi elaborado segundo uma índole mais teórica. No subcapítulo “As Traduções de *Jessica’s Ghost*”, comparamos a tradução por nós executada com aquela realizada por Roberto Muggiati. O capítulo 5 apresenta o trabalho de tradução integral da obra de Norriss, sob o título: “*O Fantasma de Jessica*”; por seu turno, em 5.1 colocamos em análise as Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças (FOFA) do texto traduzido. Devemos fazer referência à importância dos Apêndices, nos quais incluímos toda a entrevista ao autor por nós efetuada assim como os textos auxiliares por ele facultados.

1.2. Breves Considerações Bibliográficas

Este capítulo tem como intenção apresentar um breve estado da arte relativamente à literatura infantojuvenil e à sua tradução. Para isso abordámos investigações que têm como objetos de estudo estas duas dimensões, fornecendo-nos instrumentos de análise para o nosso trabalho: a tradução do romance infantojuvenil *Jessica’s Ghost*.

Nas suas investigações individuais Riitta Oittinen e Gillian Lathey abordam a ação do tradutor no processo de tradução dentro do universo da literatura infantojuvenil. Por sua vez, Julia Eccleshare dedica-se à reflexão do universo da literatura infantojuvenil.

No seu livro *Translating for Children* (2000), Oittinen afirma que não concorda com alguns pontos de vista que vêem a tradução como uma ação mecanicista. A autora valoriza a ação humana da tradução, defendendo que “Translators never translate words in isolation, but whole situations” (Oittinen, 2000: 3 – 4). Ela chama a atenção para o facto de o tradutor ter as suas próprias imagens infantis, desenvolvidas através da sua história pessoal, ou seja, da sua individualidade. É um contexto complexo pois cada individuo é influenciado pela sua história pessoal que também se insere dentro de uma história de carácter coletivo. Assim, o resultado final da tradução congrega a visão que cada um dos intervenientes no processo de tradução tem do que é ser criança, desde o tradutor ao editor (*Ibidem*). Oittinen explica: “When publishers publish for children, when authors write for children, when translators translate for children, they have a child image that they are aiming their work at (...)” (*Ibidem*: 4).

A autora explica que uma parte intrínseca de toda tradução é a parte da *situation and purpose*, que têm prioridade sobre qualquer esforço em reproduzir as intenções do autor original como algo designado. Oittinen foca especial atenção no que tradutor pretende alcançar com a tradução na língua-alvo, como também o que os jovens leitores do livro traduzido esperavam da tradução (*Ibidem*: 3).

Neste processo torna-se difícil encontrar uma definição fechada do conceito de infância, criança e literatura infantojuvenil. De forma implícita, a autora prefere apresentar diferentes visões do que é a infância, partindo do que é exposto por editores, autores e tradutores (Oittinen, 2000: 4).

Por sua vez, no seu livro, *Translating Children's Literature* (2016), Gillian Lathey compreende que a tradução de obras infantojuvenis é uma área de complexidade crescente e um trabalho não menos desafiador do que traduzir para adultos. A autora defende que os tradutores são as pontes que dão ao leitor acesso ao mundo criado por cada escritor (LATHEY, 2016: 11).

Lathey apresenta-nos uma análise das principais obras clássicas escritas para crianças por Christian Andersen e pelos Irmãos Grimm, abordando a importância desses primeiros textos e das suas traduções para a evolução da literatura

infantojuvenil até à atualidade, uma vez que defende que à medida que as crianças amadurecem física, mental e emocionalmente, os seus requisitos em relação ao conteúdo da matéria da leitura também mudam (*Ibidem*: 6).

Segundo Lathey, o processo tradutório já se encontra implementado no quotidiano de muitas famílias. Para as muitas crianças que vivem em sociedades multilíngues, como, por exemplo, a Suíça e o Canadá, a tradução falada ocorre diariamente. Neste contexto o interesse e o envolvimento prático das crianças na tradução é “um facto natural da vida” e um fenómeno à escala global (*Ibidem*: 10).

No seu livro, *The Role of Translators in Children’s Literature – Invisible Storytellers* (2010), a autora defende conceitos relevantes sobre a tradução literária e a sua importância no panorama atual. “Why does literary translation matter?” é a pergunta central que Lathey responde, de maneira breve:

“Because it is pivotal to international cultural exchange; because the transition of a text from one language to another registers ideological differences between countries and cultures; and because to anyone interested in language (...), translation involves a deep engagement with the building blocks of ‘wording, meaning and sounding’ that makes any language unique” (LATHEY, 2010: xv).

Por sua vez, Julia Eccleshare enfatizou na sua palestra intitulada *Peter Rabbit, Pooh, Potter: A Tale of Children’s Literature*, realizada em fevereiro 2018 na British Library, a importância da literatura infantojuvenil através de autores ingleses do século XX. Esta jornalista destacou obras como *The Tale of Peter Rabbit* (1866) de Beatrix Potter; *The Hobbit* (1937) e *The Fellowship of the Ring* (1954) de J. R. R Tolkien e outros autores como Enyd Blyton, C. S. Lewis e Roald Dahl. Eccleshare, no seu livro *Beatrix Potter to Harry Potter – Portraits of Children’s Writers*² (2002), afirma:

“In a world driven at a different pace and with any number of alternative options, it might seem likely that children’s expectations of books would be different but, of all

² Livro publicado para acompanhar a exposição com o mesmo título realizada em 2002 na National Portrait Gallery (Londres), e que tinha como objetivo celebrar um século de autores de Literatura Inglesa Infantojuvenil (1900-2000).

forms of entertainment, books seem to be the most enduring (...). All children from all times want to be entertained by good stories. They want to dream and to travel; they also want to learn and to understand more about the world around them and their own role within it” (ECCLESHARE, 2002: 130, 131).

A autora relata que à medida que o século XX terminava, começavam a aparecer novos mundos e magia nas narrativas para as crianças. Eccleshare afirma que, “These histories of magic and fantasy make demands on readers, demands to which they rise eagerly”. A autora diz que é o caso dos autores J.K. Rowling e Paul Pullman, que escrevem romances longos que encantam o público infantojuvenil. A autora explica que o efeito que as histórias e os romances tem nos jovens leitores é que “(...) make them think about character, plot and intention – just like Dickens did for generations before radio and television” (*Ibidem*: 131).

Não obstante, acreditamos que a intenção das investigações de Oittinen, Lathey e Eccleshare aqui propostas, abordam questões relevantes em relação aos estudos sobre a valorização da tradução da literatura infantojuvenil na contemporaneidade.

2. A Importância da literatura infantojuvenil

Para compreendermos o contexto em que surge o romance *Jessica's Ghost* consideramos necessário abordar a literatura infantojuvenil na sua diacronia, uma vez que sofreu evolução ao longo dos séculos. Neila Gato de Souza explica que a literatura infantil teve a sua origem “(...) nos contos populares (...), eram contadas oralmente e foram passando de geração a geração até chegarem aos livros” (SOUZA, 2019:29). Face ao contexto social, político e cultural da Idade Média, a literatura direcionada a crianças, como hoje a entendemos, era inexistente (*Ibidem*: 29 – 30).

No início do século XVII, o pedagogo checo, Jan Amos Comenius (1592 – 1670), escreveu o livro *Orbis Sensalium Pictus* no qual apresentava texto e gravuras, tornando-o apelativo para o público mais jovem. Cave e Ayad explicam que: “*Orbis Sensalium Pictus* is, in essence, a picture-book encyclopaedia of the visible world. The effectiveness of its teaching came from Comenius’ arrangement of topics, and the clear, uncluttered text and pictures” (CAVE; AYAD, 2007: 72, 78-79).

Ainda no século XVII, o poeta e fabulista francês, Jean de La Fontaine (1621) publicou em 1668, as célebres *Fábulas*, enquanto reescrita moderna do modelo esopiano. São histórias infantis divertidas centradas em animais, escritas em linguagem simples, e caracterizadas por apresentar valores morais através de uma crítica social de vícios como a vaidade, a estupidez, a agressividade e a ganância humanas. Exemplos dessas histórias são: *A Cigarra e a Formiga*, *A Raposa e a Cegonha*, *A Lebre e Tartaruga*, *Raposa e as Uvas*, entre outras (MOTTA, 2013: 3, [wwwinfoescola.com/literatura/literatura-infantil-estrangeira, 24/07/21, 20h00]).

Perante o contexto social e cultural do século XVIII constata-se o desenvolvimento de uma nova concepção de família e do conceito de infância, causando um processo de descobertas ao redor da criança e das suas necessidades física, social, emocional e linguística. A pedagoga Keila Santana explica:

“(...) o surgimento de uma nova forma de se organizar a família e enxergar a criança, a literatura infantil emerge como um instrumento para a Pedagogia, pois grandes

educadores da época assumem a responsabilidade de criar uma literatura voltada para crianças e jovens(...)” (SANTANA, 2018: 10).

A literatura infantil assume-se como um gênero literário juntamente com o desenvolvimento da concepção da criança na sociedade do século XVIII. José Nicolau Filho explica que:

“Quando se procura buscar a origem da chamada Literatura Infantil, pode-se perceber a sua origem no século XVIII, já que alguns textos como contos de fada já foram adaptados nessa época para atender à educação dos pequenos, textos esses que procuravam transmitir valores morais para a sua educação” (FILHO, 2009:107).

Inicialmente é na Europa que a Literatura Infantil vai tomando o seu lugar no decorrer da história e ganhando forma como gênero literário. As histórias e narrativas tradicionais, contos passados de geração em geração pela oralidade, foram recolhidos na Europa no fim do século XVII pelo francês Charles Perrault (1628) e no início do século XIX, na Alemanha, pelos irmãos Jacob and Wilhelm Grimm (Jacob 1785; Wilhelm 1786), nos seus respectivos países. Perrault registava por escrito histórias e contos populares, com uma linguagem literária. Em 1697 publicou o livro *Os Contos da Mãe Gansa*, que reunia diversas histórias, como *A Bela Adormecida*, *O Capuchinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *Cinderela*, *O Polegarzinho*, *Barba Azul* e *As Fadas* (Cf. https://www.ebiografia.com/charles_perrault/, acesso 20/07/21, 12:09).

Colin Heywood afirma, no seu livro *A History of Childhood* (2001), que os pensadores do século XVIII renovaram a visão ideológica acerca da educação infantil e das necessidades gerais das crianças, aproximando-se dos nossos conceitos contemporâneos. Afirma Heywood: “They confidently asserted that children are important in their own right, rather than being merely imperfedted adults” (HEYWOOD, 2001: 23). O autor desenvolve que “From the time of the Renaissance, in particular, parents in the upper and middle ranks of society made every effort to ensure that the young acquired good manners and all the other conventional signs of superior breeding” (*Ibidem*: 92).

Durante o século XVIII uma figura marcante na construção da infância foi o filósofo iluminista suíço Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778), que teve influência na renovação do pensamento sobre a infância, a criança e a educação. Rousseau escreveu o livro *Emílio, ou Da Educação* (1762), uma obra filosófica sobre a relação do indivíduo com a sociedade, onde o autor defende que a criança nasce inocente e livre, pelo que se propõe a definir estratégias e métodos em como educá-la adequadamente, de maneira a cultivar e desenvolver os seus dotes naturais. Heywood sublinha também o facto de Rousseau favorecer uma educação das crianças que lhes permitisse desenvolver qualidades como a bondade, o carácter moral e a pureza do instinto (HEYWOOD, 2001: 24).

Os conceitos de infância e educação vão-se desenvolvendo, juntamente com o género literário infantil, durante o século XIX. É então que as crianças começaram a ter mais opções literárias à sua disposição. Raquel Patriarca explica que, “A criança entendida como consumidora de livros literários ou de elementos literários produzidos consciente e especificamente para si não existe antes do século XVIII na Europa(…)” (PATRIARCA, 2012: 43). A autora menciona que a criança vai ganhando um reconhecimento particular da sua condição nos diversos aspetos da vida quotidiana. Anteriormente existia “uma ausência de espaços individualizados para adultos e crianças que se fazia sentir no domínio físico como no domínio filosófico” (*Ibidem*, 2012: 44).

Com o desenvolvimento do espaço da criança na sociedade, a infância tornou-se cada vez mais protegida e os elementos que causavam terror e medo contidos nas histórias foram sendo diluídos na literatura para o público mais jovem.

Através da mudança social decorrida ao longo dos séculos, a criança e as suas necessidades afirmam-se no seio familiar e social. Tal levou ao desenvolvimento da literatura infantojuvenil, que pode ser entendida como uma ferramenta na educação. No séc. XX assiste-se a um grande impulso na produção literária para os mais jovens, destacando-se obras como *Peter Rabbit* por Beatrix Potter (1902), *Winnie-The-Pooh* por A.A. Milne (1920), *The Hobbit* por J.R. Tolkien (1937), *The Lion, The Witch and The Wardrobe* de C.S. Lewis (1950) e a saga *Harry Potter* por J.K. Rowling (1998).

O universo infantil é construído pela imaginação. As suas potencialidades são utilizadas por muitos autores no processo criativo da redação dos seus livros, nos quais as crianças encontram mundos imaginários. Neste sentido, entendemos ser importante que a comunidade infantil seja estimulada para a valorização da literatura infantojuvenil, um importante elemento na formação do jovem leitor, como nos confirma Isabella Moretti:

“A leitura é um hábito que deve ser estimulado desde a infância (...) despertar nas crianças desde cedo, a vontade de ler e desenvolver a imaginação através de histórias (...). A literatura infantil tem um propósito que vai além da alfabetização. Por meio de histórias que mexem com o imaginário, as crianças entram em contacto com diferentes culturas e aprendem a lidar com as emoções” (MORETTI, 2018: <https://viacarreira.com>).

Para que a criança veja o seu potencial criativo valorizado é necessário que este seja estimulado. A literatura desenvolve a consciência crítica e incentiva nos mais jovens a capacidade de observação do mundo e da sociedade na qual vivem. Permite ainda que a criança desenvolva valores morais dentro da sociedade. Trata-se de um processo diário de aprendizagem e crescimento, no qual a criança desenvolve a escrita, a leitura e a crítica, permitindo-lhe através da sua capacidade de reflexão e percepção do mundo presente. A literatura Fantástica faz parte deste processo.

3. O Género Fantástico

O Fantástico é um género literário usado nas narrativas ficcionais compostas por elementos sobrenaturais, imaginários, produzidos pela ilusão dos sentidos, distantes da realidade do homem. Tzvetan Todorov desenvolve o conceito do Fantástico no seu livro *Introdução à Literatura Fantástica* (1981). É segundo a sua visão que este conceito tem sido desde então entendido e analisado. Para Todorov, quando um autor desenvolve este género

“(…) deve optar por uma das soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos.” (TODOROV, 1981:15).

Ainda nesta perspetiva, o Fantástico encontra-se num tempo incerto. O escritor, no seu processo criativo, pode tanto entrar num mundo “estranho” ou “maravilhoso”, pois o Fantástico é a incerteza, “(…) experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. É na incerteza entre um acontecimento que decorre de causas naturais ou sobrenaturais que é criado o efeito do *Fantástico*” (*Ibidem*: 15 – 16).

O Fantástico tem assim um efeito sobre o leitor: pode causar medo, horror, curiosidade ou apelar à emoção. Exemplo disso é a história do livro *Jessica's Ghost*. O Fantástico não surge aqui como uma história de terror, mas sim como um enredo que desmistifica a própria mistificação do Fantástico através da inserção de questões sociais. O Fantástico torna-se, pois, mediador entre o real e o imaginário, incentivando o leitor a compreender o mundo das personagens, a partir do qual adquire ferramentas para a compreensão do mundo real. Nesta narrativa o autor utiliza a personagem de Jessica, um fantasma, para chamar a atenção para questões como a depressão ou o suicídio entre os jovens. Insere no enredo outras personagens do mundo real que conseguem ver Jessica, pois deparam-se com problemas sociais que não conseguem resolver sozinhos, mas sim em grupo. A grande amizade de Francis, Andy e Roland com Jessica torna-se a forma encontrada para que todos consigam

ultrapassar esse período mais obscuro das suas vidas. Numa das passagens, o autor narra a reação de espanto e medo de Roland ao descobrir que Jessica era um fantasma. No seu quarto Roland viu-a flutuar através da mobília e, simplesmente, ficou assustado, desmaiando em seguida (NORRIS, 2016: 125).

No seu artigo intitulado “A Brief History of Fantasy” (2006) Allen apresenta-nos uma breve diacronia do Fantástico na literatura infantojuvenil. A autora refere as origens do Fantástico, na vertente do imaginário que se liga intrinsecamente à fantasia, na mitologia: “The supernatural quality of mythology would become one of the elements of fantasy (...)” (ALLEN, 2006: <https://ojs.library.dal.ca>).

A autora dá como exemplo a história de *Prometheus*, que roubou o fogo aos deuses para o entregar aos mortais. Este elemento não era entendido como o fogo que aquece, mas como o conhecimento que é dado a raça humana. Como castigo, Zeus, o pai dos Deuses, ordenou que *Prometheus* fosse acorrentado na Montanha do Cáucaso por 30.000 anos. Diariamente viria uma águia para lhe comer o fígado, causando-lhe dores agonizantes. Mas também a cada dia, este órgão se regenerava para dar início a um novo ciclo de agonia. Já no contexto da literatura anglo-saxónica, Allen lembra igualmente origens do Fantástico no poema épico *Beowulf* (c.700), onde abunda uma tradição de elementos sobrenaturais como bruxas, monstros ou dragões (*Ibidem*).

A mesma tradição da alegoria fantástica surge em obras capitais já do século XVI, com *The Faerie Queene* de Edmund Spenser, reverenciando a figura idealizada de Isabel I, e com William Shakespeare, no mundo imaginário de fadas de *A Midnight's Summer Dream* (1595) ou *The Winter's Tale* e *The Tempest*, já no início do século XVII. No século XVIII, Jonathan Swift escreve *Gulliver's Travels* (1726) em quatro distintas que fazem uma alegoria sociedade europeia da época a decorrer em mundos imaginários.

Amanda Frattucci (2017) explica que foi a partir de meados do século XVIII e no início do século XIX que surge na Europa, nomeadamente na Inglaterra, uma literatura de horror com a presença de elementos sobrenaturais, que viria ser uma grande

influência na formação do gênero Fantástico. Por exemplo, E.T.A. Hoffmann é um nome incontornável no romantismo alemão, distinguindo-se talvez *O Quebra-Noz e o Rei dos Camundongos* (1816) como a sua obra mais conhecida, que deu origem ao célebre *ballet* de Tchaikovsky *O Quebra-Noz*.

Contudo, a Literatura Gótica surge em 1764, com a publicação do primeiro romance gótico, *The Castle of Otranto*, do escritor inglês Horace Walpole. Esse gênero possui elementos comuns de uma literatura assente em elementos que causam medo, tensão e segredos ocultos, cujas histórias se passam em sítios escuros, como castelos, mansões, masmorras e quartos secretos. Frattucci diz que “o castelo gótico assume, portanto, uma importância vital em textos góticos. Será nesse cenário que as histórias de fantasmas, vampiros, monstros, bruxas e demônios se desenvolverão” (FRATTUCCI, 2017: 1838, 1839). Outros autores contribuíram para a formação dessa literatura gótica em território inglês, tais como Ann Radcliffe, autora de *The Mysteries of Udolpho* (1794), Mary Shelley que escreveu a relevante obra *Frankenstein* (1818), e Charlotte Brontë que publica *Jane Eyre* em 1847. Em território norte-americano, destacamos o autor Edgar Allan Poe, autor de obras góticas como, *The Fall of the House of Usher* (1839) e o poema *The Raven* (1845).

Por sua vez, no século XX, Edith Nesbit adapta a tradição do Fantástico aos seus textos, como em *A Book of Dragons* (1900) e *Five Children and It* (1902). Esta autora escreve sobre a infância, sobre a colisão do mundo mágico com o mundo comum, ao contrário do que acontecia até então nas histórias que tinham um caráter moralista. Ela escrevia livros de ficção sobre um novo gênero de aventuras mágicas, situadas em lugares quotidianos: “(...) what would happen when magic popped up in a child’s everyday life” (ALLEN, 2006: <https://ojs.library.dal.ca>).

Já no século XX, Tolkien escreveu *The Hobbit* (1937), que deu início a uma trilogia, *The Lord of The Rings* de 1954. Um mundo composto por anões, elfos, duendes, fadas, cavaleiros e monstros, em que o confronto entre as forças do Bem e do Mal, exprimem a luta pelo controlo do futuro da Terra, numa era de vivências semelhantes às da Idade Média. A trilogia acompanha o jovem hobbit Frodo Baggins

na sua missão de destruir “o anel”, certificando-se também da destruição do seu criador, o Senhor das Trevas, Sauron. Allen explica:

“These titles helped forge a clear identity for the fantasy genre and are considered modern epics. (...). During this time period, fantasy became more sophisticated, affected by the development of science and technology (...). This revised view of the world (...) opened the human mind to much of what fantasy offers: supernatural proceedings, time-shifts, and other worlds” (ALLEN, 2006: <https://ojs.library.dal.ca>).

De facto, a idade de ouro do género Fantástico inicia-se a partir das décadas de 50 e 60 do século passado. Exemplos disso são *The Chronicles of Narnia* (1950), da autoria de C.S. Lewis, mas também, *Charlie and the Chocolate Factory* (1964), da autoria de Roald Dahl. A partir da década de 70, as histórias fantásticas entram definitivamente para as listas de *best-sellers* mundiais, sendo traduzidas em várias línguas. Exemplo disso é *Howl’s Moving Castle* (1986) de Diana Wynne Jones; *The Song of the Lioness*, de Tamora Pierce que a escreveu entre 1983 e 1988, e a famosa saga de *Harry Potter* (1997) de J.K. Rowling (*Ibidem*).

Desde a publicação do primeiro de sete livros da saga *Harry Potter*, em 1997, a história ganhou uma grande popularidade e aclamação por parte da crítica. Tornou-se num sucesso literário, cinematográfico e comercial por todo mundo. A série narra as aventuras do jovem Harry Jones Potter, que aos 11 anos recebe a notícia de que é bruxo e parte à descoberta desse mundo com Ronald Weasley e Hermione Granger, lutando contra Lord Voldemort, o bruxo das Trevas.

No século XXI as crianças e jovens têm, em muitos casos, o primeiro contacto com estas histórias a partir das suas adaptações ao cinema. Mais tarde, muitos destes expectadores procuraram os livros. Assim, o cinema tornou-se também num meio de divulgação deste tipo de literatura.

Compreendemos que o Fantástico pertence ao mundo da ficção e do imaginário. Possibilita a criação de histórias mágicas, encantadoras ou assustadoras, desenvolvendo a imaginação das crianças e promovendo a aquisição de ferramentas

de adaptação emocional em diferentes situações que o leitor poderá utilizar no mundo real, aprendendo a lidar com diferentes desafios.

3.1. O Fantástico na Obra de Andrew Norriss

Andrew Norriss (Dingwall, Scotland, n.1947) é um escritor britânico que teve a sua formação base na St. John's School, em Leatherhead, Surrey. Prosseguiu os seus estudos superiores na Trinity College Dublin (1966 – 1970) e foi professor na Stroud School, em Romsey.

Norriss formou-se ainda em PGCE³ na Winchester University (1913 – 1974) e lecionou História na Peter Symonds College (1974 – 1985). Enquanto lecionava, começou a escrever séries televisivas e histórias infantis, juntamente com o roteirista britânico Richard Fegen. Desta parceria resultou a série de comédia televisiva, *The Brittis Empire*, originalmente criada em 1991.

Andrew Norriss é um escritor que inscreve no Fantástico as suas narrativas envoltas em aventura e mistério, munindo-as de uma forte carga emocional, num tipo de escrita direcionado para o público juvenil. Ao longo da sua carreira Norriss ganhou vários prémios literários infantis, tais como o Prémio *The Whitbread Award* 1997 pelos seus livros *Aquila* e *Aquila 2*, que foram adaptados para uma série infantil televisiva da BBC. Ganhou o Prémio *UKLA Book Award* 2014 pelo seu livro *Archie's Unbelievably Freaky Week* e é ainda de destacar que o seu livro *Jessica's Ghost* ganhou o *The South Book Award* 2017 e foi nomeado para o *The Costa Children's Book* 2015 (Cf. <https://anorrissbooks.wordpress.com/books-by-andrew-norriss/jessicas-ghost/>; <https://anorrissbooks.wordpress.com/childrens-book-awards/>, em 01/07/20, às 16:37).

Inseridas na sua vasta obra, destacamos as seguintes narrativas nas quais o Fantástico está presente: em *Bernard's Watch* (2001) Norriss narra a história de Bernard, que recebe da Tia Beatrice um relógio com o poder de parar o tempo.

Em *The Portal* (2007), conta a história dos irmãos William e Daniel Seward que um dia se apercebem do desaparecimento dos seus pais e descobrem a existência de

³ Post Graduate Certificate of Education: Qualificação formativa que permite lecionar em escola públicas.

um portal intergaláctico por detrás da porta do escritório do seu pai. Os rapazes têm dois desafios a enfrentar: Onde estarão os seus pais? E agora, o que devem fazer?

Em *Aquila* (2015) é relatada a história de dois amigos, Tom e Geoff, que descobrem uma antiga máquina voadora durante um passeio escolar. Os rapazes decidiram descobrir mais sobre a máquina e desesperados por a manter em segredo, voltam ao local onde a encontraram e conseguem fazê-la voar. A partir deste momento começam a fazer viagens incríveis numa nave espacial que tem o poder de os tornar invisíveis.

Na entrevista escrita⁴, o autor menciona algumas leituras pessoais que serviram de pano de fundo na sua formação e escrita, destacando livros como: *The Secret Garden* da autoria de Frances Hodgson Burnett, *Emma* de Jane Austen, *Captain Courageous* de Rudyard Kipling e *The Last Battle* de C.S. Lewis, que influenciaram o seu desenvolvimento enquanto escritor e o uso que faz do Fantástico. Por exemplo, no romance *The Secret Garden*, Norris refere que o centro da narrativa passa pelo facto do jovem Colin ser doente e estar preso a uma cadeira de rodas. No decorrer da ação Colin descobre o seu processo de cura: o jardim secreto, onde há ar fresco e magia. Contudo, a cura reside na capacidade de Colin pensar de forma mais positiva. Norris diz: “(...) the book is very definite that the ‘magic’ comes from somewhere else. That the real reason Colin recovers the ability to walk is that he finds he can change his life by *thinking* something different.” Andrew Norris acredita que o que pensamos de positivo ou negativo pode afetar profundamente a nossa saúde.⁵

Outro exemplo é o romance *Captain Courageous*, que nos conta as peripécias de Harvey, um rapaz rico e mimado. Ao cair de um transatlântico é resgatado por uma escuna pesqueira. Norris menciona que Harvey, “(...) is then made to actually *work* until the boat gets back to port at the end of the season (...)”. Esta personagem aprende o respeito para com os seus colegas num mundo até então por si

⁴ Ver Anexo 1, pp.193 – 198.

⁵ Ver texto auxiliar Game Changers, Apêndice 6, pp. 211 – 214.

desconhecido, onde o contributo do trabalho vale mais do que o *status quo* social e a riqueza.⁶

Norriss refere-nos no seu texto auxiliar que denomina de “Ghost Stories” as histórias de fantasmas que sempre o fascinaram, acreditando que as narrativas assentam na ideia de que estes espíritos são pessoas presas a este mundo. O autor considera *The Canterville Ghost* (1887), de Oscar Wilde, a primeira narrativa a desenvolver esta ideia, entendendo-o como uma importante influencia na escrita do romance *Jessica’s Ghost*, onde a morte surge como um território do Fantástico. A narrativa centra-se ao redor da família Otis que vai viver numa casa assombrada há 300 anos. O fantasma, Sir Simon, está cansado de penar e deseja seguir em frente para o seu descanso no mundo dos mortos. Pede ajuda a Virginia, a corajosa e amável filha da família Otis, que não tem medo de Sir Simon e assim decide ajudá-lo. Nesta narrativa a morte não é um elemento assustador, pois está relacionado com a gentileza de Virginia, que ao ajudar Sir Simon o liberta para o seu descanso eterno.

Por sua vez, em *Jessica’s Ghost*, Norriss explica-nos que a personagem principal não é assassinada. Esta fica intrigada ao descobrir que é um fantasma, não sabendo o que é que lhe aconteceu, nem o que fazer a seguir. Jessica conhece os três amigos, as únicas pessoas que a conseguem ver e com quem se comunica, sentindo que algo a impede de seguir em frente. Ao longo da história decorrem acontecimentos que a conduzem à descoberta da verdade e a perceber a razão pela qual ela ainda permanece junto ao hospital.

Na linha da narrativa de *Jessica’s Ghost*, Norriss escreve ainda a obra *Mike* (2018), na qual ele narra a história de um rapaz chamado Floyd, que é uma estrela no mundo do ténis júnior. Aparentemente, Floyd é o único que consegue ver e ouvir Mike, um rapaz que não é real. Os pais de Floyd ajudam-no a descobrir o que está a acontecer e ao encontrar-se com um psicólogo, a criança descobre quem Mike realmente é, o que ele quer e o que está a tentar dizer-lhe. A narrativa deste romance infantojuvenil segue a mesma linha da literatura Fantástica em que o mistério se alia a

⁶ Ver texto auxiliar Game Changers, Apêndice 6, pp. 211 – 214.

elementos imaginários. Floyd enfrenta desafios que enche a narrativa de muitas reviravoltas e suspense, sendo questionado sobre as suas escolhas de vida e sobre quem ele é.

Como podemos verificar, Andrew Norriss compreende a influência que a literatura infantil associada à utilização do Fantástico pode ter no desenvolvimento dos jovens. Norris menciona que, durante a sua infância e adolescência lia três ou quatro livros por semana. Nas suas palavras:

“I read pretty much anything, (...) I read books that made me laugh, or were exciting, or were supposed to be for girls, or were set in the past, or in space – but occasionally I came across a book that didn’t just amuse me, but did something else as well. It made me stop and think. These were the books that, once you’d read them, meant the world you saw was never quite the same” (Cf. Apêndice 6: 211).

Quando questionado acerca das suas expectativas e intenções com a mensagem contida no romance *Jessica’s Ghost*, se ele pensa que pode fazer alguma diferença, Norriss responde:

“The absolute number one priority is to tell a good story. But of course, all stories will reflect the values of the person who is writing it, (...) And can it make a difference? I don’t know...But I know that books I read made a difference to me, so perhaps my story will maybe sway someone’s attitude one day in some way...” (Cf. Anexo 1: 197).

Em suma, percebemos com esta breve exposição, que o contato que o autor teve com histórias com base no Fantástico durante a sua infância o influenciou na sua escrita.

3.2. Carácter Sociopsicológico: o processo de escrita de *Jessica's Ghost*

Tivemos a oportunidade de entrevistar Andrew Norriss acerca de suas expectativas ao escrever *Jessica's Ghost*, na sua abordagem de questões menos comuns e até difíceis de tratar. Um dos tópicos mencionados na entrevista foi o sobrenatural, nomeadamente, como os jovens lidam com essa dimensão. Norriss refere:

“Can’t say I took this very seriously. It was meant to be a sort of fun ghost story at the start, but the bit I *was* serious about was the idea that we continue in some form after we die. I am not sure why I am so definite about this, but Jessica going off into the light was to me, exactly what should and would happen to her” (Cf. Anexo 1: 194).

Na opinião de David Fickling, proprietário da editora David Fickling Books, que publicou o livro de Norris: “*Jessica's Ghost* is about kindness and friendship, and the process of self-discovery that enables any of us to cope with the loneliness of the human condition” (Cf. Apêndice 3: 206).

Quando entrevistado sobre a narrativa e a linguagem do livro, o autor explica no seu texto auxiliar “To Plan or not to plan”, que começou a escrever o livro como uma experiência e ficou surpreendido com o resultado. Norriss diz: “(...) I sat down each day and pretty much wrote whatever came into my head. (...) The story that came out is pretty much the one you can read in *Jessica's Ghost*...and I liked it. I thought it was rather good” (Cf. Apêndice 2: 203 – 204).

Norriss escreve um romance para jovens leitores e aborda problemáticas contemporâneas do universo infantojuvenil de uma forma aberta. É uma narrativa de laços de amizades improváveis entre três jovens e Jessica, uma amiga incomum, que é um fantasma. Através das experiências que compartilham, os jovens e Jessica aprendem algo valioso: ser diferente não tem mal nenhum. Francis, Andi, Roland e Jessica enfrentam os seus desafios e ajudam Jessica a se lembrar de como morreu e o que precisa fazer para seguir o seu caminho no pós-morte.

Ao questionarmos o autor sobre como evoluiu a temática narrada no seu romance ele refere-nos que “*Jessica's Ghost* had so many things”. Por um lado, o autor

trata de questões sociais sérias que estão inseridas no universo infantojuvenil e que são vividas nos dias atuais. Por outro lado, o autor descreve as mesmas questões num tom leve e agradável, focando-se na importância de todos serem diferentes, sem minimizar os problemas advindos dessa condição. O autor refere-nos:

“(...) *Jessica’s Ghost* is about... something we all know – that life can sometimes be an unbearably painful business – but the real emphasis is on the things that, despite this, make the game of life worth playing. Friendship, kindness, laughter, love, healing... (...). I’d like to think that Jessica’s story is a reminder that, however dark life gets, you never really know what’s around the corner, what can change, or who will appear with a light to help you tread safely into the unknown” (Cf. Apêndice 8: 218).

A tomada de consciência destes problemas é importante para a compreensão do romance, na medida em que o autor conseguiu criar uma história das dificuldades vividas por muitos jovens atualmente. Poderia evocar-se na obra um certo compromisso social perante a responsabilidade de chamar a atenção do leitor para a existência das diferenças relativamente ao dito “normal” dentro da sociedade. Estas diferenças estão plasmadas na narrativa de *Jessica’s Ghost* nas situações de *bullying*, de auto-imagem distorcida devido a problemas de obesidade, de depressão e de suicídio.

Em *Jessica’s Ghost* o autor utiliza o Fantástico como forma de abordar a problemática da depressão ou o “Black Dog”, na expressão que Norris explica como:

“A lot of people go through life without ever meeting the Black Dog, but many of us get to know him all too well. It can start at an early age and is, I am told, affecting an increasing number of children in today’s pressured society. (...) ... Who would want to read a book about being depressed? (...) And then, to my considerable surprise, this was exactly what turned out to be a theme in *Jessica’s Ghost*. (...) Fortunately, my characters were smart enough to find a way out of the abyss and the book is mostly about how they did it” (Cf. Apêndice 7: 215).

Norris utiliza a personagem de Roland como exemplo dos jovens que vivem na realidade virtual dos jogos, esquecendo-se das relações interpessoais, ou seja, torna-se a personificação do isolamento social, numa fase inicial do texto. Roland é guloso,

obeso e sofre de depressão que o paralisa e impede de ter uma vida social saudável, refugiando-se na realidade virtual, que o aliena do mundo real. Neste contexto, Norris comenta que: “(...) such an appetite could be so distorted, and with such damaging consequences” (Cf. Anexo 1: 194).

Esta personagem é também a impulsionadora da procura da verdadeira razão pela qual Jessica está morta e ainda permaneça na dimensão dos vivos, interagindo com alguns deles. Roland entendia a confusão que Jessica sentia e como ela esperava que alguém lhe dissesse o que fazer a seguir e por isso voltava sempre para o hospital:

“(...) Roland smiled apologetically at Jessica. ‘But you are not supposed to be here, are you? (...) Dead people aren’t supposed to stay around earth, (...) When you die, you’re supposed to move on. That’s what you were expecting to do, wasn’t it? At the hospital? When you said you had the feeling someone should come and tell you what to do next, but nobody did?’ (NORRIS, 2016: 126 – 127).

Roland aprendeu muito sobre o sobrenatural nos livros que leu sobre fantasmas, vampiros, vodu e magia negra. Baseado no conhecimento adquirido ele procurou ajudar a amiga Jessica: “The only thing I can think of is that we’re supposed to help her in some way”, said Roland. ‘Like I told you, she’s not supposed to be here, so maybe it’s our job to help her get to wherever she *is* meant to be” (*Ibidem*: 130).

Uma das personagens centrais de todo o enredo é Francis. A narrativa é iniciada com ele, sendo o primeiro a ter contacto com Jessica e tornando-se no elo de ligação inicial entre as outras personagens e o fantasma. Ao longo de toda a ação, o autor retrata a personagem Francis como sendo um rapaz sensível e com gostos peculiares para a sua faixa etária. Tem um quarto de costura onde cria roupa e estuda as várias fases da moda mundial. Tal caracterização pode levar o leitor para a criação de um estereótipo de identidade de género. Norris comenta que: “Being “different” in such a dramatic way must be so tough. I think, looking back on it, that Francis in my book is probably gay, but it didn’t seem necessary to bring that out into the open” (Cf. Anexo 1: 194).

Neste sentido, compreendemos que apesar de não ser uma preocupação do autor assumir a possível homossexualidade desta personagem, pode ser uma questão abordada e incluída nos “tabus” apontados ao longo da narrativa.

“I am glad I never had to face this one myself. Being ‘different’ in such a dramatic way must be so tough. I think, looking back on it, that Francis in my book is probably gay, but it did not seem necessary to bring that out in the open” (Cf. Anexo 1: 194).

A personagem que surge como um elemento de resolução do mistério da presença de Jessica é Lorna Gilchrist. Ela apresenta-se como uma vítima de *bullying* que tenta o suicídio, o qual é evitado graças à ação de Jessica e Francis (NORRISS, 2016: 214 – 217). Esse acontecimento ajudou Jessica a perceber o motivo que a levou a vagar um ano, desorientada, pelo mundo dos vivos (*Ibidem*: 11; 26).

No romance de Norriss o *bullying* não é apenas retratado física, mas também psicologicamente, ao ponto de causar depressão e eventualmente o suicídio em alguns jovens. Francis, Andi e Roland sofrem de *bullying* na escola porque são considerados “diferentes”, ou seja, jovens que não se encaixam no que é considerado “normal”. Andi sofre porque não é feminina o suficiente e age como “maria-rapaz”. Numa conversa com a Sra. Meredith, mãe de Francis, a Sra. Champion,⁷ mãe de Andi, justifica este facto por a filha ter crescido rodeada de rapazes, e explica que a situação se complicou com o seu crescimento:

“(…) But now she’s older it’s all got more difficult. The boys don’t want her around because she’s a girl, and the girls don’t want her because, well, she’s not girly” (*Ibidem*: 62).

Também Lorna Gilchrist foi uma vítima de *bullying*, nomeadamente através de mexericos divulgados nas redes sociais, que por sua vez provocavam situações negativas na escola, que a levou ao ponto de tentar cometer suicídio no parque de

⁷ No romance de Norriss, há uma dinâmica entre as mães de Francis e Andi, que se entrelaçam e são solidárias relativamente às dificuldades que os seus filhos enfrentam na escola. As duas passam a criar um negócio de produção e venda de cerâmica artesanal, sendo a Sra. Meredith a artesã e a Sra. Champion a vendedora: “(…) the idea that the two women should team up had occurred to them both at almost the same time.” (NORRISS 2015:80).

estacionamento do hospital onde Jessica passava a noite (NORRISS, 2016: 202 – 205; 227 – 228). O autor diz, “I knew nothing about suicide before I started the book, and all the talk of the harm done by facebook, snapchat, etc. But I read about it, of course, and tried to do enough research not to be too obviously ignorant” (Cf. Anexo 1: 194).

Na entrevista, Norriss confessa que pretendeu criar na personagem de Jessica, vítima de suicídio, o propósito de impedir que outros fizessem o mesmo. Havia mais alguém para salvar, Lorna Gilchrist, e se Jessica a ajudasse, ela poderia seguir em frente.⁸ Depois de ter descoberto a sua missão e de tê-la cumprido com sucesso, graças à ajuda dos amigos, Jessica dá-se conta de que não pode mais permanecer neste mundo e que é altura de partir:

“Jessica? ‘ Francis sounded thoroughly alarmed. What’s happening?

But Jessica did not answer. (...)

I’m sorry, she said. ‘I think I have to go now.

Go? Go where? The light from Jessica’s body was now bright enough to make his eyes water, and it was a moment before he understood what she meant. ‘Oh... oh, you mean...go!” (NORRISS, 2016: 221 – 222).

Contudo, a partida de Jessica não deixou de ser um processo difícil, pois ela tinha trazido grandes mudanças e melhorias para a vida de cada um dos membros do grupo. “After Jessica was gone, they found it was hard to get used being without her. For the last five months, Jessica had been a very important friend in their lives, who caused many changes in their lives” (*Ibidem*: 249 – 250).

Norriss resume, de forma clara e sucinta, na fala da personagem de Francis, a descrição do carácter sociopsicológico de Jessica Ghost:

“So many changes and they all had all, when you looked back on it, happened so fast. (...) How could it appear so impossible at one moment, and so full of hope and possibilities the next. (...) That was how the change had happened in his own life, of course. It all started on the day Jessica joined him on the bench. (...) it had all begun with Jessica. She was the one who had set the change in motion. She was the one who

⁸ Ver Anexo 1, pp.193 – 198.

had taught him how fun there was to be had in life, how full of opportunities it was, how many chances it gave for enjoyment..." (NORRISS, 2016: 24).

4. Teorias da Tradução

Os estudos até então realizados sobre as teorias da tradução e sobre as suas aplicações apresentam-se sobre perspectivas e abordagens diferenciadas consoante o autor da reflexão. Por exemplo no livro *The Translation Studies Reader* (2000) editado pelo teórico da tradução Lawrence Venuti, compreendemos que:

“Since the beginning of the twentieth century, translation theory has revealed a much expanded range of disciplines and approaches in line with the differentiation of modern culture: not only varieties of linguistics, literary criticism (...), but experimental studies (...) as well as translator training and translation practice” (VENUTI, 2000:4).

Neste sentido, o tradutor torna-se no mediador entre duas culturas, a da língua de partida (LP) e a da língua de chegada (LC). Assim, esta figura aproxima culturas, povos, valores, costumes, tradições e ideias, elementos que também são influenciados pelo histórico de aprendizagem do próprio tradutor.

No que diz respeito à formação do tradutor, Claudia Pungartnik, propõe na sua pesquisa sobre “o papel secundário destinado às disciplinas teóricas para a formação do tradutor”, que a universidade se afirme como uma instituição que, por um lado “prepara o tradutor para o trabalho técnico, cuja descrição responde muito mais às expectativas do mercado” e por outro lado dê ao profissional conhecimento para “manipular instrumentos, exercendo seu ofício artesanal que precisa de treinamento” (PUNGARTNIK, 2017: 42). A autora defende ainda que a instituição deve dar ferramentas ao tradutor para que este desenvolva o seu sentido crítico quanto à sua própria atividade:

“Dada a complexidade dos processos tradutórios que emergem das reflexões teóricas, a formação do tradutor deve levar em conta a tradução a partir das conexões que podem ser estabelecidas entre teoria e prática e o tradutor levado a refletir sobre sua prática, mais consciente do seu papel e de sua responsabilidade autoral” (*Ibidem*).

Outra questão bastante abordada nos estudos sobre as teorias da tradução ao longo das últimas décadas prende-se com a importância do conteúdo sociocultural no processo de tradução. Assim, os aspetos culturais e sociais quer da LP, quer da LC,

influenciam a tradução e a receção do texto por parte do público-alvo, pois uma língua é parte integrante da identidade de um país.

De acordo com o linguista americano Eugene Nida, em algumas situações, “(...) a translation may involve not only differences of linguistic affiliation but also highly diverse cultures (...)” (NIDA, 2012:145). Nida argumenta que, por um lado, quando as distâncias linguísticas e culturais são pequenas entre a LP e a LC, “(...) one should expect to encounter the least number of serious problems (...)” (*Ibidem*). Por outro lado, se os idiomas estão intimamente relacionados, “(...) one is likely to be badly deceived by the superficial similarities (...)” (*Ibidem*). Para o autor é o caso dos “*False Friends*”, ou seja, palavras emprestadas ou cognatas que parecem ser equivalentes, mas nem sempre o são (*Ibidem*). Exemplo disso é a relação linguística entre Portugal e Brasil. Estes países, separados pelo oceano Atlântico são possuidores da mesma língua, mas apresentam claramente diferenças nítidas de vocabulário, para além de particularidades a nível da sintaxe.

Assim, numa fase primária da tradução da frase: “No fighting”, said Andi. Understood” (NORRIS 2015: 85). Optei por traduzir da seguinte forma, no português BR: Nada de briga – disse Andi. – Entendido.

Contudo, através do estudo do público-alvo, percebi que os jovens portugueses não usam a expressão “briga” na forma singular quando se referem a instâncias plurais. Portanto, esta foi a tradução final, no português PT: Deixem-se de brigas – disse Andi. – Entendido.

Cientes do desafio do processo tradutório procuramos sensibilizar para a diversidade cultural e literária existente nos espaços anglófono e lusófono. Tal permitiu-nos reconhecer as características linguístico-culturais de ambos os idiomas e das dificuldades paradigmáticas na tradução da LP (ING) para a LC (PT). Percebemos também a relevância das variações linguísticas destes idiomas, que influenciam estreitamente o modo como o público-alvo, o infantojuvenil, receberá a mensagem.

Ao iniciarmos o processo de tradução de *Jessica’s Ghost* procuramos fazer a análise do texto literário e do discurso com vista à escolha da estratégia a ser utilizada.

Decidimos aplicar os principais conceitos teóricos da tradução, nomeadamente a visão da teoria de *Skopos* de Hans Vermeer (1930 – 2010) e a teoria da Invisibilidade do Tradutor de Lawrence Venuti (1993).

O linguista alemão, Hans Vermeer é conhecido pela obra *A Skopos Theory of Translation* (1996). Ele defende que antes de se iniciar um texto cujo objeto é a tradução, deve traçar-se uma finalidade comunicativa da LP e da LC, sendo que o propósito de qualquer tradução é ter sempre em linha de conta a cultura e a língua-alvo.

Vermeer introduziu *Skopos* como um termo técnico, nos fins dos anos 70. *Skopos* é uma palavra grega que significa “meta”, “finalidade” ou “propósito”. Assim, este termo é sinónimo da estratégia de tradução, que define o resultado que se pretende alcançar na LC, através do *Translatum*, ou seja, o “traduzido”.

Igualmente importante é referirmos o termo *Comission*, ou seja, a instrução dada por alguém, normalmente o *Client*, para levar a cabo a tradução. Entendemos que está implícito a necessidade de se conhecer a cultura da LP e da LC e Vermeer acredita que é de extrema importância saber porque um texto na LP é traduzido e qual a função da LC. Portanto, é o *Client* que determina a sua harmonização. Este são pontos cruciais para o tradutor no processo de comunicação intercultural e para uma boa tradução (VENUTI,2012:191 – 192, 198 – 199).

Vermeer atribui igual importância ao público-alvo, pois é este que determina “the aim of any translational action (...)”, direcionando a ação da tradução e definindo a finalidade e o modo de tradução do próprio tradutor.

Portanto, durante o processo de tradução, procurei adaptar o texto às necessidades do idioma e cultura portuguesa, objetivando que o texto adaptado pareça ter sido, primeiramente, escrito na LC.

Riita Oittinen explica-nos que, “Every act of translation for children, too, has a purpose, *scopos* (...)” pois o público infantojuvenil é uma audiência especial e que, “Behind every act of translation are assumptions about the future readers of translation (...) the reading and listening children.” (OITTINEN,2000:76)

Por sua vez, Venuti, na sua obra *The Translator's Invisibility – A history of translation* (1995), aborda a questão da *Invisibility* do tradutor na tradução. “A translated text is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent (...), the essential meaning of the foreign text (...), in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original” (VENUTI, 1995:1-2).

Entendemos que o tradutor pode usar variadas estratégias de tradução no seu processo tradutório, com o propósito de resolver as dificuldades que venha enfrentar. Portanto, a perspectiva das teorias de *Domestication e Foreignization* de Venuti, a domesticação do texto (*Domestication*) ocorre quando o tradutor valoriza mais o aspecto cultural da LC, produzindo uma tradução do texto original que não causa nenhuma estranheza ao leitor-alvo, causando desse modo a invisibilidade (*Invisibility*) do tradutor. Por sua vez, a estrangeirização (*Foreignization*) acontece quando o tradutor valoriza os termos estrangeiros, as diferenças linguísticas e o aspeto cultural relacionados com a LP, produzindo uma tradução que leva o leitor-alvo a procurar perceber e interpretar os termos estrangeiros por si mesmo, estando ciente de que está a ler uma tradução (REYS; BRISOLARA, 2019: 2).

No seguinte parágrafo da nossa tradução vemos um exemplo da teoria da estrangeirização (*Foreignization*), onde optei por manter a palavra inglesa *websites*, apesar de haver a possibilidade de pôr a palavra portuguesa “sítios”. No âmbito das comunicações electrónicas, os termos técnicos *websites* e *sites* têm o mesmo significado, referindo-se a endereços da *web*. A escolha de manter o termo em inglês prende-se pelo seu uso generalizado e aceite no quotidiano português.

“(…), with descriptions by psychologists of techniques that some people had found helpful, phone numbers you could call, books you could read, websites you could visit (...)” (NORRISS, 2016: 149).

“(…) descrições técnicas, escritas por psicólogos, que poderiam ser úteis, números de telefone a contactar, livros a ler e *websites* da Internet a visitar”.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Venuti, Riita Oittinen (2000) reflete sobre a questão da *domestication*, mas inserida no contexto da tradução da literatura infantojuvenil: “Adapting – or domesticating (...)”. Ela defende que a tradução de um texto deve ser adaptada ao público a que se destina, tendo sempre em conta as contingências daquela comunidade no seu tempo e espaço (OITTINEN, 2000: 73).

Oittinen esclarece que, “As long as there has been literature, there have been adaptations” (*Ibidem*: 76), questionando o que é uma adaptação: “(...) Is it a version, an imitation, an abridgement, or a copy?” (*Ibidem*: 77). A autora defende que a forma como vemos a adaptação, depende de como encaramos a tradução no seu todo. (*Ibidem*).

“If we understand translation as producing sameness, we definitely make a clear distinction between translations and adaptations. On the other hand, if we consider translation as rewriting (...), it is much more difficult to tell one thing from the other.” (*Ibidem*: 74)

A autora defende que a solução para esta questão é a “fidelidade”, ou nas suas próprias palavras: “(...) loyalty: translators, including translators for children, must be loyal to their audiences. Adaptations are made for various reasons, and one of the reasons may well be loyalty to children” (*Ibidem*: 76).

Perante o panorama criado por estas teorias da tradução, consideramos que a tradução do *Jessica's Ghost* seguiu, em grande medida, a teoria de *Skopos* de Vermeer e os conceitos de Venuti sobre *Foreignization/ Domestication*. Entendemos que a tradução e interpretação devem ter em conta a função do texto na LP e na LC, valorizando igualmente a importância do público-alvo: o infantojuvenil. Considera-se que o género Fantástico, presente neste texto, requer uma linguagem informal, na medida da contemporaneidade e também de um léxico adaptado ao público-alvo.

Efetivamente, também tivemos como meta a adaptação do texto traduzido no Português (BR) para o texto no Português (PT), seguindo assim Venuti no conceito do *Translator's Invisibility*. Isto é, na 1ª fase da tradução houve uma *Foreignization* da

tradução da LP (ING) para a LC (BR). Seguidamente ocorreu uma *domestication* na 2ª fase da tradução, para acomodar o texto aos valores culturais e linguísticos da LC (PT).

Assim sendo, procuramos mantermo-nos fiéis ao texto original, no que diz respeito às ideias e termos linguísticos, particularmente em excertos onde a sintaxe do Português (PT) sofreu profundas alterações.

4.1. O Processo de Tradução

Lourdes Bernardes Gonçalves, professora e mestre em literatura inglesa pela Universidade de Oxford, no seu artigo “Avaliando a Tradução Literária”, afirma que:

“O ato da tradução, por envolver muitos procedimentos técnicos e processos mentais, é considerado difícil de ser avaliado. Ao mesmo tempo que técnicas têm que ser dominadas, a criatividade do tradutor, aspecto difícil de ser avaliado, é sem dúvida insubstituível para resolver os frequentes impasses que surgem durante o ato tradutório” (GONÇALVES, 1999:42).

No processo tradutório procurei estar atenta a fatores importantes, como “o estilo e a forma como o autor se expressa” (*Ibidem*) para que pudesse transmitir de forma coerente e fiel o que o autor diz. Gonçalves defende que “A tradução fiel deve, portanto, se preocupar tanto com a palavra escolhida como com o sentido”. Na tradução do romance *Jessica’s Ghost*, procurei manter-me fiel, sempre que possível ao estilo, forma e sentido real das palavras, dados pelo autor ao texto original.

O meu processo de tradução teve diferentes fases. A primeira cingiu-se à leitura e primeira tradução do texto original para o português do Brasil. Posteriormente, tivemos as fases de correção e de adaptação de texto para o português de Portugal, seguidas da fase de correção e revisão finais, sendo que o principal desafio foi o fato da nossa base linguística ser o português do Brasil e o objetivo a que nos propúnhamos era a tradução da obra *Jessica’s Ghost* para português de Portugal. Sem dúvida que a linguagem utilizada pelo autor no texto original teve impacto na tradução, pois esta partiu da escrita do autor, que pretende que a sua linguagem seja simples e fluída, “(...) I hope, it kind of reads like it had all flowed out in some simple easy way.” (Cf. Anexo 1: 196). Tal é também mencionado pelo próprio autor, na entrevista e nos textos auxiliares:

“I heard someone use the phrase ‘a vomit script’ recently...What she meant, I gathered, was that she had sat down, with only the vaguest idea of what she was going to write, and let whatever came into her head spew out onto the page. (...) In my days as an A level history teacher, I told my students (as I had been told myself) that before you launched into an essay, it was essential to have a plan. I assumed this applied to all

forms of writing. Even a novel needs a plan. (...) It came quite as a surprise when I first met a writer who didn't. Astonishingly, he really did just sit down and start writing, trusting that something in his unconscious would map things out and lead his story to a satisfactory resolution. Even more astonishing, it seemed to work, and I was intrigued enough to want to try it myself" (Cf. Apêndice 8: 217).

Para um melhor processo da tradução a entrevista foi uma fonte importante para a compreensão de todo o contexto do percurso de Norriss e da sua obra, onde as perguntas e as respostas, em discurso direto, ajudaram na percepção e na elaboração do trabalho proposto.

Inicialmente procedi à leitura do texto em inglês e procurei compreender o contexto da obra no seu enredo, tempo e espaço. Seguidamente, iniciei a primeira tradução para língua portuguesa do Brasil, da qual sou nativa. Quando não encontrava uma tradução direta de uma ideia ou conceito, tive sempre em consideração o significado que o autor pretendia transmitir. Efetivamente não foi uma tradução livre ou uma interpretação, pois não optei por reinventar partes do texto. Optei sim pela adaptação e rescrição do texto da tradução do original, procurando sempre ir ao encontro da matriz do texto em inglês.

Contudo, encontrei alguma dificuldade com a tradução de algumas palavras estrangeiras de linguagem juvenil e contemporânea, tais como *puffa coat*, *pair of Uggs* e *jeans*, sobre as quais investigamos e optamos por traduzir da seguinte forma:

(...) The zebra dress had gone, and she was now wearing jeans and a puffa coat, with a pair of Uggs on her feet (...) (NORRISS, 2016: 15).

O vestido zebrado dera lugar a calças de ganga e a um kispo, umas *Uggs* nos pés (...).

Outro exemplo de dificuldade que enfrentei foi a tradução da expressão "thug" (*Ibidem*: 57) como uma alcunha de uma personagem do livro *Jessica's Ghost* para Rufia. Na primeira fase de tradução tinha optado pelo uso da expressão em português BR: *Bandidete*. Contudo, através do contacto com a população portuguesa,

infantojuvenil e adulta, constatei que este termo não se adaptava à realidade portuguesa. Neste caso decidi usar a palavra Rufia/ Rufiazinha:

“Don’t just stand there, Thug, darling’, said her mother in a loud, deep voice. ‘Say hello to Mrs Meredith.

Thug? said Mrs Meredith, as a clearly reluctant Andi followed her mother into the house. You call your daughter... Thug?

It’s a nickname. Short for Thuglette. Mrs Campion smiled fondly. She was always getting into fights when she was little!” (NORRISS, 2016: 56 – 57).

– Não fiques aí parada, minha Rufiazinha – disse-lhe a mãe em alto e bom som. – Cumprimenta a Sra. Meredith.

– Rufiazínha? – Perguntou Sra. Meredith, enquanto Andi, claramente relutante, seguia a mãe para dentro da casa. – Chama a sua filha... Rufiazinha?

– É um diminutivo de Rufia. – A Sra. Campion sorriu carinhosamente. – Ela estava sempre a meter-se em brigas quando era pequenina.

Posteriormente, procedi a uma adequação para o português de Portugal. Procurei escrever e traduzir com a grafia do português (PT), pois a meta do trabalho é uma tradução destinada ao mercado português, mesmo tendo sido feita por uma tradutora brasileira. Ciente de que há diferenças linguísticas e variantes ortográficas entre Portugal e Brasil, investi o meu esforço em diminuir essas diferenças e procurei ter ponderação na escrita dirigida ao público-alvo português.

Outra das dificuldades que encontrei neste processo foi o uso do gerúndio nas frases que indicam um processo em curso, uma vez que em Portugal se usa comumente a forma com o infinitivo (“lá foram a correr e a saltar”, p. ex), ou na construção perifrástica com o infinito (“estou a comer”, “estive a ler”), deixando-se o gerúndio para situações que indicam uma evolução em etapas graduais ou transmitindo uma ideia de simultaneidade temporal (como na presente construção com “transmitindo”) ou de duração, como as que são regidas pelo verbo “ir” (“vou vendo o que acontece”; “vai andando”). Portanto, esforcei-me para realizar uma tradução com a sintaxe do gerúndio correta. Exemplos disso são:

“She was standing with one arm resting on a rather grand fireplace, **looking out** of the picture and **laughing**” (NORRISS, 2016: 20).

“Ela estava de pé, com um braço pousado sobre uma grande lareira, **a olhar** para longe **a rir-se.**”

Ao longo do processo de tradução, deparei-me por vezes com excertos de mais difícil tradução, como por exemplo:

“In the science class they shared, he sat as far away from Francis and Andi as possible, and there was never a hint of the once regular jokes about what clothes Francis might be making for his dolls these days” (*Ibidem*: 96).

Optei por dividir a frase em períodos curtos para um melhor entendimento na língua portuguesa (PT):

“Nas aulas de Ciências, que compartilhavam, ele sentava-se o mais longe possível de Francis e de Andi. E não houve mais indícios das piadas ditas regularmente sobre as roupas que Francis estivesse a fazer para as bonecas dele.”

Outro exemplo de dificuldade de tradução de estrutura frásica podemos ver no seguinte excerto:

“When Roland finished his work in the afternoon, he would get on his bike and hurry over to Alma Road. Regular cycling meant he was much better at coping with the journey these days, and he barely needed to stop and catch his breath before pushing open the front door and climbing the stairs to the attic room in Francis’s house, or at Andi’s” (*Ibidem*: 168).

Escolhi alterar a frase em virtude do sentido, pois a forma mais literal não faz sentido em Português PT e esta foi uma solução viável:

“Quando Roland terminava o trabalho à tarde, montava na bicicleta e corria para Alma Road. Pedalar regularmente fez com que não lhe custasse tanto fazer o percurso. Ultimamente quase não precisava de parar para recuperar o fôlego antes de abrir a porta da frente e subir as escadas para o quarto do sótão, na casa de Francis ou na de Andi.”

Outro exemplo encontra-se no seguinte excerto: “And with Quentin, the results

were even more dramatic. If they passed him in the corridor, he would avoid any eye contact, and hurry past as quickly as he could. In the science class they shared, he sat as far away from Francis and Andi as possible, and there was never a hint of the once regular jokes about what clothes Francis might be making for his dolls these days” (NORRIS, 2016: 96), que traduzi como: “E com Quentin os resultados foram ainda mais dramáticos. Se se cruzassem com ele no corredor, ele evitava qualquer contacto visual e passava por eles o mais rápido que podia. Nas aulas de Ciências, que compartilhavam, ele sentava-se o mais longe possível de Francis e de Andi. Não houve mais indícios das piadas ditas regularmente sobre as roupas que Francis estivesse a fazer para as bonecas dele.”

Para continuar a ser objetiva, tanto quanto possível, adaptava o conceito e o sentido da frase às expressões portuguesas, levando a que por vezes algumas construções frásicas se tornassem mais complexas que as do texto original, como mostra o seguinte excerto:

“At the moment, the front door opened, and Francis called from the hall to say that he and Andi were going upstairs. It was something that seemed to involve a lot of laughing and noise” (*Ibidem*: 98).

“Naquele momento, a porta da frente abriu-se e Francis gritou, animadamente e com muitos risos e barulhos a mistura, que ele e Andi iam lá para cima.”

Nos seguintes excertos optei por não utilizar uma tradução literal das seguintes palavras *integer inequalities*, que significa ‘desigualdades de números inteiros’, adaptando para matéria lecionada:

“And in Mr William’s maths lesson that followed, she was able to give him a wonderfully clear explanation of integer inequalities” (*Ibidem*: 34).

“E depois, na aula de Matemática do Sr. William, ela conseguiu dar-lhe uma explicação bem clara da matéria lecionada.”

No seguinte excerto foi necessário investigar o significado da palavra *circuit of the assault course* no contexto correto do romance, pois *pode* ter vários significados tais como, *obstacle circuit*, *cross training*, *military training* ou *trim trail*:

“(...) If she wanted to climb a tree, play a few sets of tennis, or do a *circuit of the assault course*, Roland was right behind her” (NORRISS, 2016: 180).

Optei por traduzi-las por “circuito de treino militar”, uma vez que ao que o autor estaria a referir-se, é que Roland estava sempre disposto a seguir e fazer seja o que fosse que Andi queria fazer, mesmo que fosse um intenso circuito de treino militar.

“Se ela queria trepar a uma árvore, jogar umas partidas de ténis ou fazer um circuito de treino militar, Roland logo a seguia.”

Relativamente as expressões idiomáticas, procurei traduzi-las de acordo com o sentido em Português (PT), como os seguintes exemplos:

“Andi could be very single-minded when she had set her heart on something, (...)” (*Ibidem*: 101).

“Andi chegava a ser obstinada quando se entregava de alma e coração a uma coisa, (...)”.

No seguinte excerto tive de adotar o estrangeirismo para dar o significado correto a palavra *trifle*, que é uma sobremesa fria britânica de pão de ló e frutas cobertas com camadas de leite creme, geleia e natas:

“(...) Then, when Francis felt he really couldn’t eat another thing, she cleared the table and produced a couple of large fruit tarts, a bowl of *trifle* and two tubs of chocolate fudge ice cream” (*Ibidem*: 128).

“Finalmente, quando Francis sentiu que não conseguia comer mais nada, ela limpou a mesa e veio com duas grandes tortas de frutos, uma tigela de *trifle* e duas taças de gelado de caramelo.”

Assim sendo, considero praticamente impossível fazer uma tradução extremamente objetiva. Há conceitos que não podem ser traduzidos e construções frásicas que se tornam mais complexas do que o texto original. Portanto, a grande dificuldade sentida em todo o processo da tradução da obra *Jessica’s Ghost* prendeu-se ao uso de terminologias distintas existentes entre o português de Portugal e o português do Brasil. As diferenças semânticas, morfológicas e de vocabulário,

tornaram-se desafiadoras na sua aplicação em todo o processo de tradução. Após várias revisões de linguagem, sempre apoiadas no texto original e sem esquecer a sua essência, cheguei à tradução final, que apresentamos no capítulo 6.

4.2. As Traduções de *Jessica's Ghost*

Após a redação da tradução do romance *Jessica's Ghost* deparei-me com uma tradução brasileira realizada pelo tradutor Roberto Muggiati em 2018. Neste sentido, entendi necessária a análise comparativa entre a minha tradução e a de Muggiati.

Atentemos, primeiramente, ao título do livro. O título original do romance é *Jessica's Ghost*. A tradução brasileira opta por um título que esconde, de alguma forma, o Fantástico presente na narrativa. Roberto Muggiati opta pela expressão *Amigos Para A Vida*, que alude à forte amizade entre e Francis, Jessica, Andi e Roland. Eu, por outro lado, tentei chamar a atenção para o conteúdo Fantástico da obra, levando a que o título escolhido seja o mesmo que o original, *O Fantasma de Jessica*.

Quando entrevistei o autor⁹ perguntei-lhe que impacto teve o seu livro sobre os jovens, ou seja, qual é a recepção do público-alvo. Norriss disse que recebeu cartas muito comoventes do público infatojuvenil, que comprovavam a boa recepção do romance¹⁰.

No que toca à minha tradução optei por me manter fiel ao texto original, fazendo algumas adaptações de expressões apenas utilizadas em inglês. Tal pode ser constatado na seguinte passagem: “Francis wondered if anyone else had noticed that Mrs. Champion no longer called her daughter Thug or Thuglette. She had been ‘Andi’ for some time now” (NORRISS, 2016: 234).

Optei por traduzir da seguinte forma: “Francis perguntou-se se alguém mais tinha notado que a Sra. Champion não chamava mais a filha dela de Rufia ou Rufiazinha. Já há algum tempo que era Andi.”

Por sua vez, Roberto Muggiati faz uso de um vocabulário distinto, mantendo o sentido da frase. Tal é justificado pela cultura e meio social do público-alvo: “Francis se perguntou se ninguém mais percebera que a Sra. Champion já não chamava a filha de

⁹ Ver Anexo 1, pp.193 – 198.

¹⁰ Poderá aceder a estes comentários em: blog “LêLendoLido”: <https://www.lelendolido.com.br/2019/02/amigos-para-vida-andrew-norriss.html>, 04/02/2019; blog “De Bem com a Leitura”: vocêdebemcomaleitura.blogspot.com/2018/09/amigos-para-vida-livro-de-andrew.htm, 11/09/2018.

Arma ou de Encrenquinha. Há algum tempo só a chamava de “Andi” (NORRISS 2015, MUGGIATI: 187).

Tomo ainda como exemplo o excerto:

“Aunt Jo and Uncle George had been nice enough to say she could come and live with them and they had come to collect her and packed up all her things and been as nice as they knew how...But by then, of course, she was in The Pit, and when you were in The Pit, people being nice to you didn’t mean anything. Nothing did” (NORRISS, 2016:142).

Optei por traduzir para português da seguinte forma: “Tanto que a tia Jo e o tio George lhe disseram para ir viver com eles e a ajudaram a buscar e a empacotar todas as suas coisas. Não sabiam mais o que lhe haviam de fazer... Mas nessa altura, ela já estava à beira abismo e quando se está no abismo, o carinho das pessoas não significa nada. Nada.”

Contudo, o tradutor brasileiro traduz o excerto do seguinte modo:

“Tia Jo e Tio George foram legais o bastante para dizer que ela podia morar com eles, e foram buscá-la e fizeram suas malas e foram tão bondosos quanto poderiam... Mas, àquela altura, é claro, ela já estava no Fundo do Poço, e quando a gente está no Fundo do Poço, a gentileza das pessoas não significa coisa alguma. Nada mais significa” (NORRISS 2015, MUGGIATI: 117).

Através da análise acima apresentada concluí-se que, partindo de um mesmo texto base em língua inglesa podem existir tantas traduções quantos os tradutores. O texto traduzido reflete o seu tradutor, por muito invisível que este pretenda assumir-se, reflete o público-alvo assim como a cultura na qual ele se insere. Muggiati optou por uma tradução com uma linguagem mais coloquial para o público brasileiro. A nossa versão, por outro lado, é o resultado de uma tradução que procurou ir fielmente ao encontro do texto de Norriss, através do emprego de uma linguagem simples, mas sem se tornar simplista. Acreditamos que esta tradução se encontra mais adaptada ao público juvenil português.

5. O Fantasma de Jessica

Para todas as Jessicas e quem as amou.

1

Francis precisava de estar sozinho.

Precisava de estar sozinho para poder pensar, e foi essa a razão, apesar do clima, de ter levado consigo o saco com o almoço para um banco distante, do outro lado do campo de futebol.

Um lugar isolado não é nada fácil de se encontrar numa escola movimentada, mas era fevereiro, a temperatura estava pouco acima de zero, e Francis sabia que o frio iria manter a maior parte das pessoas dentro de portas. E se alguém saísse, provavelmente iria evitar aquele banco em particular. O banco estava na direção oposta ao prédio principal da escola e normalmente os alunos da Escola John Felton preferiam passar o almoço noutros lugares, fora da vista da sala dos professores e da secretária.

Francis não se importava que não lhe prestassem atenção, pelo menos não de tão longe assim, tudo o que ele queria era poder pensar sem distrações. E lá estava ele sentado no banco, com o gorro firmemente puxado para baixo para tapar as orelhas, enquanto segurava uma caneca de chá quente com os dedos frios... quando algo o distraiu, atravessando a relva, na sua direção.

Era uma rapariga quase da sua idade – embora não fosse ninguém que ele reconhecesse da escola, talvez o que mais lhe chamava atenção era o que ela estava a vestir. Ou melhor, o que não levava vestido.

Apesar do frio, ela não tinha casaco. Envergava apenas um vestidinho de riscas pretas e brancas. Alguém mais entendido, diria que era um vestido zebrado da Victoria Beckham, com os braços e os ombros nus, expostos ao frio invernal. Para onde quer que ela fosse, Francis achou que ela teria uma forte probabilidade de morrer congelada antes de lá chegar.

Do canto do olho observou, para surpresa dele, que a rapariga continuava a andar na sua direção, até que parou, para em seguida se sentar na outra extremidade

do banco. As ripas de madeira ainda estavam cobertas de geada, mas isso não parecia incomodá-la. Sentou-se e olhou calmamente para o campo de futebol, para o edifício do outro lado, sem pronunciar uma palavra.

Francis não queria companhia, mas estava curioso. Porque é que ela atravessou o relvado para se sentar ao lado dele? Porque é que ela não falou nada? E porque é que, aparentemente, ela parecia não sentir frio?

– Talvez te apeteça um pouco disto – disse ele, segurando a caneca na mão. – É só chá, mas está quente.

A rapariga voltou-se e em seguida virou a cabeça para o outro lado, como se quisesse ver com quem ele estava a falar. Quando se apercebeu de que não havia mais ninguém e que ele devia estar a falar com ela, mostrou-se surpreendida.

– Estás... estás a falar comigo? – perguntou ela.

– Peço desculpa – disse Francis, recolhendo a caneca. – Não irá repetir-se.

– Também consegues ouvir-me?

– Sim – disse Francis. – Desculpa por isso, também.

A rapariga franziu o sobrolho. – Mas ninguém consegue ver-me! Ou escutar-me!

– Não conseguem?

– A menos que... – A rapariga olhou atentamente para ele. – Também estejas morto, estás?

– Acho que não.

Francis fez os possíveis para continuar a sorrir, enquanto despejava calmamente o resto do chá na relva e enroscava de novo o copo na termos. Era altura de arrumar tudo e ir-se embora.

– Eu não percebo... – A rapariga ainda o olhava fixamente.

– Estás... hum... tu estás morta, não estás? – O Francis tentou manter um tom descontraído na voz, enquanto guardava a termos no saco.

– O quê? Ah... sim. – Para provar o que dizia, a rapariga levantou um braço e passou pelas ripas de madeira que formavam a parte de trás do banco, como se não

passassem de fumo. – Mas não percebo como consegues ver-me. Quero dizer ... ninguém consegue!

Durante uns segundos, Francis não se mexeu. Estava congelado com a termos numa mão e o saco na outra, a cabeça repetia-lhe, numa espiral, a cena que tinha acabado de testemunhar.

– Durante todo o tempo que estive morta – disse a rapariga – ninguém, literalmente ninguém, conseguiu ver-me ou ouvir-me. Nunca.

– Importas-te –, disse Francis lentamente - de fazer aquilo de novo? Aquilo com o teu braço? Atravessar o banco?

– O quê, isto? – A rapariga repetiu o movimento, de passar o braço pelas placas de madeira atrás dela.

– Sim. Obrigado.

Ela pareceu intrigada, mas o seu rosto logo se iluminou. – Oh! Querias certificar-te de que não tinhas simplesmente imaginado! – disse ela. – Bem, não imaginaste. Estou mesmo morta, mas ninguém nunca me conseguiu ver antes. Quero dizer, já me pus aos gritos à frente de pessoas, mas nenhuma delas conseguiu ver-me... – ela olhou para Francis. – Mas tu consegues?

Francis acenou com a cabeça.

– Bem, isso é estranho! – disse a rapariga. – Quero dizer, andas por aí durante um ano, completamente invisível, e então sentas-te num banco e o... – Ela olhou para Francis. – Pregaste-me um grande susto! – Ela parou de novo antes de continuar – Acho que deve ter sido um grande choque para ti também.

– Um pouco – Disse Francis. – Na verdade, ainda o é.

– Não percebo. – A rapariga abanou a cabeça. – Não, nunca ninguém conseguiu ver-me. Quer dizer... estou morta!

– Como assim? – perguntou Francis.

– O quê?

– Só queria saber como morreste.

– Ah! Compreendo. – A rapariga encolheu ligeiramente os ombros. – Não consigo lembrar-me dessa parte. Suponho que devo ter morrido num acidente ou coisa do género. Só sei que uma noite me vi no hospital e estava...

– Morta? – Francis sugeriu.

– Sim.

– E ninguém te conseguia ver ou ouvir ...

– Não.

– Pois... deve ter sido...claro...

Houve um grande silêncio, quebrado finalmente pelo som da campainha da escola, a sinalizar o fim do intervalo do almoço.

– Aquela campainha significa que tens de entrar para as aulas, não é? – Disse a rapariga.

Francis assentiu. Pegou na lancheira e meteu-a dentro do saco, mas não se mexeu para ir embora.

– Só uma coisa ... – disse a rapariga – importas-te de voltar? Depois?

– Queres dizer no final das aulas?

– Sim. Não me importo de esperar. Já te disse, nunca antes me conseguiram ver ou ouvir. E... é bom ter alguém com quem falar.

– Ok – disse Francis.

– Não te importas?

– Não. – Francis levantou-se e pôs o saco ao ombro. – Não, isso... isso seria ótimo.

Ele deu uns passos na direção da escola.

– Eu sou a Jessica – disse a rapariga. – Jessica Fry.

– E eu o Francis – disse ele. – Francis Meredith.

Enquanto voltava para o edifício principal, passou-lhe pela cabeça faltar às aulas, ir ao conselho diretivo e contar a alguém o que acabara de acontecer. Perguntou a si próprio o que iriam fazer. Telefonariam para o hospital? Para a mãe dele? Para um psiquiatra?

Não que isso importasse, pensou ele, porque não tinha intenção de contar a ninguém que acabara de conhecer um fantasma na sua hora de almoço. Já tinha problemas suficientes, mesmo sem dizer que conseguia ver pessoas mortas.

Quando saiu da escola às três e um quarto e viu Jessica à sua espera no banco, Francis sentiu imediatamente um alívio. Algo dentro dele esperava descobrir que o encontro da hora do almoço tinha sido uma espécie de alucinação, pelo que ver Jessica à sua espera, como havia prometido, foi estranhamente reconfortante.

Reparou que ela tinha trocado de roupa. O vestido zebrado dera lugar a calças de ganga e a um kispo, umas botas Uggs nos pés e um gorro tricotado na cabeça. Levantou-se quando ele se aproximou.

– Olá! – disse ela.

– Olá! – Francis parou em frente a ela.

Seguiu-se uma pausa um pouco estranha.

– Se ficarmos a conversar aqui fora – disse Jessica – vais congelar. Haverá algum lugar para onde possamos ir?

– Podias vir lá a casa, se quiseses – Francis sugeriu. – Isto é... se puderes. Os fantasmas podem andar por aí?

– Não sei o que se passa com os outros fantasmas – disse Jessica – mas este aqui pode ir onde quiser. É muito longe?

– Cerca de uns cinco minutos. Vivo em Alma Road – Francis apontou em direção aos portões da escola. – Mudaste de roupa?

– Queres dizer as roupas?

– Sim. Como é que isso funciona exatamente? Tens um tipo de ... um guarda-roupa fantasma nalgum sítio?

– Posso vestir-me com o que quiser – disse Jessica. – Quando me vi morta, estava com uma bata de hospital, e levou semanas até me dar conta de que não tinha de a vestir para sempre. – Lançou um olhar rápido para Francis. – Só tenho de imaginar.

– Apenas isso? Só imaginas?

– É só um pouco mais de concentração – explicou Jessica – mas ... sim.

Ela parou por um momento, uma névoa fraca envolvia-lhe o corpo, enquanto as calças de ganga e o kispo desapareciam para dar lugar ao vestido zebado que antes usara.

– Isso ... é um truque fixe – disse Francis.

– Vi uma foto disto numa revista que alguém estava a ler – Jessica disse – E pensei... por que não? Não sentes frio quando és um fantasma, percebes?

– Faz sentido. – disse Francis.

– E é divertido – Jessica trocou para as calças de ganga e o casaco. – Vês uma coisa que gostas. Não tens de saber quanto custa. Basta imaginares-te a vesti-la.

– Portanto, não é mau de todo? – Disse Francis. – Isso de estar morta, quero dizer.

– Bem, não é o que eu esperava – Jessica franziu a testa – Não que esperasse nada, na verdade. Pensei que estar morta era o fim, que tudo acabava. Ninguém me disse que eu poderia tornar-me num fantasma – Ela calou-se. – Mas suponho que está tudo bem, habituamo-nos. É... um tanto pacífico, sabes?

– Ser pacífico é bom – Francis concordou.

– Às vezes é um pouco solitário, mas nunca me canso ou fico com fome. Não há ninguém a dizer-me para onde ir ou como me comportar. Posso fazer o que quiser.

– E o que fazes?

– Oh, tu sabes ... ando por aqui e ali. Há coisas a acontecer em todos os lados e posso vê-las a todas.

– Mas não podes falar com ninguém.

– Não.

– Nem mesmo com outros fantasmas?

– Nunca conheci outros fantasmas – disse Jessica. – Nem sei se existe algum. O que é estranho, se pensares bem nisso – Ela olhou atentamente para Francis. – Não te perturbas, pois não?

– O quê?

– Por eu ser um fantasma.

Francis ponderou sobre isso. Ficara perturbado quando viu Jessica pela primeira vez, pensou que pudesse ser louca ... ou ele mesmo poderia estar a ficar louco... mas quando ela atravessou as costas do banco com o braço para mostrar que era um fantasma... essa parte não o perturbou. Surpreendeu-o, com certeza, mas não o perturbou.

– Sabes, acho que se eu tivesse visto um fantasma – disse Jessica – quando era viva, eu teria fugido para bem longe. Mas vi que realmente não te afetou, pois não?

– Não. – disse Francis – Não me afetou.

Provavelmente tinha ajudado, pensou ele, tudo ter acontecido à luz do dia, ao sol, com todo o barulho de uma escola movimentada como música de fundo. Mas não foi só isso. Havia algo naquela rapariga que caminhava ao seu lado que tornou impossível ter medo dela. Tudo nela, exceto o fato dela estar morta, era demasiado normal para ser assustador.

Também o ajudou, por alguma razão, o facto de gostar dela.

– Suponho – disse Jessica – que és um desses tipos fortes, calados, que não têm realmente medo de nada.

– Ah, claro – Francis empurrou o portão e encaminhou-se para uma casa alta, geminada, de estilo Vitoriano, com tijolos vermelhos. – Sr. Destemido. Sou eu próprio. Jessica seguiu Francis por um corredor estreito com um enorme quadro pintado a óleo, numa elaborada moldura dourada. Era um retrato de corpo inteiro de um homem com um semblante severo, num uniforme da marinha, com dragonas de ouro nos ombros e uma das mãos pousada na espada que trazia à cintura.

– Uau! – exclamou ela – Quem é ele?

– O Almirante – Francis tirou o casaco e pendurou-o. – O meu tetravô.

Pegou no saco e dirigiu-se para as escadas.

– Só tenho de mudar de roupa. Não demoro.

Subiu os degraus das escadas dois a dois e, já no quarto, mudou rapidamente as roupas da escola para umas calças de ganga e uma T-shirt. Quando saiu Jessica estava à sua espera no corredor. Tinha-se livrado do kispó e do gorro de lã e vestia agora um top tricotado largo e umas calças de ganga.

Detivera-se a olhar para um outro retrato, quase tão grande como o da sala no andar de baixo, mas desta vez era o retrato de uma mulher jovem, num vestido da década de 20. Estava de pé, com um braço pousado em cima do parapeito de uma grande lareira, a olhar para longe a sorrir

– Quem é? – Perguntou Jessica.

– A minha bisavó – Francis disse. – A filha preferida do Almirante.

Jessica acenou com a cabeça enquanto continuava a analisar o quadro.

– Consegues dizer alguma coisa sobre as pessoas pela roupa que usam, não consegues? – perguntou ela – O Almirante lá em baixo, por exemplo. O uniforme dele está todo abotoado, limitando-o, como todas as regras a que ele tinha de obedecer – Depois apontou para o quadro à sua frente. – Mas o que ela está a vestir é solto e livre. Vê-se que ela não está limitada por nada e gosta disso.

Voltou-se para Francis, como que à espera que ele dissesse alguma coisa. Mas ele não disse.

– Desculpa, esqueci-me. Os rapazes não se interessam muito por roupas, pois não? – Encaminhou-se para as escadas. – Vamos voltar lá para baixo?

– Só tenho de pôr isto no meu quarto – Francis estava a segurar o saco da escola e a dirigir-se para outro lanço de escadas mais estreitas, que levavam para cima.

– Pensava que aquele era o teu quarto – Jessica apontou para o quarto.

– É onde eu durmo – disse Francis – Tenho outro quarto no andar de cima para... outras coisas.

– Posso ver?

Francis quase disse que não. Na verdade, as palavras já se estavam a formar na sua cabeça, para explicar por que não podia – que não havia nada lá em cima, que seria mais confortável na cozinha, que ele estava com fome e precisava de comer – mas por alguma razão não foram aquelas palavras que lhe saíram. Nunca soube porquê. Exceto que parecia ser um daqueles dias em que as regras normais não se aplicavam.

– Claro – disse ele – Por que não?

Francis entrou por uma porta no cimo das escadas, que dava para uma sala que se estendia a todo o comprimento da casa.

A primeira coisa que Jessica notou foram os desenhos colados na parede à sua frente. Eram desenhos de moda, feitos na sua maioria a caneta, para uma série de casacos e vestidos, tanto casuais como de noite. Por baixo havia um balcão com uma máquina de costura sob o qual se empilhavam rolos de tecidos com padrões e cores caleidoscópicas. À esquerda, debaixo de uma claraboia, havia uma mesa toda coberta de tecido de algodão esbranquiçado, com pedaços de um molde de papel espalhados por cima. Num canto, à direita, erguia-se um manequim de costura, ao lado de um sofá de couro já gasto.

Não era o tipo de coisas que se podia esperar encontrar no quarto de um rapaz, mas o mais surpreendente e, apenas visível quando ela entrou no quarto e olhou para trás, foi um conjunto de prateleiras com várias fileiras de bonecas expostas. Havia pelo menos umas cinquenta, cada qual vestida com uma roupa diferente.

– Que lugar é este? – perguntou ela.

– Eu disse-te – a voz de Francis estava impassível, enquanto olhava Jessica atentamente. – É meu. É onde faço as minhas coisas.

Jessica foi até às prateleiras das bonecas.

– Então, tudo isto é teu?

– Sim – Francis veio para junto dela. – Eu estava a tentar fazer uma espécie de história ilustrada da moda dos últimos cinquenta anos. – Pegou numa das bonecas. Ela estava vestida com um blusão de couro cravejado de tachas de metal e tinha o cabelo cortado e pintado com o padrão da bandeira americana. – Cada boneca representa um estilo particular, vês? A rapariga-voadora, a punk, a grunge ...

Jessica apontou para uma boneca vestida com um fato que parecia ser de plástico cor-de-rosa moldado. – Qual é aquela?

– É uma “Miyake” – disse Francis – O designer japonês.

Jessica afastou-se das bonecas por um momento e apontou na direção dos desenhos afixados na parede oposta. – E aqueles, são também todos teus?

Jessica olhou em redor e o rosto abriu-se-lhe num sorriso, ao confessar:

– Teria dado tudo para ter um lugar como este quando era viva!

Francis não respondeu diretamente, mas algo nos ombros e no rosto dele parecia relaxar pela primeira vez desde que tinham entrado no quarto.

– Vamos falar sobre moda mais tarde – disse ele. – Primeiro preciso de saber mais sobre como é ser um fantasma.

Voltou a pôr na prateleira a boneca com o cabelo cortado e dirigiu-se para o sofá.

– Então, diz-me – Francis sentou-se. – Como é que tudo começou?

Tudo começara, tanto quanto se lembrava, quando ela se encontrava de pé, no escuro, à janela de um pequeno quarto no terceiro andar do hospital, a olhar para um estacionamento de vários andares do outro lado da estrada.

Embora não se lembrasse de como tinha acontecido, ela soube imediatamente que estava morta. Assim como também sabia que, o corpo debaixo do lençol na cama ali ao lado tinha sido dela. Não precisava de ver o rosto ou ler as mensagens nos pequenos cartões presos aos ramos de flores. Ela simplesmente sabia.

Estar morta, como já antes dissera a Francis, não a preocupava muito. Não sentia dor ou desconforto e dominava-a um sentimento de calma e tranquilidade. Quando os enfermeiros vieram retirar o corpo, ela não sentiu vontade nenhuma de os acompanhar. Afinal, era apenas um corpo.

Contudo, o que a deixou confusa foi o que era suposto ela fazer, agora que estava morta. Depois de ter ficado de pé à janela, durante o que lhe pareceram ser várias horas, por falta do que fazer, ela vagueou pelos corredores começando a explorar outras partes do hospital. Rapidamente descobriu que podia atravessar paredes e portas, flutuar pelos tetos e afundar-se pelos pisos tão facilmente como se eles não existissem, e essa liberdade de movimentos poderia ter sido bastante agradável, se... se ela não tivesse tido a sensação incómoda de que tinha perdido alguma coisa.

– Perdido o quê? – Francis perguntou.

– Não sei – Jessica franziu o sobrolho enquanto procurava as palavras certas para descrever aquela sensação. – Era como fosse suposto eu fazer algo, só que não sabia o quê. E ninguém podia dizer-me nada.

– Então o que fizeste?

– Bem, pensei que talvez quem devesse dizer-me alguma coisa não o conseguisse fazer porque vagueei pelo hospital. Então voltei para o quarto no terceiro andar e esperei.

– Esperaste?

– Sim.

– Durante quanto tempo?

– De certa forma, acho que ainda estou à espera – Jessica suspirou. – Obviamente, não o tempo todo. Durante o dia saio e faço coisas. Mas volto sempre ao hospital à noite. Não que tenha de voltar, mas ... bem, é um pouco assim, suponho.

– E achas que um dia alguém aparecerá para te dizer o que fazer? – Francis perguntou.

– Quem sabe? – respondeu Jessica, encolhendo os ombros. – Só tenho a sensação de que, a acontecer alguma coisa, será ali, naquele quarto.

– E voltas lá todas as noites ... há um ano?

– Sim.

Francis deu um assobio simpático. – Um ano é muito tempo.

– Eu sei.

Durante algum tempo nenhum deles falou. Depois Jessica voltou a apontar para as bonecas e os desenhos nas paredes.

– De qualquer forma é a tua vez. Quando é que tudo isto começou?

Francis estava prestes a responder, quando foi interrompido pelo som de alguém a abrir a porta da frente e a chamar por ele do andar de baixo.

– É minha mãe – ele disse – espera. Já volto.

Francis desceu até à entrada, no rés-do-chão, a tempo de ver a mãe, uma mulher alta com uma aparência algo desalinhada, tirar o casaco no corredor e pendurá-lo no cabide.

– Como foi? – perguntou Francis, inclinando-se sobre o corrimão.

– Poderia ter sido pior. Vendi dois pratos! – A mãe olhou para cima e sorriu –

Como correu o teu dia?

– Correu bem.

– Sem... problemas ou qualquer coisa?

– Sim. Sem problemas.

– Boa – a mãe encaminhou-se para a cozinha. – Acho que há uma pizza na arca.

Chamo-te quando estiver pronta, está bem?

Francis voltou a subir ao sótão, onde encontrou Jessica vestida como à sua chegada, com o kispó, as botas uggs e o gorro de malha.

– É melhor eu ir embora – disse ela.

– Não tens de ir. – Francis disse – Precisarei ir comer nalguma altura, mas...

– Está a ficar tarde. – interrompeu Jessica. –Convém que eu volte ao hospital. –

Ela hesitou antes de acrescentar. – Mas poderia ver-te amanhã. Se quiseres.

– Com certeza – disse Francis. – Na hora do almoço? No mesmo sítio?

– Está bem.

Francis encaminhou-se para as escadas... teve uma vaga ideia de conduzir Jessica até a porta da frente... mas ela não fez qualquer tentativa de segui-lo. Em vez disso, ficou a olhar para o tapete, aparentemente perdida em pensamentos.

– Tens alguma ideia –, disse ela finalmente – de porque é que me consegues ver, quando ninguém mais consegue?

– Não. – Francis disse. – Tu tens?

– Nem por isso. – Jessica olhou para cima. – Mas pensei comigo mesma, se talvez não fosses tu a dizer-me o que fazer a seguir.

– Sinto muito. – Disse Francis. – Gostaria de poder dizer-te, mas não sei nada sobre ... fantasmas. Na verdade, não sei nada de nada, exceto de roupas.

– Não ... bem, não importa. – Jessica sorriu. – Então, vejo-te amanhã.

E desapareceu.

Quando, no dia seguinte, Francis atravessou o campo de jogos à hora do almoço, Jessica estava sentada no banco à sua espera, com um vestido de festa rosa salmão.

– Era o que uma senhora estava a usar, quando deu entrada no hospital ontem à noite – disse ela, ao levantar-se para dar um rodopio e deixar à vista meia dúzia de saíotes. – Gostas?

– Gosto. – respondeu Francis, admirado. – Surpreendente!

– É um Sarah Burton.

– É ainda mais impressionante. – disse Francis. Sarah Burton era uma de suas designers favoritas, embora não reconhecesse propriamente aquele vestido. – Como sabes?

– Verifiquei a etiqueta, quando estavam a despi-la – Jessica sentou-se a afagar o vestido sobre as pernas –, devia até estar a usar joias com este vestido, como ela, mas não posso usar. Não sei porquê. Posso usar sapatos e penteados, não há problema, mas quando tento imaginar joias ... nada acontece.

Francis sentou-se ao lado dela.

– Então é isso que os fantasmas fazem à noite, não é? Andam pelas Urgências a ver o que os doentes estão a vestir?

– Não é a única coisa – disse Jessica –, também gosto de assistir às operações e outras coisas. Mas gosto de ver o que as pessoas vestem. Sempre gostei de roupas. Mesmo quando era pequenina, preferia ver Gok Wan na televisão do que a Porquinha Pipa. Pelo menos, era o que a minha avó dizia. E o meu brinquedo favorito sempre foi a caixa com vestidos de brincar.

Francis disse que nunca tinha tido uma caixa-de-fantasias, mas que ainda se lembrava da emoção que sentia ao encontrar os números da Vogue da mãe e como os levava para o quarto e não olhava para mais nada durante dias. Isso foi aos quatro anos. Aos oito, pediu uma máquina de costura para o seu aniversário, para que pudesse começar a fazer suas próprias versões dos modelos que copiara das revistas ou tinha visto nas montras das lojas.

Sentados no banco ao sol de inverno, enquanto Francis comia as suas sandes e bebia o chá da termos, ambos descobriram que o seu interesse por roupas não era a única coisa tinham que tinham em comum. Para começar, eram quase da mesma idade, sem contar o ano de Jessica como fantasma; era apenas a diferença de uma semana entre os aniversários de cada um. Eram ambos “apenas” crianças e tinham sido criados por mães solteiras; aos doze anos, os dois tiveram de mudar de casa inesperadamente e não gostaram nada disso.

– Pergunto-me – disse Jessica – se é por causa disso que me consegues ver. Porque somos tão parecidos.

– Não somos assim tão parecidos – disse Francis –, um de nós está morto, lembras-te?

– Sabes o que quero dizer! – Jessica deu-lhe uma cotovelada de fantasma, metendo-lhe a manga do casaco uns centímetros para dentro. – Ter todas essas coisas em comum ... não pode ser apenas uma coincidência, pode?

Ainda estavam a debater essa possibilidade, quando a campainha tocou para o início das aulas e, naturalmente, quando Francis entrou na sala, Jessica acompanhou-o.

Ela sentou-se numa cadeira ao lado dele e embora a conversa fosse limitada, pois Francis tinha de ter cuidado como e quando falar com alguém que mais ninguém conseguia ver, até foi divertido.

Jessica também era útil. No teste surpresa de História, ela vagueou pela sala e conferiu o que toda a turma estava a escrever. E depois, na aula de Matemática do Sr. William, ela conseguiu dar-lhe uma explicação bem clara da matéria lecionada. O facto de ela ter feito isso enquanto vestia uma cópia exata do fato azul brilhante do Sr. William, com todas as esferográficas no bolso, tornou a aula... muito divertida. Mais tarde, de volta ao sótão em Alma Road, Jessica perguntou a Francis em que é que ele estava a trabalhar naquele momento. Ele mostrou-lhe a mesa coberta por um pedaço de tecido de algodão branco, com um padrão de papel preso no topo.

– É um pouco de tecido de algodão que me deram – explicou ele – e pensei em tentar fazer um top. – Pegou num caderno de desenho e abriu-o. – Este é o projeto.

– Boa! – disse Jessica – Para quem é?

– Para a Betty – Francis apontou para o manequim de costura, que estava em pé ao lado do sofá. – Na verdade, é apenas um exercício. Prática, sabes.

Interiormente, Jessica achou que era uma pena que só um manequim de costura usasse as roupas que Francis fazia, mas não disse nada. Em vez disso, ela pôs-se sobretudo a falar de moda e dos estilos que gostava e não gostava, enquanto Francis modelava os pedaços de um padrão de papel sobre o manequim da costura, para verificar o tamanho, e depois prendia-os no tecido estendido sobre a mesa, antes de cortá-los.

Ele trabalhou com tanta confiança, que Jessica não pôde deixar de o admirar. Viu-o curvar-se sobre a máquina de costura a costurar por mais de uma hora, até que parou por um momento para esticar os ombros. Ele estava a ficar com câibras, como a avó da Jessica costumava ter, pensou ela. Esquecendo-se por um momento de que era um fantasma, estendeu a mão para massajar o músculo da parte inferior do pescoço de Francis.

Imediatamente, Francis parou e virou-se, perguntando – Fostes tu?

– Hum... sim... – Mesmo sem ter um corpo, Jessica sentia-se corar. – Ia massajar-te. Era o que eu costumava fazer à minha avó.

– Mas eu consegui sentir! – Francis estava confuso. – Como é que posso sentir-te tocar-me se és um fantasma?

– Não sei. – Jessica chegou-se para frente, pôs as mãos nos ombros dele e empurrou os dedos pelo músculo do pescoço. Eles desapareceram debaixo da pele dele. – Consegues sentir isto?

– Oh, sim... – Francis recostou-se para que os polegares se aprofundassem ainda mais e fechou os olhos. Era uma sensação estranha, mas muito agradável, relaxante, ao mesmo tempo que revigorante. Era como se estivesse sentado ao sol num dia de verão e o calor lhe aquecesse os ossos.

– Uau... – disse ele. – És cheia de surpresas, não és?

No dia seguinte encontraram-se logo de manhã e não à hora do almoço. Francis saiu de casa a um quarto para as nove e Jessica estava à espera dele na calçada.

Caminharam juntos até à escola, onde assistiram às aulas e divertiram-se no recreio. Quando as aulas terminaram, voltaram para o quarto da casa em Alma Road.

Depois de quase doze horas juntos, nenhum deles mostrava sinais de estar entediado. Era curiosa a forma como as coisas às vezes aconteciam. Eles pareciam entender-se.

Foi por isso que eles fizeram a mesma coisa no dia seguinte ...

E no dia seguinte ...

E no dia seguinte ...

Se alguém tivesse perguntado a Francis, se ele não achava estranho passar a maior parte do tempo que estava acordado com um fantasma ... ele provavelmente teria dito que sim. Mas não se importava. À medida que os dias passavam, ele não pensava em Jessica como um fantasma. Ela era simplesmente... a amiga dele. Também era a única pessoa da sua idade que ele conhecia, com quem podia falar de tecidos sintéticos com a mesma facilidade que a maioria das pessoas falava sobre o tempo, que conhecia a diferença entre um plissado e um dardo e que reconhecia um modelo da Sarah Burton quando a pessoa que o vestia acabara de ser transportada de um acidente. Comparado a tudo aquilo, o facto de que ela estava morta parecia insignificante.

Quanto a Jessica, provavelmente ela teria mesmo de estar morta há já um ano e sozinha sem que ninguém a pudesse ver nem ouvir, para compreender o quanto era importante ter Francis para conversar. Ela não tinha percebido o quão solitária a vida dela, ou melhor, a morte tinha sido. Agora ela tinha encontrado alguém que não só era capaz de conversar com ela, mas que era inteligente, engraçado e interessante...

A única preocupação dela era que, a qualquer momento, ele poderia querer voltar a estar com os vivos. Felizmente, contudo, por agora Francis não mostrava qualquer sinal disso. Quando ela lhe perguntou se o facto dele estar com ela o mantinha afastado dos seus outros amigos, ele simplesmente respondeu que não havia ninguém com quem ele quisesse estar.

Na verdade, ele não se esforçava lá muito para falar com ninguém na escola. Aliás, também ninguém fazia grande esforço para falar com ele.

Exceto Quentin, é claro.

Mas não era alguém a quem se pudesse chamar amigo.

A primeira vez que Jessica viu Quentin Howard foi quando estava com Francis à espera no corredor, antes de irem para uma aula de Ciências.

Jessica pairava no ar uns dois metros do chão para evitar a multidão, o que a deixava um pouco enjoada, pois havia muitas pessoas a passar através dela. Então, um rapaz com óculos aproximou-se de Francis, a segurar uma boneca só com uma perna e sem cabelo.

– É um presente para ti, Francis – disse ele – Encontrei-a lá fora na rua. Precisa de roupas novas, mas tu és o homem certo para isso, não és? – Colocou a boneca no bolso superior do blazer do Francis, enquanto todos à sua volta se riam.

Francis tirou a boneca do bolso e estava prestes a pô-la no lixo quando o professor de Ciências, o Sr. Nicholls, apareceu e lhe disse para a guardar e entrar na sala de aula. Todos se riram de novo.

– Quem fez isso tudo? – perguntou Jessica, pairando no ar para se juntar a Francis, enquanto ele se encaminhava para um banco.

– Foi o Quentin – disse Francis. – Não é nada. Ele faz sempre isto.

Quentin fazia sempre aquilo. Sempre que via Francis fazia questão de perguntar se ele tinha comprado alguma boneca nova recentemente, ou se lhes tinha feito alguns vestidinhos ou tricotado umas cuecas bonitas. Francis não parecia importar-se muito, mas Jessica sim.

– Ele é horrível – disse ela, depois de Quentin ter perguntado ao Francis, no início de uma aula de Geografia, se ele já tinha tomado chá com as bonecas – Devias fazer alguma coisa.

Francis apenas sorriu e disse:

– O quê?

– Bem, para começar poderias dizer-lhe para parar.

– Ele não vai parar só porque eu lhe digo para parar. Ele está a divertir-se ao máximo com isso. – Francis encolheu os ombros. – E de qualquer maneira... é também minha culpa.

– Tua culpa? Como assim?

– Uma vez, eu levei umas coisas para costurar para a escola e o Quentin encontrou uma boneca no meu saco.

– Uma das bonecas vestidas?

Francis acenou com a cabeça. – Se tivesse sido a Punk ou coisa do género, tinha-me safado... mas era a Moschino.

– Ah... – Jessica estremeceu. Moschino era um designer que gostava de pôr rosetas e rendas nos seus modelos.

– Pensei dizer-lhe que era um Moschino e porque é que eu gostava dele – disse Francis. – Mas tinha a sensação de que não ajudaria. A minha mãe diz que se eu não lhe der atenção, que ele vai acabar por desistir da provocação.

Não havia o menor sinal, pensou Jessica, de que Quentin iria desistir tão cedo. Como Francis disse, ele estava a divertir-se imenso. Mas ainda assim, ela achava que devia fazer alguma coisa. As brincadeiras de Quentin, se assim se poderiam chamar, talvez não preocupassem Francis particularmente, mas por algum motivo deixavam-na claramente desconfortável. Francis devia ser uma daquelas pessoas que tinha a sorte de nunca se preocupar muito com nada, o tipo de pessoa que poderia encontrar um fantasma à hora do almoço e simplesmente oferecer-lhe uma chávena de chá, mas ela não era assim.

Pelo menos, era o que ela pensava e foi um choque descobrir quão perto estava da verdade.

Na quarta-feira, depois das aulas, foram ambos juntos pela cidade. Francis precisava de botões para um top de algodão que estava a fazer e comprou-os na secção de retroseria do Dummer. Enquanto pagava, Jessica flutuou pelo ar para ver uma coleção de saias e vestidos do outro lado do corredor.

Embora fosse fevereiro, já começava a aparecer a primeira coleção de verão e, quando Francis saiu com um saco de botões, Jessica chamou-o para ver um vestido com cava americana, pelo preço exorbitante de oitocentas libras.

Francis veio ter com ela, olhou para o vestido e depois estendeu a mão para sentir o tecido entre os dedos.

Uma empregada apareceu então à sua frente.

– Não és o Francis Meredith? – perguntou ela.

Francis soltou logo o tecido.

– Nós não nos conhecemos – disse a mulher –, mas sou a mãe da Lorna Gilchrist.

Lorna era uma rapariga do grupo de orientação de Francis na escola.

– Achei que te reconheci pela foto da turma – continuou a mulher –, és o rapaz que se interessa por moda, não és?

Francis não respondeu.

– Espero que a Lorna esteja aí a chegar – continuou a mulher. – Não sei se os dois gostariam de ...

– Desculpe – Francis começou a dirigir-se para a saída. – Tenho de ir. Estou atrasado... estou atrasado.

Desatou a correr enquanto se dirigia para as escadas e Jessica seguiu-o para fora da loja, atravessando recinto e observando como ele se deixou cair num banco, com a cabeça entre as mãos.

Ela sentou-se ao lado dele, confusa.

– Qual é o problema? – perguntou ela. – O que é que se passa?

Francis levantou rapidamente a cabeça para olhá-la.

– Aquela era a mãe da Lorna.

– Eu sei. Ouvi o que ela disse, mas não entendo porque fugiste. O que se passa?

– O que se passa – disse Francis, com ar agastado –, é que a mãe da Lorna vai contar-lhe o que viu, não vai? E amanhã ela vai contar tudo aos amigos na escola e todos saberão que fui visto a andar na secção das mulheres de uma loja.

– É isso que está a incomodar-te? – Jessica também olhou para ele. – Que a Lorna possa dizer a toda gente amanhã que te viram a olhar para um vestido?

– Não só a olhar. – Francis disse. – Também a tocar. É sim! Isso é o que me está a incomodar.

E era claramente isso. Tinha o rosto pálido com uns pontos vermelhos nas bochechas. Parecia... assustado.

Jessica ficou surpresa e perplexa. Durante todo o tempo em que estiveram juntos, ela nunca tinha visto o amigo assim. Ele era o Sr. Fixe. O Sr. Destemido. Nada assustava Francis! Mesmo quando encontrou um fantasma, tudo o que ele fez foi convidá-la para sua casa. Ela nunca tinha visto Francis perturbar-se com nada, porém... ali estava ele... muito perturbado.

– Não entendo – disse ela. – Mesmo que a Lorna dissesse a alguém... e depois? Já toda gente sabe que és um pouco estranho quando se trata de roupas, não sabe?

– Obrigado – disse Francis. – Isto realmente ajuda.

– Sabes o que eu quero dizer! Estavas apenas a olhar para um vestido! Não é proibido e toda gente sabe que te interessas por moda. Tu és o rapaz que faz vestidos para bonecas, pelo amor de Deus!

– Sim, e agora as pessoas vão dizer que eu...

– Oh, que importa o que elas dizem! – Jessica interrompeu. – Deixa-as dizer o que quiserem. Não importa! Honestamente, como podes achar que importa?

Ela disse isto, ou algo parecido, repetidas vezes e de uma dúzia de maneiras diferentes a caminho de casa, o que fez com que no momento em que chegaram a Alma Road, Francis estivesse preparado para admitir que poderia ter exagerado. Talvez Jessica estivesse certa. Todos na escola já sabiam do interesse dele pela moda. Talvez ser visto na secção das mulheres no Dummer não fosse grande coisa. Certamente nada comparado com o facto de alguém encontrar uma boneca no saco de escola dele e perceber que fazia roupas para a boneca...

Na manhã seguinte, ao caminhar para a escola, ele já não estava tão seguro. Se não fosse por Jessica, ainda firmemente otimista ao lado dele, talvez não tivesse mesmo ido à escola, mas quando lá chegou...

... nada aconteceu.

Se a mãe de Lorna disse alguma coisa à filha sobre ter encontrado Francis a admirar um vestido na loja, a própria Lorna não o repetiu a ninguém. Nem agora, nem mais tarde. Houve um momento, no final das aulas da manhã, em que pareceu que ela talvez quisesse falar com ele, mas ele fingiu estar a ler um livro e ela virou costas e saiu da sala.

Nem Jessica, nem Francis falaram mais sobre o assunto, mas o incidente fez Jessica perceber que Francis se preocupava com o que outras pessoas pensavam e diziam, muito mais do que deixava transparecer.

A mãe de Francis sempre soube que o filho era diferente dos outros meninos. À medida que ele crescia, ela via a diferença acentuar-se e não se surpreendeu ao saber que ele estava a ter problemas na escola. A vida numa escola pública para um rapaz, cujo hobby era desenhar vestidos, nunca seria fácil, mesmo antes dele ser suficientemente imprudente para deixar que alguém encontrasse uma boneca no seu saco da escola.

Grace Meredith fazia cerâmica. No atelier dela, uma estrutura de vidro desmantelada que se estendia para fora da cozinha na parte detrás da casa, ela moldava pratos e tigelas, cozendo e esmaltando todas as peças no forno, para finalmente as embalar para venda.

Trabalhar com barro era algo que a Sra. Meredith sempre gostara de fazer, embora nunca esperasse ter de ganhar a vida com isso. Em nova, na escola de Artes tinha sido a única disciplina para a qual tinha mostrado algum talento. Seguiu esse seu interesse num breve período na Faculdade de Belas-Artes e, após o casamento, o marido, David, mandou construir um atelier para que ela pudesse continuar a "brincar com a lama", como ele alegremente dizia. Foi só depois de David, um fanático piloto de asa delta, ter voado contra a encosta de uma montanha e morrido, que a Sra. Meredith se viu forçada a pensar na cerâmica como algo mais do que um passatempo.

Com um rendimento extremamente limitado, um filho e uma casa grande para manter, ela procurou maneira de ganhar algum dinheiro. Vender as tigelas e os pratos que fazia parecia ser a resposta óbvia. Todo gente que via o seu trabalho dizia que era muito bom e estavam certos. Mas infelizmente, a Sra. Meredith era melhor artesã do que negociante e o dinheiro continuou a ser uma preocupação quase constante. No ano anterior, tiveram de reduzir drasticamente as despesas. Mudarem-se para uma casa com terraço em Alma Road tinha ajudado, mas o dinheiro, ou melhor, a falta dele, era ainda uma preocupação.

Quase tão preocupante como ter um filho como Francis.

Ela tinha feito o que podia para ajudar. Escrevera para a escola a perguntar o que poderia ser feito quanto às provocações. A professora telefonara de volta, dizendo

que conversara com o diretor de turma de Francis e que este lhe havia prometido estar atento à situação. Uma semana mais tarde, o diretor de turma ligou-lhe a dizer que achava que a situação estava a melhorar, o próprio Francis o confirmara, mas a Sra. Meredith não ficou inteiramente convencida.

De momento, a principal preocupação dela era a quantidade de tempo que o seu filho passava sozinho. Tanto quanto sabia, nas últimas duas semanas, ele não tinha falado quase com ninguém além dela e, mesmo assim, pouco. Ia para a escola sozinho, voltava para casa sozinho e ia para o seu quarto no sótão, onde ficava toda a noite. Sozinho.

Quando descia para as refeições, continuava com o mesmo olhar vago, como se estivesse a ouvir uma voz qualquer na sua cabeça, que só ele podia ouvir. Recentemente, ela tinha-o apanhado a falar sozinho. Esgueirou-se para se sentar nas escadas que davam para o sótão, encostou o ouvido à porta e ouviu o murmúrio de uma conversa inteira, como se ele estivesse a fingir que tinha alguém com ele.

Era tudo muito preocupante.

O que seu filho precisava, ela sabia, era de estar com alguém da sua própria idade. Se houvesse alguém com quem ele pudesse ir para a escola, sentar-se ao lado na sala de aula, conversar durante o dia, ele seria capaz de passar por um momento difícil sem muitos danos.

O que Francis precisava era de um amigo e, como seria de esperar, acabara de encontrar um possível candidato.

– Conheces a senhora que acaba de se mudar para o fundo da rua?

A Sra. Meredith estava no seu atelier, a pintar cuidadosamente o contorno de um cisne no centro de um prato enquanto falava. – Acontece que ela tem um filho quase da tua idade.

– Ai sim? – Francis estava ao lado, na cozinha. Jessica tinha voltado para o hospital e ele estava a preparar um chocolate quente antes de se ir deitar.

– O nome dele é Andy. – A Sra. Meredith mergulhou o pincel no esmalte traçou a forma do pescoço do cisne. – Mas a mãe está um pouco preocupada com ele.

– Sim... – Francis não estava a prestar muita atenção. Antes de sair, Jessica tinha sugerido irem a uma exposição de indumentárias de teatro que estava a abrir em Southampton, no dia seguinte. Ele estava ocupado a ver os horários dos comboios.

– Ele devia começar na segunda-feira na Escola John Felton, mas não quer ir. A mãe diz que ele teve umas más experiências na última escola. Eu disse que irias falar com ele.

– Falar com ele?

– Sim. Tu sabes. Tranquilizá-lo. Dizer-lhe que não deve preocupar-se. – A Sra. Meredith pegou num pincel novo para colocar um toque da cor de ocre no olho do cisne. – Eu disse que irias para a escola com ele na segunda-feira. Mostra-lhe a escola. Certifica-te de que ele vai às aulas, esse tipo de coisas.

Francis veio sentar-se no degrau que dava para o atelier. – Disseste à senhora que eu ia acompanhar o filho dela à escola na segunda-feira – disse ele – e que olhava por ele o dia todo?

– Sim! – disse a Sra. Meredith alegremente. – Ele pareceu-me bom rapaz.

– Não achas que tinha sido uma boa idéia teres-me perguntado antes?

– Porquê? – A Sra. Meredith pousou o pince. – É uma oportunidade para fazeres amizade com alguém da tua idade. É do que tu precisas!

– E que tal deixares-me ser eu a decidir o que é que eu preciso ou não?

– Bem, estou só a tentar ajudar! – A Sra. Meredith respirou fundo. – A mãe dele vai trazê-lo cá por uma hora amanhã de manhã. Se não gostares dele podes dizer-me e nunca mais precisarás de falar com ele, mas no mínimo deves conhecê-lo. – Ela levantou o prato para olhar o cisne terminado, que não estava tão bom quanto ela esperava. – E tenho a certeza de que quando o fizeres, vais descobrir que se dão muito bem.

Francis não respondeu. Olhou para a mãe por um momento, depois virou-se e caminhou até a cozinha. Não obstante, ao vê-lo sair, a Sra. Meredith teve a forte sensação de que talvez não tivesse sido uma boa ideia.

Se Francis não estava nada entusiasmado com a ideia de conhecer o rapaz do número trinta e nove, para surpresa sua, Jessica estava ainda muito menos interessada.

– Então, não podemos ir á exposição esta manhã – disse ela, com um tom frio na voz. – Por que queres encontrar-te com este tal Andy?

– Não quero estar com ele! Mas tenho de estar com ele. Eu disse-te, a minha mãe já o convidou.

– Bem, suponho que foi isso o que a mamã disse...

– Oh! Não sejas assim! – reclamou Francis – Ainda podemos ir á exposição, só que não hoje. Ele só vai estar cá durante uma hora!

– Uma hora? – Jessica fungou – Só?

– Depois, na segunda-feira, tenho de acompanhá-lo e mostrar-lhe a escola, mas depois disso...

– Vais também passar o dia todo com ele?

– É por isso que a minha mãe quer que eu o conheça – disse Francis, pacientemente. – Ele está a começar numa escola nova. Não conhece ninguém e é suposto eu ajudá-lo durante o primeiro dia. Depois disso, provavelmente, ele não vai querer conhecer-me mais, pois não?

– Queres dizer, quando alguém lhe disser sobre as bonecas?

– Sim.

Jessica ponderou a questão. Francis percebia que ela ainda não estava lá muito feliz.

– Entretanto, o que é que eu devo fazer?

– Bem, podias...

– Quero dizer, para ti está tudo bem, não está? Escolher com quem falar entre centenas de pessoas, mas eu não, lembraste? Só há uma pessoa que sabe mesmo que eu existo e essa pessoa és tu! – Jessica puxou o capuz do casaco para cima. – Bem, acho que te verei mais tarde. Se ainda quiseres, é claro.

– Eu tinha esperança de que ficarias – disse Francis, rapidamente, antes que ela pudesse desaparecer –, pelo menos por mais algum tempo.

– Ficar? Para quê?

– Bem, para assistir.

Jessica olhou para ele, sem dizer nada.

– Se ficares – continuou Francis – poderás ver como ele é e, depois, quando ele se for embora, podemos falar mal dele.

Pela primeira vez naquela manhã, Jessica quase sorriu.

– Tudo bem – disse ela. – Acho que vou fazer isso mesmo.

O encontro com Andy não começou nada bem. A primeiro obstáculo é que o Andy na verdade era a Andi, com ‘i’ e não com ‘y’; e era uma rapariga. A figura de pé à porta era baixa e atarracada, com pernas fortes e robustas e braços poderosamente musculosos, rigidamente esticados de cada lado do tronco e uma cabeça coberta de cabelos em caracóis curtos, de um ruivo claro. Sem dúvida, era uma das adolescentes menos atraente que a Sra. Meredith alguma vez vira.

– Não fiques aí parada, minha Rufiazinha – disse-lhe a mãe em alto e bom som

– Cumprimenta a Sra. Meredith.

– Rufiazinha? – Perguntou Sra. Meredith, enquanto Andi, claramente relutante, seguia a mãe para dentro da casa. – Chama a sua filha... Rufiazinha?

– É um diminutivo de Rufia. – A Sra. Champion sorriu carinhosamente. – Ela estava sempre a meter-se em brigas quando era pequenina.

– Ah! Sim! – A Sra. Meredith sorriu nervosamente para Andi – Bem, vou dizer ao Francis que já chegaram.

Enquanto chamava pelo filho, que estava no andar de cima, a Sra. Meredith já sabia que a rapariga, ali no corredor, não tinha nada a ver com Francis. Ela nem tinha a certeza se devia deixá-los sozinhos e decidiu que o melhor seria ficarem todos na cozinha, onde ela podia manter-se de olho nas coisas.

Francis apareceu nas escadas.

– Olá! – trovejou a Sra. Champion – Deves ser o Francis. Esta é a minha filha, Andi, que talvez vá para a tua escola. Não é isso, Rufiazinha?

A Rufiazinha franziu o sobrolho numa careta, mas não respondeu.

– Bem, que tal os dois irem lá para cima para se conhecerem – sugeriu a Sra. Campion – enquanto a Grace e eu temos uma conversinha?

– Pensei que talvez pudéssemos ficar aqui todos a conversar – disse a Sra. Meredith, mas a Sra. Campion não a ouviu.

– Que disparate! A última coisa que dois jovens precisam é de duas velhas orelhudas como nós, por perto. Vão-se embora! – Empurrou a filha de forma encorajadora na direcção das escadas.

– E lembrem-se do que vos disse! – Depois voltou-se para a Sra. Meredith. – Entretanto, aceitava uma chávena de café. É por aqui?

Marchou em direcção a cozinha enquanto falava, seguida pela Sra. Meredith, que olhava o filho como que a pedir desculpa.

– Ok... – disse Francis, olhando para Andi. – Queres subir?

Francis estava menos preocupado com passar uma hora com a Rufiazinha do que a mãe dele imaginava. Não era a primeira vez que ela tinha trazido alguém para casa, para ele “cuidar” e ele aprendera a sobreviver a esses encontros com o mínimo de embaraço.

Ele sabia da importância de se ter uma aparência normal. Mas não sabia evitar falar de moda e não via como não lhe mostrar o quarto no andar de cima. Ele conseguiria sobreviver durante uma hora, mesmo com alguém como Andi.

– Mudaste-te para o fundo da rua, não foi? – Perguntou-lhe ele, enquanto mostrava o caminho para o seu quarto. – Quando?

– Há duas semanas – disse Andi.

Jessica estava em pé junto à janela quando eles entraram. Pretendia ficar quieta e não dizer nada ou fazer nada que pudesse distrair Francis, enquanto ele entretinha a visita, mas esqueceu-se disso quando viu a rapariga.

– Olha! – Exclamou – É uma rapariga!

– Sim, sou uma rapariga – retorquiu a Rufiazinha –, algum problema com isso?

Estava a olhar direcção de Jessica, que ficara espantada de mais para responder.

– Estás a falar comigo? – Francis perguntou-lhe.

– Não! Estou a falar com ela! – Andi apontou na direção de Jessica.

– Oh... – O cérebro de Francis absorveu logo a informação. – Quer dizer que consegues vê-la?

– É claro que consigo vê-la! – A Rufiazinha lançou-lhe um olhar intimidante –, por que não a veria?

– Bem, a maioria das pessoas não consegue – disse Francis simplesmente. – Na verdade, até agora, fui eu a única pessoa que conseguiu vê-la.

– Podes ver-me toda, não podes? – Perguntou Jessica. – As roupas, o cabelo... tudo?

Havia gelo no olhar de Andi. Talvez achasse que estavam a fazer troça dela e não era o género de rapariga que levasse isso a bem. Jessica sentiu que era preciso uma explicação rápida e adiantou-se.

– É o seguinte, eu estou morta – explicou ela. – Então, a maioria das pessoas não consegue ver-me porque, na verdade, eu não tenho um corpo. – Enquanto falava, passou a mão pela extremidade da cama do Francis, com o braço a atravessar a madeira, como se fosse um pedaço de neblina.

A rigidez desapareceu do rosto da Rufiazinha, quando olhou para a cama, para o braço e finalmente para o rosto de Jessica.

– Faz isso novamente! – disse Andi.

Jessica colocou o braço, gentilmente, através da cama e depois, por precaução, deu dois passos para o lado, de maneira a ficar de pé no meio do colchão. Seguiu-se uma longa pausa, enquanto Andi continuava a olhar para aquilo. Depois um sorriso leve estampou-se-lhe no rosto.

– Uauuu! – Aproximou-se da cama e olhou fixamente para o lugar onde a cintura da Jessica desaparecia no edredão –, Então, o que és? Um fantasma?

– Sim. Acho que sim!

– E ninguém mais consegue vê-la? – Andi virou-se para Francis.

– Não que saibamos.

– E estás mesmo, tipo...morta?

Jessica acenou com a cabeça –, Faz agora um ano.

– Oh, sim! – Os olhos de Andi iluminaram-se num sorriso largo onde se lia um interesse e entusiasmo crescentes. – Isto é tão fixe!

No andar de baixo, a Sra. Meredith estava cada vez mais alarmada. A Sra. Champion tinha estado a falar sobre a filha durante quase quarenta minutos. Quanto mais ela falava, mais assustada ficava a Sra. Meredith pela segurança do filho.

– Ela não é uma pessoa violenta por natureza – dizia a Sra. Champion –, é mais... animada. Cresceu rodeada de rapazes, está-me a perceber? Quero dizer que, durante muito tempo, ela pensou que era um rapaz, sabe, como aqueles gansos que são criados por patos? Mas agora que cresceu, tudo ficou mais difícil. Os rapazes não a querem por perto porque ela é uma rapariga e as raparigas não a querem porque... bem, ela não é muito feminina.

A Sra. Meredith só podia concordar. Não havia nada remotamente feminino em Andi.

– O problema é que, apesar de aparentar ser durona, ela é muito sensível. Dizem-lhe a palavra errada e salta-lhe a tampa. Ela simplesmente não conhece a própria força – suspirou a Sra. Champion. – Foi por isso que na última escola lhe pediram para sair.

– Pediram-lhe? – perguntou a Sra. Meredith.

– Quanto a mim, achei que exageraram – disse a Sra. Champion, bebericando o café. – Quero dizer, as crianças passam a vida a partir os ossos, não passam? Achei exagerado expulsá-la porque, basicamente, foi um acidente. Mas, entretanto, os outros pais tinham organizado uma petição...

– Ah! – A Sra. Meredith tentou parecer simpática, mas o que mais queria era correr para o andar de cima e certificar-se de que o Francis ainda estava inteiro.

– E desde que saiu de lá, ela tem tido dificuldade em ajustar-se. Já tentamos matriculá-la em várias escolas. Esta foi a primeira que a aceitou e ela diz que não quer ir! – A Sra. Champion olhou melancolicamente para dentro da chávena. – Como se já não tivesse o suficiente na minha vida, com o Peter a passar nove meses do ano no Kuwait e um pai com Alzheimer... Quando no outro dia a senhora me disse que tinha um rapaz da mesma idade, achei perfeito! Se eles se pudessem conhecer e construir uma amizade, talvez...talvez...

Ela parou e a Sra. Meredith notou, para seu espanto, que uma lágrima lhe escorria pelo rosto.

– Lamento. Como de costume, pareço uma perfeita idiota. – A voz da Sra. Campion já não soava estridente. – Não há nada pior para um pai do que ver o filho extremamente infeliz e não saber o que fazer. – Pegou num lenço de papel e assoou o nariz. – Pensei que se ela tivesse alguém que a acompanhasse à escola, lhe mostrasse e lhe desse atenção...e o seu Francis parece ser um rapaz muito fixe.

– Ele é – disse a Sra. Meredith –, ele é muito fixe. Mas para ser franca não tenho a certeza de que seja o tipo de pessoa para ajudar alguém como a Andi.

– Não? Bem, suponho que sempre foi uma possibilidade remota. Espero que não se importe com a minha tentativa. Tenta-se qualquer coisa quando se está desesperada como eu.

A Sra. Campion olhou para o relógio e levantou-se.

– Talvez seja boa ideia chamá-los agora cá para baixo. Não quero assustá-la, mas é melhor não deixar a Rufiazinha sozinha por muito tempo. Nunca se sabe o que poderá fazê-la explodir.

As duas mulheres foram juntas para o corredor e a Sra. Meredith lembrou ao filho que era hora de Andi ir embora.

Francis pousou o rosto sobre o corrimão.

– Já? – Parecia um pouco decepcionado.

– Porque temos de ir agora? – Andi pousou o rosto ao lado do de Francis. – Acabámos de chegar.

– Temos de estar em casa do avô ao meio-dia – disse a Sra. Campion alegremente. – E sabes como ele fica aborrecido se chegamos atrasadas.

– Posso voltar amanhã? – perguntou Andi.

A Sra. Campion parecia assustada. – Bem, ... isso depende do Francis.

– Por mim, TUDO BEM. – Francis olhou para Andi. – Pode ser amanhã.

– Ou podes vir a minha casa. Tenho um quarto formidável no andar de cima. É realmente privado.

– Ok – anuiu Francis com a cabeça. – Parece-me bem.

A Sra. Meredith mal podia acreditar no que ouvia. Perguntou-se muito rapidamente se Andi, de alguma forma, estaria a forçá-lo a concordar com o encontro, mas Francis não parecia nada forçado. Parecia que ele queria fazer aquilo.

– Por volta das nove? – Perguntou Andi, descendo as escadas. – É muito cedo?

– Não. Pelas nove está bem.

– Ótimo. - Andi sorriu. – Então, vejo-te amanhã!

– Não posso acreditar – sussurrou a Sra. Champion. – Ele conseguiu que ela viesse comer à mão dele. Como conseguiu?

A Sra. Meredith não fazia ideia. Enquanto seguia as visitas até à porta, ela tentava ainda descobrir o que mais a suspreendera, se o facto de o filho ter marcado um encontro com alguém tão excêntrico como Andi ou o sorriso desta ao despedir-se.

Ela parecia muito diferente quando sorria. Quase como uma rapariga.

Na manhã seguinte, às nove horas, Andi abriu a porta mesmo antes de Francis ter tocado à campainha. Ao mesmo tempo ela ficou a olhar com admiração para Jessica, que flutuava pelo corredor.

– É assim que normalmente te deslocas? – perguntou ela.

– Acho que sim – Jessica disse –, a menos que me materialize, é claro!

– Materializas-te?

– Isto é, quando me imagino noutro lugar. – Para o ilustrar, Jessica desapareceu e depois reapareceu do outro lado do corredor.

– Oh, isto é tão inacreditável! – Andi bateu palmas alegremente. – E podes ir a qualquer lugar assim?

Jessica estava a explicar que só costumava materializar-se em lugares que pudesse ver ou que lhe eram já familiares, quando, das trazeiras da casa, a Sra.Campion chamou.

– Era alguém à porta, Rufia?

– Está tudo bem. – respondeu Andi. – É o Francis! – Pegou-lhe no braço. – Anda, vamos lá para cima para o meu quarto.

Andi levou Francis em direcção às escadas, mas depois parou boquiaberta, a prestar atenção, enquanto o corpo da Jessica se deslocava sem esforço para cima através do teto.

– Espero que isso não seja nada de mais para ti. – disse ela a Francis. – Já viste tudo isto, certo?

Francis afirmou que já tinha visto Jessica flutuar através dos tetos várias vezes.

– Habituas-te. – disse ele.

– Se tu o dizes – Andi estava admirada e olhou fixamente para os pés de Jessica, enquanto esses desapareciam. – Eu acho que não.

O quarto de Andi era do mesmo tamanho do de Francis, mas quase todo mobilado com equipamento desportivo. Havia uma prateleira com pesos, uma máquina de remo, um aro para basquetbol na parede, uma passadeira e, sob a

clarabóia, um enorme saco de boxe a baloiçar levemente, suspenso no teto por um gancho.

Os três ficaram lá em cima toda a manhã e, a maior parte do tempo, Andi fez perguntas a Jessica sobre como era ser um fantasma. Queria saber se Jessica se importava com estar morta! Como se sentia? Se alguma vez comera ou sentira fome? O que via quando atravessava as paredes? Se conhecera outras pessoas mortas? Se conhecera, tinha ficado assustada? Se achava que seria um fantasma para sempre e o que iria acontecer caso ela achasse que não?

Ao longo de duas horas, Andi descobriu mais sobre a vida da Jessica, tanto antes como depois de ela ter morrido, do que Francis tinha descoberto numa quinzena. Ficou a saber que a mãe de Jessica tinha morrido de um tumor cerebral dois anos antes. Entretanto a rapariga foi viver com a avó, mas esta faleceu no ano seguinte, o que nunca tinha dito a Francis. Perante a situação teve de ir viver com a sua tia Jo e o seu tio George. Francis pensou como teria sido difícil lidar com as duas mortes tão próximas.

Andi ficou muito interessada ao ouvir que Francis conseguia ‘sentir’ as mãos da Jessica quando ela o tocava e logo quis experimentar. Sentou-se de pernas cruzadas no chão e esperou enquanto Jessica lhe passava as mãos pelos ombros.

– Isto é tão assustador! – exclamou ela ao sentir o calor das mãos de Jessica e o movimento destas pelas suas costas. Depois conseguiu que Jessica empurrasse os seus braços para dentro e para fora, de modo que parecesse que o monstro do Alien estava a explodir para fora do estômago de Andi.

Mas a pergunta que Andi continuava a fazer e que parecia intrigá-la era como Jessica tinha morrido.

– Não podes mesmo lembrar-te de nada? – perguntou ela pela quarta vez naquela manhã. – Nada? Nada mesmo?

– Nada – disse Jessica. – Já te disse, não me lembro de nada.

– Já tentaste descobrir?

– Como assim? Sou um fantasma.

Andi pensou por um momento.

– Podíamos descobrir por ti, não podíamos?

– O que queres dizer com isso?

– Tudo o que temos de fazer é telefonar para os teus tios. – Andi tirou um telemóvel do bolso. – Qual é o número deles?

– Não tenho a certeza de que seja uma boa ideia. – disse Francis.

– Por que não?

– Bem... – Francis escolheu as palavras cuidadosamente. – Penso que se alguém na minha família tivesse morrido e eu recebesse um telefonema de um completo estranho a perguntar como tinha acontecido, eu ficaria...bem, ficaria chateado, para começar, e provavelmente não lhe diria.

– Ok. – Andi guardou o telemóvel. – Então, vamos pensar noutra coisa.

Mas estavam ainda a tentar encontrar um método simples de descobrir como Jessica tinha morrido quando a Sra. Champion entrou para lhes perguntar o que queriam para o almoço.

No andar de baixo, na cozinha, enquanto Andi foi à casa de banho, a Sra. Champion perguntou a Francis se ele estava ocupado de tarde. – Só se não estiveres – disse ela –, prometi levar a Rufiazinha a patinar no gelo e pensei que talvez também gostasses de vir.

Jessica achou que patinar no gelo era uma ideia maravilhosa e Francis concordou.

– Esplêndido! – A Sra. Champion sorriu, depois baixou o tom de voz e disse – Conseguiste falar com ela sobre a escola?

– A escola? – Disse Francis.

– É suposto ela começar amanhã – disse a Sra. Champion –, mas como eu disse à tua mãe, ela tem resistido muito.

– Oh! Entendo. – disse Francis.

– Qualquer coisa que tu pudesses dizer para encorajá-la e ajudá-la a voltar à rotina... – suplicou a Sra. Champion a Francis – agradecia muito.

Ao sentarem-se para almoçar, Francis interrogou-se como seria suposto ele persuadir alguém como Andi a ir à escola. Nem ele próprio tinha a certeza de que

queria ir e decidiu que, se Andi lhe perguntasse sobre a escola, ele teria o prazer de lhe dizer qualquer coisa que ela quisesse saber e, se ela não perguntasse, não seria ele a trazer o assunto à baila.

Patinar no gelo foi mais divertido do que Francis esperava. Andi era uma patinadora experiente e deslizou no gelo como um foguete. Deu voltas à pista com tal velocidade que fez com que as mães com filhos pequenos saíssem ansiosamente do caminho dela. Jessica, embora nunca antes tivesse patinado, deslizava com a mesma facilidade porque, como fantasma, os patins dela, na verdade, não tocavam no gelo. A princípio Francis teve dificuldade em se manter de pé. No entanto, ao fim de uma hora, lá se foi mexendo quase sem cair e divertiu-se muito.

Andi e Francis eram ótimos juntos. Jessica vestiu-se com um traje que copiara de um cartaz que tinha visto ao entrar e, não só patinava, mas fazia as piruetas e dava os rodopios mais dramáticos antes de pousar, graciosamente, num só pé. Ela e Andi elaboraram uma coreografia completa e, como disse Jessica, era uma pena, que só o Francis pudesse ver. Às quatro horas, quando a sessão terminou, Andi já sem fôlego, tirou os patins e perguntou a Francis o que é que ele achava que deveriam fazer a seguir.

– É melhor eu ir para casa agora – disse Francis. – Tenho que terminar uns trabalhos para a escola.

– Claro... – o rosto sorridente de Andi esmoreceu. – É suposto eu ir também para a escola amanhã.

– A tua mãe disse-me – esclareceu Francis. – Penso que eu devia dizer-te que é uma boa ideia.

– E é?

– Não tenho a certeza – Francis franziu a testa. – Na maioria das vezes é... creio eu.

Andi resmungou.

– Como era a tua última escola? – perguntou Jessica. – Soubemos que não gostavas muito.

– Era um colégio interno.

– Era mau?

Andi fez uma careta. – Não. Era muito bom se fosses alta e bonita. Se fosses baixa e feia e parecesses uma perfeita idiota num uniforme escolar era o inferno. – Olhou depois para Francis. – É assim que funciona na tua escola?

Enquanto ela falava, Francis teve uma imagem súbita de duas meninas da sua turma: Denise Ritchie e Angela Wyman. Eram ambas altas e bonitas e, por razões que ele nunca tinha realmente percebido, pareciam ter o poder de decidir com quem valia a pena falar e quem deveria ser ignorado. Sendo ele uma das pessoas a ignorar, ele nunca gostou de nenhuma.

– Suponho que seja assim – disse ele – mas não acho que tenhas de te preocupar. Não és cinturão negro de judo ou coisa assim?

– De karaté – disse Andi melancolicamente – mas ser capaz de bater nas pessoas não te faz amigo de ninguém, ou faz? Só significa que passas a maior parte do dia sozinha.

– Não ficarias sozinha na escola do Francis – disse Jessica, olhando depois para Francis. – Estaríamos contigo, não estaríamos?

– Bem... – Francis hesitou – se ela quiser...

– Oh, obrigada – disse Andi. – É um voto de entusiasmo muito reconfortante.

– Lamento – disse Francis, corando levemente. – É que... se viesses para a nossa escola talvez não quissesses estar comigo de qualquer maneira. Não me encaixo muito bem, estás a ver, sou diferente.

– Diferente? – Andi franziu a testa levemente – Como assim?

Seguiu-se uma pausa longa.

– Esqueci-me daquilo – Jessica disse –, devias mostrar-lhe.

Quando voltaram a Alma Road, Francis guiou Andi até as escadas para o quarto dele, no último andar. Ele ficou a olhar enquanto os olhos dela assimilavam a máquina de costura, os desenhos na parede e as estantes com bonecas.

– Francis fez aquilo – disse Jessica, apontando para Betty, a manequim, agora vestida com uma camisa toda de algodão esbranquiçado. – E fez tudo isto também. – Ela flutuou até as bonecas. – Elas são uma espécie da história da moda nos últimos cinquenta anos.

Andi seguiu-a e pegou numa das bonecas quase toda vestida de couro vermelho.

– Fizeste isto? – perguntou ela.

Francis acenou com a cabeça.

– E fez todos os desenhos também. – Ela apontou para as fotos na parede. – São todos modelos dele. Ele é talentoso.

– É isso que te faz diferente? – perguntou Andi, olhando para Francis.

– Bem, não é bem o tipo de passatempo que faz de ti o herói da turma.

– Haha! – Andi soltou uma gargalhada estranha. – Tenho um tio que trabalha na indústria da moda. A casa dele é toda assim e ele ganha uma fortuna. – Colocou a boneca de volta na estante. – Isso não é ser diferente. Se queres ser diferente tenta ser uma rapariga que se pareça com um rapaz e que a professora te mande para o vestiário errado.

– Já que falamos sobre ser diferente – disse Jessica –, pensem no que seria estarem mortos e não terem ninguém para falar durante um ano.

Francis respirou profundamente.

– Nesse caso – disse ele lentamente –, talvez deveríamos ficar juntos amanhã. Nós os três.

– Concordo – disse Andi.

Mais tarde, naquela noite, Jessica sugeriu que, se Andi estivesse preocupada com a sua aparência num uniforme escolar deveria pedir ajuda a Francis.

– O que queres dizer? – perguntou Andi.

– Bem, se não te servir devidamente – disse Jessica –, podes pedir-lhe para alterar. Ele é bom nessas coisas.

Andi parecia ter dúvidas.

– Devias deixá-lo tentar – disse Jessica –, devias mesmo.

Então Andi foi para casa e voltou uns minutos depois com o uniforme que a mãe lhe tinha comprado na semana anterior. Vestiu a saia e o blazer e observou o reflexo no espelho. Ficava-lhe tão mal quanto se lembrava. A saia estava presa dos lados e nas costas, fazendo-a parecer ainda mais baixa e atarracada do que já era.

– Sim... – Francis estudou-a de forma crítica. – É a saia que precisamos de ver primeiro. – Deu várias voltas em redor dela, fazendo marcas no tecido cinza com um pedaço de giz. – Está tudo errado. Mas se refizermos as costuras dos lados... a bainha... não deve ser muito difícil.

Um minuto depois a saia estava em cima da mesa, debaixo da clarabóia. Ele desfez as costuras e cortou com uma tesoura as várias partes soltas.

Em pé, de roupa interior, Andi olhava-o um pouco nervosa.

– Não tens de te preocupar. – Jessica estava de pé ao lado dela. – Ele sabe o que está a fazer.

E parecia que sabia mesmo. Elas viam como, com os seus dedos hábeis, ele juntava de novo as partes soltas, enfiava um carretel de linha cinza na máquina e começava a fazer uma nova costura. Em menos de vinte minutos ele entregava-lhe de volta a saia e dizia-lhe para a provar.

O resultado foi extraordinário. Era ainda a mesma saia, feita do mesmo tecido e vestida pela mesma pessoa, só que já não estava mais presa nas costas, o comprimento estava perfeito e parecia ... bem, parecia o que uma saia deveria parecer.

– Nada mal – murmurou Francis – vou apenas costurar ao redor da bainha e em seguida veremos se temos tempo para fazer qualquer coisa ao blazer.

A Sra. Champion não pôde deixar de pensar que tinha sido um dia muito bem-sucedido. Contou até ao número quarenta e sete para ver se tudo estava bem entre a filha e Francis e depois a Sra. Meredith mostrou-lhe as peças de cerâmica que fazia. Os pratos e as tigelas eram adoráveis. Era estranho pensar que ela tinha dificuldade em vendê-los.

Sra. Champion tinha alguma experiência de vendas. Antes de Andi nascer ela trabalhara como gestora de vendas para uma empresa de eletricidade. Ao mesmo tempo, as duas mulheres tiveram a ideia de que deveriam trabalhar juntas. A Sra. Meredith fazia os pratos e as tigelas e a Sra. Champion iria vendê-los. É claro que ela teria de resolver primeiro o problema de Andi voltar à escola, mas se as coisas continuassem a irem bem com Francis, talvez, numa ou duas semanas...

Estes pensamentos foram interrompidos pelo som da porta da entrada a abrir-se, pelo que a Sra. Champion foi até ao corredor, onde encontrou Andi a tirar a chave da fechadura.

– Estás a vestir o teu uniforme! – exclamou ela.

– Estou a prová-lo para o Francis – disse Andi –, para me certificar de que tenho tudo pronto para amanhã.

– Amanhã? – A Sra. Champion não podia acreditar no que ouvia. – Vais á escola amanhã?

– O Francis diz que precisamos de sair por volta das oito e meia. – Andi dirigiu-se para as escadas. – Então, preciso estar a pé aí pelas sete e meia, não é?

– Sim, claro – A Sra. Champion tentou esconder o espanto na voz dela. – Eu chamo-te.

Perguntou a si mesma como é que Francis conseguira. Como é que ele tinha conseguido fazê-la mudar de ideias? Ou mais concretamente, como é que ele tinha transformado a sua filha desafiadora e profundamente ressentida numa rapariga animada e alegre, que subia agora para o seu quarto? E tudo num espaço de um dia e meio?

Era um milagre. Tudo aquilo era um milagre.

A nova directora da Escola John Felton, Brenda Parsons, ficou um pouco surpresa quando Francis apareceu no gabinete dela, na segunda-feira de manhã, para pedir que Andi fosse colocada na turma dele. Ela tinha lido o processo escolar da rapariga e perguntou a Francis se ele sabia no que se estava a meter.

– Tens a certeza? – perguntou ela – Sabes, ela vem para cá com uma certa... reputação.

– Eu sei – disse Francis –, mas parece que nos entendemos bem e pensei que se estivéssemos na mesma turma eu poderia ajudá-la a adaptar-se.

– Sim. Bem, é um pensamento simpático – A Sra. Parsons consultou o processo escolar que estava em cima da sua mesa –, mas receio que não seja possível.

– Oh... – Francis parecia um tanto desanimado. – Por que não?

– De acordo com o processo escolar da Andi, o trabalho dela não está ao nível do teu. Se ela fosse para a tua turma nunca seria capaz de vos acompanhar.

– Pois... – Francis franziu o sobrolho. – É possível que tenha havido algum tipo de erro?

– Como assim?

– É que na outra noite, quando estava a fazer o meu TPC de matemática – disse Francis –, fiquei com a ideia de que a Andi não teria dificuldade naquilo. Nenhuma dificuldade mesmo.

– A sério? – A Sra. Parsons analisou o relatório de matemática de Andi. Dizia coisas como: “tem uma habilidade natural” e “não faz esforço em cumprir os requisitos”, o que pelo menos implicava que havia um potencial a desenvolver. – Vou dizer-te uma coisa – continuou a directora, fechando o processo –, vamos ver como tudo corre durante uma semana e, se o trabalho dela for tão bom quanto dizes, mudá-la-ei para uma turma acima.

– Seria possível – disse Francis – começar logo por colocá-la na minha turma e depois mudá-la para uma turma abaixo se não funcionar? – O rapaz inclinou-se para frente na cadeira. – É que acho que a Andi estava muito infeliz na última escola e em parte é por isso que ela se meteu em problemas. Acho que se ela estivesse comigo

haveria menos hipóteses de isso acontecer. Gostaríamos muito de estar juntos, se for possível. Temos...temos coisas em comum.

A Sra. Parsons tirou os óculos e rodou-os, pensativamente, entre os dedos. Normalmente, ela não discutia as suas decisões com os alunos, mas Francis tinha uma certa razão.

A avaliar pelo antigo processo escolar, Andi não iria achar fácil adaptar-se na Escola John Felton e estar com um amigo poderia ajudá-la a acalmar a sua tendência para reagir a provocações.

– Tudo bem – disse ela –, vamos tentar fazer dessa maneira. Mas se ela não conseguir lidar efectivamente com o trabalho teremos de mudá-la para uma turma abaixo. Não faz sentido ela ficar numa turma onde não percebe as aulas.

– Obrigado – disse Francis.

– Se ela estiver lá fora – disse a Sra. Parsons, voltando a pôr os óculos – podemos dar-lhe a boa notícia e mandá-la entrar. De qualquer maneira, eu queria falar com ela.

Andi estava sentada na cadeira em frente à directora, observando enquanto a Sra. Parsons se sentava à secretária e escrevia afanosamente.

– Ela está a escrever uma carta para o teu diretor de turma – disse Jessica, a pairar por detrás da cadeira da directora – diz que vais juntar-te à mesma turma do Francis.

– Estou a escrever uma nota para o teu orientador de formação – disse a Sra. Parsons –, a dizer que irás para a turma do Francis. – Ergueu os olhos. – Ele foi muito persuasivo nos argumentos a teu favor e só espero que tenha razão quando disse que conseguirias acompanhar as matérias. Provavelmente o Sr. Williams querará fazer-te um teste antes de te deixar entrar na sua turma de matemática, mas acho que não te importará, pois não?

– Diz-lhe que sim – disse Jessica – Sou boa a matemática. Posso dar-te as respostas.

– Está bem. – disse Andi.

– Muito bem. – A Sra. Parsons dobrou a nota e meteu-a dentro de um envelope. – Assim sendo, podes entregar isto à Menina Jossaume.

Quando Andi se levantou para se ir embora, a diretora continuou:

– Mas antes de ires, quero lembrar-te do que te disse quando vieste com a tua mãe na semana passada. Se repetires qualquer tipo de violência como na última escola, qualquer tipo de violência, serás expulsa. Então, nada de lutas com ninguém por razão nenhuma. Entendido?

– Nada de brigas – disse Andi. – Entendido!

*

A manhã correu bem. Francis e Andi sentaram-se juntos nas aulas com Jessica de pé entre eles, mas com o corpo mergulhado no chão, de maneira a ficar com a cabeça ao nível da deles. Na aula de matemática, o Sr. Williams deu um teste a Andi, como a Sra. Parsons tinha avisado, para ver se ela conseguia aguentar o nível do trabalho. O teste não demorou muito.

– O que é um quinto de metade? – Interrogou-a vivamente o Sr. Williams, ainda antes de Andi entrar pela porta.

– Um oitavo – disse Jessica.

– Um oitavo – disse Andi.

– Dezanove vezes vinte?

– Trezentos e oitenta – disse Jessica.

– É trezentos e oitenta – repetiu Andi.

– Bem... – o Sr. Williams olhou-a cuidadosamente. – Quanto é quatro mil novecentos e noventa menos três mil e seis?

– Espera aí. – disse Jessica erguendo um dedo para indicar que estava a pensar.

– Um momento – disse Andi, erguendo o dedo.

– Mil novecentos e oitenta e quatro – disse Jessica.

– Mil novecentos e oitenta e quatro – repetiu Andi.

– Conseguieste! – O Sr. Williams sorriu. – Bem-vinda aos melhores alunos da turma de matemática!

Durante o almoço, na sala dos funcionários, o professor disse à diretora, que a nova aluna era muito boa a Matemática.

– Tens a certeza? – disse a Sra. Parsons. – O relatório da última escola que ela frequentou dizia que não tinha talento natural.

– Bem, não percebo – disse o Sr. Williams, alegremente. – Fiz-lhe várias perguntas durante a aula, mas o que realmente me impressionou foi a forma como ela nunca se apressou a responder. Pensou primeiro sempre sobre a pergunta. Gostei disso. Não é muito comum ter um aluno que não tenha medo de parar para pensar.

– Não – disse a Sra. Parsons com um olhar intrigado no rosto. – Não, não é. Depois do sucesso da aula de matemática, Andi causou a mesma impressão no Sr. Archer, o professor de história. Agora no intervalo do almoço, Francis e Jessica foram com ela dar um passeio pela escola para lhe dar a conhecer todos os cantos.

Caminhavam por trás do pavilhão de desportos, em direcção aos Laboratórios de Ciências, quando encontraram Quentin Howard, que vinha de outra direcção.

– Ah! – O rosto dele iluminou-se ao ver Francis – Se não é o próprio apreciador de bonecas! E vejam só! Ele encontrou uma boneca de verdade! – Olhou para baixo para a minúscula Andi. – Ele já começou a tricotar-te um casaquinho de lã?

O que aconteceu depois foi tão rápido que, se Francis tivesse pestanejado, teria perdido tudo. Andi deu um passo a frente e empurrou os dedos da mão direita sobre o estômago de Quentin. Depois, mesmo antes da dor transparecer no rosto do rapaz, ela deu-lhe um soco forte com a mão esquerda na coxa. Quentin tentou gritar, mas não tinha ar nos pulmões para soltar qualquer ruído. Ao invés, as suas pernas cederam, o corpo dobrou-se e Andi pegou-lhe pelo braço, chamando Francis, que estava boquiaberto, para este lhe pegar do outro.

– Dá-me uma ajuda – disse ela apontando em direcção a um muro baixo. – Vamos sentá-lo aqui.

Horrorizado, Francis fez o que ela lhe disse e juntos arrastaram Quentin, semi-paralisado, até à parede, sentando-o. Andi empurrou a cabeça do rapaz para baixo, colocando-a por entre as pernas dele.

– Estás apenas sem fôlego – disse-lhe ela calmamente. – Vais ficar melhor em poucos minutos. – Esperou pacientemente até que os esforços desesperados de Quentin para recuperar o fôlego tivessem diminuído para uma respiração asmática.

Depois agarrou-o com firmeza pelo cabelo e levantou-lhe a cabeça uns centímetros até ficar ao nível do rosto dela.

– Vamos entender uma coisa, sim? – Tinha a voz calma, mas não havia dúvida nenhuma quanto ao brilho nos olhos dela. – Não gosto de pessoas que são malcriadas comigo ou com os meus amigos. E se voltares a fazer aquilo... Ou se eu souber que disseste coisas más a meu respeito nas minhas costas... Ou se eu pensar que talvez estejas a pensar coisas más a meu respeito ou a respeito do meu amigo, hás de ir para casa com uma coisa muito pior do que duas amachucadelas. Então é melhor teres cuidado com o que dizes e para quem o dizes. Percebeste?

Quentin concordou.

– Tudo bem! – Andi largou a cabeça dele e virou-se para os outros. – Vamos!

Francis estava nervoso e olhou rapidamente ao redor, para ver se alguém tinha visto. – Não acho que deverias ter feito isso – disse ele.

– Ele estava a ser malcriado – disse Andi.

– Isso não te dá o direito de bater nele. – Francis olhou de relance para onde Quentin estava a tentar, corajosamente, levantar-se. As pernas dele cederam quase que imediatamente e ele caiu ao chão com um pequeno grito de dor. – Olha! Ele nem pode andar!

– Aquilo vai passar em poucos minutos – disse Andi –, vai ficar bem.

– E suponhamos que ele diz a alguém o que fizeste? Suponhamos que ele vai falar com a Sra.Parsons?

– Talvez vá – disse ela –, mas mesmo que vá, ainda assim prefiro isso a ele pensar que pode dizer tudo aquilo e safar-se. Agora sabe que se o fizer de novo haverá consequências.

– Pois... – Francis deu uma última olhadela para Quentin, antes de voltarem para os laboratórios de Ciências. – Bem, se alguma vez eu for malcriado contigo,

gostaria de ser avisado antes de começares a bater-me. Pelo menos dá-me a oportunidade de me desculpar.

– Tu? – Andi riu-se – Não tenho a certeza se saberias ser malcriado. Pessoas como tu, simplesmente, são... boas.

– Tens sido sempre simpático. – Jessica passou uma mão fantasmagórica pelo outro braço dele. - Qualquer um consegue ver isso.

– A minha mãe diz que eu deveria tentar ser mais como tu – Andi ainda estava a falar com Francis. – Diz que eu deveria aprender a ir embora quando alguém disser qualquer coisa que me incomode. Não prestar atenção. Ignorá-los. Não sei por que não consigo. Acho que sou feita de maneira diferente. – Ela olhou para ele. – Mas sempre tive inveja de pessoas como tu.

– Engraçado falares isso – disse Francis –, porque eu sempre tive inveja de pessoas como tu.

Naquela noite, Francis estava no sótão com Jessica a trabalhar numa saia para combinar com a blusa de algodão esbranquiçado. Tinha encontrado um retalho com padrão de xadrez Príncipe de Gales e pensou que poderia combinar bem. Normalmente teria começado por fazer uns desenhos a partir de alguns figurinos antes de decidir de qual ele gostava mais. Contudo, com Jessica nada daquilo era necessário. Bastava mostrar-lhe o tecido e explicar-lhe rapidamente o que tinha em mente para ela se “imaginar” dentro do figurino e ele poder ver imediatamente se funcionava ou não. Se quisesse mudar, só teria de pedir a Jessica que ‘imaginasse’ uma bainha diferente, uma outra cintura, uma forma mais apertada, um toque suave...Ela poderia, como Francis disse, ganhar uma fortuna na indústria da moda, se ela pudesse ao menos resolver a questão da maioria das pessoas não conseguir vê-la.

Foi enquanto cortava o molde de papel para o figurino que tinham escolhido que Francis disse algo sobre o incidente com Quentin naquela manhã e como ele tinha esparva de que nenhuma palavra se espalhasse.

– Porque se a Sra. Parsons ouvir alguma coisa sobre isso – disse ele –, ela manda Andi embora. Sei que fará isso. Basta que Quentin faça queixa ou vá dizer aos pais.

– Não acho que ele faça queixa – disse Jessica. – Ele não vai querer que toda a gente saiba que ele apanhou de uma rapariga. Principalmente de uma rapariga com metade do tamanho dele. – Fez uma pausa antes de retomar a palavra de forma pensativa. – Embora uma das outras pessoas talvez o faça.

– Outras pessoas? – Francis olhou para os moldes de papel.

– Oh, claro... – Jessica fez um pequeno sorriso. – Tu não estavas lá, pois não? Ela fez a mesma coisa depois com a Denise Ritchie e a Angela Wyman.

– A sério? – Francis olhou-a fixamente – Onde? Quando?

– No balneário das raparigas. Elas entraram quando a Andi estava a arrumar as coisas dela no final do jogo. A Angela disse qualquer coisa como: “Olha o cabelo daquela ali, parece um ninho de ratos” e Denise disse: “Deveria haver uma lei que proibisse as pessoas feias.” E logo a seguir viram a Andi ali de pé à frente delas.

Segundo Jessica, Andi estava calma e não gritou nem berrou. Simplesmente disse que tinha um amigo que achava que se devia dar às pessoas a oportunidade de se desculparem quando tinham sido malcriadas e que aquela era a oportunidade delas.

Angela respondeu com um empurrão a Andi para fora do caminho e, um segundo depois, lá estava ela dobrada no chão, ofegante, exatamente como Quentin ficara. Andi virou-se depois para Denise, que também a maltratou e, um minuto depois, acabava tombada no chão.

– A Andi sentou-as num banco – Jessica continuou – e deu-lhes um sermão. Sabes? Como fez com Quentin? Ela estava mesmo calma e tranquila, mas disse-lhes o que aconteceria se elas voltassem a ser malcriadas com ela. Acho que perceberam a mensagem.

Francis escutou a história, espantado e boquiaberto:

– Ela meteu-se em dois sarilhos? No primeiro dia de escola? Depois de tudo o que a Sra. Parsons disse?

– Sim. Sei que é errado e ela não o deveria ter feito, mas... – O rosto de Jessica abriu-se num sorriso – Foi brilhante!

Talvez Francis não tenha aprovado o que Andi tinha feito, mas os resultados, pelo menos a curto prazo, foram surpreendentemente agradáveis.

Embora nem as raparigas nem Quentin tivessem contado o que tinha acontecido, de alguma forma, o acontecimento espalhou-se rapidamente entre os outros alunos. Se pudessem evitar não convinha chatear alguém como Andi. No dia seguinte, Francis notou que as pessoas tinham cuidado com o que diziam na presença dela. De qualquer maneira a maioria tentou não ficar por perto.

Denise e Angela, em particular, certificaram-se de que estavam longe do caminho dela. Nas semanas seguintes, nenhuma delas falou com ela ou sobre ela com ninguém. Foi quase como se tivessem decidido fingir que ela não existia.

E com Quentin os resultados foram ainda mais dramáticos. Se se cruzassem com ele no corredor, ele evitava qualquer contacto visual e passava por eles o mais rápido que podia. Nas aulas de Ciências, que compartilhavam, ele sentava-se o mais

longe possível de Francis e de Andi. Não houve mais indícios das piadas ditas regularmente sobre as roupas que Francis estivesse a fazer para as bonecas dele.

Foi extraordinária a diferença que isso veio fazer na vida escolar de Francis. Na verdade, ele não aprovara o que Andi tinha feito, mas passava bem o dia inteiro sem ter de se interrogar quando Quentin poderia aparecer e o que iria dizer. Saiu-lhe um enorme peso de cima dos ombros. Durante tanto tempo ele tinha-se preparado mentalmente contra essa situação, que quase se esquecera de como era bom não ter de se preocupar sobre o que as pessoas pudessem dizer. Porque agora, ninguém diria nada. Não se atreveriam.

Como uma espécie de prenda de agradecimento, Francis fez uma t-shirt para Andi. Era vermelha, a sua cor favorita, com um desenho pouco convencional na frente, que ela gostou. Gostou tanto que lhe pediu para fazer outra, para que ela pudesse vestir uma enquanto a outra estivesse para lavar. Ele acedeu ao pedido e fez-lhe também logo a seguir uma espécie de colete de ganga para combinar. Ela também gostou muito.

A Sra. Champion viu e ficou muito impressionada.

– É ele próprio que costura tudo isto? – perguntou ela à Sra. Meredith um dia enquanto estavam sentadas na cozinha – Ou tu ajuda-lo?

Sra. Meredith riu-se.

– Não tenho permissão nem de chegar perto da preciosa máquina de costura dele – disse ela. – Sou muito desajeitada. – Depois pegou no cheque que Sra. Champion tinha acabado de lhe dar. – Olha, tens a certeza de que tudo isso é para mim? Parece um pouco demais por umas tigelas.

– Isto é só o começo – disse a Sra. Champion alegremente. – Prometo que quando terminar, estarás a precisar de uma ajuda extra. – Tomou um gole de café, pensativamente. – É engraçado, não é?

– O quê?

– Como os dois se deram tão bem. Quero dizer a Rufiazinha nunca esteve minimamente interessada em moda e o Francis não parece gostar de desporto... – A

Sra. Champion fez uma pausa. – No entanto, passam o tempo todo juntos. Tens alguma ideia do que falam?

– Não, de todo – disse a Sra. Meredith. – Voltam da escola, desaparecem lá para cima e é praticamente isso tudo o que vejo deles.

– Sim – disse a Sra. Champion, acenando com a cabeça. – É o que acontece também quando eles vêm lá a casa.

Naquele momento, a porta da frente abriu-se e Francis gritou do corredor, animadamente com muitos risos e barulhos à mistura, que ele e Andi iam lá para cima.

– Calma – disse a Sra. Champion quando o barulho diminuiu. – Não me estou a queixar, parecem bastante felizes.

Embora ambos achassem difícil explicar o porquê, Andi e Francis estavam felizes. Não que fizessem algo de mais. Na maior parte das vezes saíam apenas juntos. Iam para a escola, voltavam para a casa, faziam os TPCs, Andi exercitava-se e Francis fazia umas peças ou desenhava-as...

Mas havia também Jessica e, como Andi dizia, tudo era quase sempre divertido quando se tinha um fantasma por companhia. Ver Jessica imaginar-se dentro de um novo figurino, o que acontecia várias vezes ao dia, ajudava Francis a fazer roupas interessantes para Andi. Sentar-se na aula com alguém que de repente talvez decidisse pôr-se de biquíni em cima da mesa da professora tornava qualquer aula divertida, tal como um passeio na cidade com alguém que conseguisse atravessar as paredes e dizer o que se estava a passar do outro lado nunca iria ser um tédio. Andi achava que era preciso estar morto para não gozar a vida com alguém como Jessica por perto.

Mas havia uma coisa que a incomodava. Ainda não tinha resposta para a pergunta que tinha feito a Jessica naquele primeiro fim-de-semana, sobre como ela tinha morrido. Nem Jessica nem Francis pareciam ter muito interesse no assunto, mas Andi nunca deixou de querer encontrar a resposta, pensando numa maneira muito simples de a conseguir. Se os outros não estavam interessados, ela estava decidida a fazê-lo sozinha.

Era o tipo de coisa que a Jessica deveria saber.

Toda a gente deveria saber como tinha morrido.

No caminho para a escola, Andi pensou num plano. Iria à aldeia onde Jessica costumava viver.

– Para quê? – perguntou Francis – Não podes bater à porta da tia dela e perguntar o que aconteceu. Seria tão mau quanto telefonar-lhe.

– Não temos de bater à porta de ninguém – disse Andi pacientemente –, só temos de perguntar na loja.

– Na loja?

– Havia uma loja na aldeia onde vivias, não havia? – perguntou Andi, virando-se para Jessica – Numa aldeia tudo se sabe. Só preciso de entrar e perguntar: “Conhecia uma rapariga chamada Jessica Fry? Sabe o que lhe aconteceu? E eles dir--me-ão” – Fez uma pausa. – Pensei que poderíamos ir até lá este fim-de-semana.

Jessica disse que não conseguia ver a razão daquilo. Nunca esteve interessada em descobrir porque tinha morrido. Nunca lhe parecera importante. Disse que havia muitas outras coisas mais excitantes que podiam fazer. Andi insistiu, contudo.

– Talvez não estejas interessada, mas eu estou – disse ela. – Assim teremos uma oportunidade de dar uma olhadela onde costumavas viver. Ver se alguma coisa mudou. Procurar talvez o cemitério da igreja para ver se tens uma lápide, deves ter curiosidade!

Jessica salientou que se estivesse interessada já o teria feito, mas Andi não ficou dissuadida. Só levaria uma hora ou algo assim, argumentou. Tinha dito à mãe que Francis queria visitar o túmulo de uma amiga e a Sra. Champion já tinha concordado em levá-los. Jessica não tinha de vir com eles, mas seria muito mais divertido se ela viesse...

Andi chegava a ser obstinada quando se entregava de alma e coração a uma coisa, por isso nenhum deles ficou surpreendido quando, no sábado à tarde, se meteram todos no carro da Sra. Champion para fazer os 11 quilómetros até à aldeia.

Ao estacionar o carro fora da igreja, a mãe de Andi disse a Francis que podiam demorar o tempo que quisessem, porque ela tinha muitos telefonemas a fazer. Então,

enquanto Andi saiu para procurar a loja, ele abriu o portão do cemitério da igreja e entrou acompanhado de Jessica.

Não tardou a encontrarem o túmulo. Todos os novos enterros estavam na mesma secção e um deles estava assinalado com uma pequena lápide quadrada, colocada na relva. Nela estava inscrito o nome de Jessica, o ano em que tinha nascido, o ano em que morrera e as palavras: *Profundamente amada*. Em redor do túmulo alguém tinha plantado um círculo de primulas que estavam a desabrochar. Olhar para tudo aquilo causou em Jessica uma sensação estranha.

– Então, onde é que moraste? – perguntou Francis.

– O quê?

– A tua casa, era aqui perto?

– Era ali – Jessica apontou para além das lápides, para um grupo de casas bem visíveis no meio das árvores, do outro lado da estrada. – Bannock Lane. Vivíamos na última casa à direita.

Ao dizer isto, a mente da Jessica encheu-se de imagens: o quarto dela, ao cimo do patamar, voltado para a frente, sentar-se na sala de estar a ver televisão com a tia e o tio, comer as refeições na cozinha à volta da mesa pequena.

– Talvez lá vá para dar uma olhadela – disse ela. – Importas-te?

– Claro que não – disse Francis. – Eu espero aqui.

– Obrigada. – Jessica estava já a deslizar em direcção à estrada, acariciando a relva com os pés. – Só uns minutos.

A casa estava exactamente como ela se lembrava. Quando atravessou a porta da frente para o corredor, encontrou o mesmo papel de parede decorado, o mesmo tapete, os mesmos cabides de casacos à direita e até os mesmos casacos. Embora houvesse um diferente. Na parede à esquerda oposta à sala de estar estava uma fotografia grande dela. Era uma cópia da última foto da escola e, ao ver o seu próprio rosto a sorrir, veio-lhe o mesmo sentimento estranho de quando viu a lápide.

Jessica vagueou até à sala de estar onde notou que a televisão tinha sido substituída; depois foi até a sala de jantar, que estava cheia de arquivos e de relatórios de negócios do tio George – como sempre – e depois dirigiu-se para a cozinha. Nada

havia mudado. O cesto do pão, o açucareiro, a chaleira... tudo estava exactamente como ela se lembrava. Olhou pela janela para o jardim durante um minuto; depois voltou para o corredor e subiu as escadas.

O primeiro quarto no topo do patamar era a casa de banho, à direita era o quarto da tia Jo e do tio George, à esquerda era o quarto de hóspedes e, voltado para a frente, estava o quarto que tinha sido dela. A porta estava fechada e, quando Jessica a atravessou ficou chocada ao descobrir que tudo tinha sido completamente mudado.

Tudo do que ela se lembrava tinha desaparecido. A cama, o guarda-vestidos, o armário pequeno com a sua colecção de dragões, as estantes com livros, a televisão, até o tapete e as cortinas, tudo tinha sido removido. Tinham pintado de novo o quarto e posto uma secretaria nova encostada à parede, debaixo da janela com um novo computador, um telefone, uma impressora e uma cadeira giratória. No lado direito da parede, onde tinha estado a cama dela, colocaram estantes cheias de pilhas de papel e revistas, mais um grande armário de arquivo com três gavetas.

A tia e o tio devem ter usado o espaço para parte dos seus negócios e de Jessica restaram apenas as dezenas de fotografias dela coladas numa cartolina com um vidro por cima, penduradas na parede atrás da porta. Havia fotos dela em bebé com os pais, depois com a avó e ainda outras dos meses em que tinha vivido com o tio e a tia. Jessica nunca tinha visto metade delas antes e ficou a olhá-las durante vários minutos, a tentar perceber onde tinham sido tiradas. Estava ainda a olhá-las, quando nisto ouviu o som de pessoas a abrirem a porta.

Ela esperou enquanto elas entravam, passavam pela cozinha, voltavam para o corredor e depois subiam as escadas. Ela ficou a escutar enquanto eles andavam... até que a porta do quarto abriu-se...

A Tia Jo entrou no quarto.

– Onde é que ela foi? – perguntou Andi, quando chegou ao cemitério e encontrou Francis sozinho.

– Ela foi dar uma olhadela à casa antiga – disse Francis –, o que descobriste?

– Nada – Andi abanou a cabeça. – As pessoas da loja são novas e nunca ouviram falar da Jessica. – Bateu com os pés no chão para os manter aquecidos, pois a brisa que corria tornava-se maia fria. – Ela vai demorar?

– Acho que não – disse Francis –, disse que eram só alguns minutos.

Mas Jessica não voltou após uns minutos. Nem depois de vinte minutos.

– Achas que a tua mãe se importaria se eu fosse até à casa? – perguntou Francis. – Para ver o que se passa?

– Achas que há algo de errado?

– Acho – disse Francis. Não fazia nenhuma ideia do quê, mas achava que havia. Sra. Champion disse que não se importava de esperar. Estava a braços com lista de telefonemas e Andi disse que ficaria junto do carro, enquanto Francis ia até Bannock Lane. Quando chegou à última casa à direita olhou para a construção geminada, em pedra, com o jardim e a garagem de um dos lados, e perguntou a si próprio o que deveria fazer a seguir. Não havia qualquer sinal da Jessica. Ele olhou por cima da cerca, para dentro da janela e tentou vê-la dentro de casa, mas ela não estava lá.

Pensou bater à porta, caso ela estivesse aflita e precisasse de ajuda, mas depois deu-se conta de que se alguém viesse, ele não poderia perguntar se havia um fantasma lá dentro. Se ninguém viesse, para quê bater à porta? Ainda estava a pensar no que fazer quando a porta da frente se abriu e uma mulher apareceu. Era alta, com cabelo curto e preto, e caminhou na direção dele

– Olá – disse ela – Está tudo bem?

– Sim, obrigada – disse Francis. – Estou... à espera de uma amiga.

– Ah, sim – a mulher assentiu. – Queres conversar, enquanto esperas?

– Não, não, está tudo bem – disse Francis, afastando-se. – Estou bem.

– Ok. – A mulher meteu a mão dentro do bolso da saia, pegou um cartão e deu-lho. - Talvez gostasses de ficar com isso, caso mudes de ideias.

Francis pegou no cartão. Estava escrito Joanna Barfield - Conselheira, com o número do telefone e um endereço electrónico em baixo.

– A senhora conheceu...conheceu alguém chamado Jessica Fry? – perguntou Francis.

A mulher encaminhava-se já para a casa, mas parou e virou-se.

– Sim. Era minha sobrinha. Morreu há pouco mais de um ano. Conhecia-la?

Francis não tinha muita certeza de como responder.

– Ouvi falar dela - disse ele.

A mulher acenou com a cabeça, depois apontou para o cartão. – Podes telefonar a qualquer altura – disse ela. – Quando quiseres.

Quando Francis voltou para o carro, a Sra. Campion estava ainda sentada no lugar do condutor com o telemóvel colado ao ouvido, enquanto Andi se encostara ao capô, à espera dele.

– Encontraste a casa? – perguntou ela.

– Sim.

– E a Jessica?

Francis abanou a cabeça.

– Então, o que fazemos?

– Suponho que...vamos para casa?

– E deixamo-la para trás?

– Não é como se ela estivesse enalhada – disse Francis. – Tudo o que ela tem de fazer é fechar os olhos e imaginar-se de volta. Já deve ter feito isso.

Mas quando voltaram a Alma Road, não havia sinal de Jessica. Ela não estava na casa de Francis, nem na de Andi. Não apareceu naquela noite, nem houve qualquer sinal dela no dia seguinte.

Nem no outro a seguir.

Nem no outro ainda.

Não foi fácil.

A amiga com quem Francis tinha partilhado quase cada hora do dia no último mês tinha desaparecido da sua vida e ele não fazia a menor ideia para onde ela tinha ido e porquê. Tinha desaparecido tão de repente e tão inesperadamente como tinha aparecido no campo de jogos naquele dia. E ele sentia a falta dela.

O mesmo se passava com Andi e ambos achavam o desaparecimento dela difícil de aceitar. Aproximaram-se ainda mais nos dias que se seguiram, conversando interminavelmente sobre o que poderia ter acontecido, para onde é que Jessica teria ido e quando voltaria. Mas a pura verdade é que nenhum deles tinha a mínima ideia.

Na segunda-feira, depois de um dia bem sombrio na escola, os dois amigos vieram para a sala e Andi pôs-se a provar a blusa de algodão esbranquiçado que Francis tinha estado a ajustar.

Tinha sido ideia de Jessica ajustar a Andi a blusa e a saia em xadrez Príncipe de Gales. Dissera que era um desperdício estarem para ali no manequim Betty e foi justamente quando Francis marcava as alterações que, de repente, se apercebeu de que Andi estava a chorar.

– Foi tudo culpa minha, não foi? – disse ela com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces. – Se não a tivesse feito ir à aldeia connosco ela ainda estaria aqui, não estaria!?

– Não sabemos se alguma coisa aconteceu. – Francis estendeu a mão para tirar a blusa antes que Andi pudesse usar a manga para se assoar. –Talvez os fantasmas façam isto de vez em quando. Vamos-lhe perguntar quando ela voltar.

– Mas se ela nunca mais voltar? E se ela se foi embora para sempre e nunca mais a vemos?

– Havemos de vê-la outra vez – disse Francis com firmeza. – Eu sei que vamos.

– Sabes?

– Sim – disse Francis. – Não sei como, mas sei.

Algo no íntimo de si lhe dizia que a história não tinha ainda terminado e que Jessica estaria de volta.

Por isso foi um enorme alívio quando ela apareceu no quarto dele enquanto ele se vestia para ir para a escola, na quarta-feira de manhã.

Trazia vestido uma bata do hospital, nada mais, nem sequer sapatos, e tinha um olhar um pouco atordoado. Não que Francis estivesse incomodado, ele estava incrivelmente satisfeito por vê-la.

– Graças a Deus! – disse ele – Onde é que tens andado? Estás bem?

– Acho que sim. – Jessica tinha o olhar de alguém que tinha sido atropelada por um carro e ainda não tinha recuperado.

– Então, o que aconteceu?

Acontece que Jessica não fazia nenhuma ideia de onde tinha estado ou o que lhe acontecera. Tudo o que sabia é que se vira de repente num quarto pequeno, no terceiro piso do hospital. Nessa manhã sentiu-se “estranha” e não tinha a certeza de que dia era.

– Reparei no calendário em cima da secretaria da enfermeira – disse ela – que dizia que era quarta-feira e então percebi que não conseguia lembrar-me da segunda ou da terça-feira. – Franziu o sobrolho. – A última vez que te vi era sábado, não era?

– Fomos onde costumavas morar – disse Francis –, de tarde.

– Fomos? – perguntou Jessica. Parecia confusa.

– Fomos ao cemitério e depois foste a casa da tua tia e nunca mais voltaste.

Não te lembras?

Jessica abriu a boca para responder...e desapareceu outra vez.

Desta vez, felizmente, não foi por muito tempo e, passados vinte minutos, reapareceu entre Francis e Andi, ainda com a bata do hospital, já no caminho para a escola.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

– Desapareceste de novo – disse-lhe Francis.

– De novo? - Jessica franziu o sobrolho. – Por que continuo a fazer isso?

– Não sabemos – disse Andi – Mas gostava que o não fizesses. É muito perturbador.

– E precisas de vestir roupas mais apropriadas – disse Francis. – Estás toda exposta atrás.

– Oh! Pois... – Jessica concentrou-se por um minuto e a bata do hospital foi substituída por umas calças de ganga e um casaco. – Está melhor assim?

– Muito melhor – sorriu Andi. - Não tens mesmo nenhuma ideia porque é que desapareceste?

– Não – Jessica abanou a cabeça. – Nem um palpite.

Contudo, quando ela “desapareceu” mais duas vezes durante a manhã, uma parte da razão tornou-se clara. Ela desaparecia sempre que Francis e Andi lhe faziam perguntas sobre o que tinha acontecido durante a visita a casa da tia no sábado.

Rapidamente decidiram de que não haveria mais conversas sobre a casa, a aldeia, ou o que quer que tivesse acontecido naquele dia. Não haveria mais nenhuma investigação sobre o passado de Jessica. Embora fosse interessante descobrir porque é que ela tinha morrido, se era para a fazer desaparecer, simplesmente não valeria a

pena correr o risco. Ter o fantasma de Jessica nas suas vidas era bom de mais para que se perdesse com qualquer coisa que se fizesse. Principalmente, como Andi disse, com um teste de Matemática na próxima sexta-feira.

Para a Sra. Champion e a Sra. Meredith, ver a satisfação dos filhos era cada vez mais uma maravilha. A Sra. Meredith via com alívio como Francis perdera aquele seu ar abatido e de perseguido, que a tinha preocupado durante muito tempo. Por sua vez, a Sra. Champion ainda mal acreditava na mudança de Andi. Tudo na filha parecia ter-se transformado. Recebia bons relatórios da escola, tinha parado de bater nas pessoas, até se vestia de maneira diferente, algo que Sra. Champion achou deveras intrigante.

Andi nunca se interessara por roupa fora da escola. Simplesmente vestia as mesmas calças de ganga e a mesma t-shirt todos os dias, até se desfazerem, mas nas últimas semanas aquilo tinha mudado. Tinha começado com a t-shirt que Francis tinha feito. Depois pediu dinheiro para comprar roupas novas na cidade e agora, quando Sra. Champion lhe pedira para vestir uma coisa mais elegante, para irem a Londres, ela apareceu vestida com um top esbranquiçado e uma mini saia em xadrez Príncipe de Gales, muito atraente, que lhe assentava como uma luva. A Sra. Champion quase que chorou ao vê-la. A sua Rufiazinha! A vestir uma saia em condições!

Não sabia como todas estas mudanças tinham acontecido, mas tinha certeza de uma coisa, o responsável era Francis. Ela não sabia como ele o tinha feito, mas aos olhos dela, o rapaz do número quarenta e sete tinha um estatuto muito próximo de Deus.

Ela contava esta história incrível a toda a gente, sempre que podia. Em como a filha se tinha recusado completamente a ir à escola; em como ela tinha conhecido Francis e, apenas num dia, ele não a tinha só persuadido a ir à escola como também a aplicar-se.

– Não tenho ideia de como ele o conseguiu – dizia ela com voz estridente – e nunca ousei perguntar, mas vou dizer-te algo. É o rapaz mais notável que já conheci. Absolutamente. Sem dúvida. O rapaz mais notável.

Ela repetia tantas vezes esta história, para quem quer que a escutasse, que esse ato tornou-se na parte mais inquietante da própria história.

– Recebi um telefonema ontem à noite, de uma Angela Boyle – disse a Sra. Meredith ao pequeno-almoço –, a perguntar se poderias ajudar.

– Ajudar com o quê? – Disse Francis.

– Ela tem um filho chamado Roland que estuda na Escola de St. Saviour. Há um mês ele disse que não queria mais voltar lá. Ela tinha esperança de que o pudesses fazer mudar de ideias.

– Eu? – disse Francis – O que é que eu hei de fazer?

– Ela quer que converses com ele como fizeste com a Andi. Disse-lhe que lhe telefonarias ainda hoje de manhã.

Francis suspirou. Um dia, pensou ele, haveria de ter uma conversa séria com a sua mãe sobre limites.

– Não tinhas mais nada a fazer, pois não?

Era sábado e Andi tinha ido a Londres ver o pai dela que viera do Kuwait há vinte e quatro horas. O facto de Francis ter planeado passar o dia a ver montras com Jessica, não era uma coisa que pudesse explicar à mãe.

– Não sei como posso persuadir alguém que não conheço a ir à escola.

– Tudo o que podes fazer é conversar com ele – A Sra. Meredith serviu-se de outra chávena de café. – Eles vivem num daqueles casarões em Paterson Road. Não te levará muito tempo a lá chegar de bicicleta e, se não der, vens logo de volta para casa. Pensa nisso como uma boa acção para o dia.

Francis concordou relutantemente.

– Embora nada disto faça sentido – disse ele a Jessica quando ela apareceu, meia hora mais tarde. – Quero dizer, o que é que se deve dizer a um completo desconhecido para o fazer voltar para a escola quando ele próprio não o quer?

– Nada – disse Jessica ao imaginar-se com um par de luvas e um cachecol de caxemira. – Então não vais demorar muito, pois não?

Na verdade, demorou mais do que qualquer um deles esperava. Para começar, Francis tinha um pneu furado e demorou vinte minutos a consertá-lo para depois descobrir que a casa ficava ao fundo da Rua Paterson, o que significava que tinha de ir

de bicicleta mais quase 2 kms. Quando lá chegou, cheio de calor e a transpirar, já não tinha qualquer disposição para ajudar ninguém, mas ainda assim deixou a bicicleta no cascalho, diante de um dos maiores casarões que alguma vez vira, e tocou à campainha da porta da frente.

– Vou entrar e dar uma espreitadela– disse Jessica. - Volto num minuto, OK?

Francis acenou com a cabeça e esperou na varanda até a Sra. Boyle abrir a porta. Era uma mulher pequena com um olhar preocupado, a torcer nervosamente o lenço de tecido entre os dedos.

– É tão amável da tua parte, Francis – disse ela, quando ele se apresentou. – Já soubeste do problema do Roland, não?

– A minha mãe disse que ele não quer ir para a escola.

– É isso mesmo – confirmou a Sra. Boyle ficando corada. – Não estamos à espera de milagres, claro, mas se pudesses conversar com ele e descobrir o que se passa. Talvez fazê-lo... – Ela hesitou. – A Frieda Campion disse que fizeste maravilhas pela filha dela e se conseguisses fazer qualquer coisa do género pelo Rollo...

– Falarei com ele – disse Francis –, mas se ele não quiser ir à escola, não acho que possa resolver nada.

– Não, não, possivelmente não – A Sra. Boyle continuava a torcer o lenço de tecido mais intensamente –, mas fico-te muito grata por tentares. – Ergueu a cabeça e deu um berro pelo corredor fora com uma força surpreendente. – Roland! O teu amigo está aqui! – Depois virou-se para Francis. – Eu disse-lhe que estavas a vir e ele ficou na expectativa. Roland! – berrou ela de novo. – Roland! Vem cá e diz olá!

Esperaram durante algum tempo, mas não houve sinal do Roland; finalmente, a Sra. Boyle acompanhou Francis pelo corredor, por uma passagem para o quarto dele, onde timidamente, ela bateu na porta.

– Estás aí, querido? – perguntou ela – É o teu amigo Francis que veio ver-te. Eu falei-te sobre ele, lembras-te?

Ainda sem resposta.

– Talvez pudesses entrar sozinho – sussurrou a Sra. Boyle. – Ele tem estado um pouco mal-humorado ultimamente, mas sei que quer mesmo ver-te.

Francis empurrou a porta e entrou.

As cortinas estavam bem fechadas e a única luz no quarto vinha da tela do computador a um canto, a mostrar dois zombies a avançar para um homem que estava a segurar uma serra eléctrica. Quando os olhos dele se ajustaram à escuridão, Francis pôde ver uma cama desfeita encostada à parede, um chão repleto de roupas e latas de bebida vazias, uma mesa coberta com pratos com comida pela metade e um ecrã grande de televisão pendurado numa das paredes.

O próprio Roland estava sentado em frente ao computador e ele era ... enorme. Estava sentado numa cadeira giratória que chiava debaixo do peso dele quando se mexia. A gordura dos lados do corpo transbordava sobre os braços da cadeira. Francis nunca tinha visto alguém tão grande.

Roland parecia não ter reparado que alguém tinha entrado no quarto e continuou a bater levemente no teclado.

– Olá – disse Francis.

Roland não parou de bater levemente no teclado. O homem com a serra eléctrica tinha-a usado para cortar as cabeças dos zombies, mas havia outras quatro cabeças a aparecer num cemitério em ruínas. Roland continuou ali sentado a jogar o seu jogo. Uma onda de irritação percorreu Francis. Tinha coisas bem melhores para fazer com o tempo dele do que ficar ali em pé num quarto escuro a ser ignorado por alguém que, à partida, ele não queria conhecer.

– Certo – disse ele –, acho que não queres ver-me e está tudo bem. Mas da próxima vez, talvez possas dizer isso mesmo a alguém antes de eu desperdiçar metade da minha manhã a pedalar até aqui.

Deu meia-volta dirigindo-se a porta do corredor em frente. Achava que devia despedir-se da Sra. Boyle, mas não havia sinal dela e, honestamente, ele não se importou. Saiu sem se importar de fechar a porta da frente atrás de si.

Jessica apareceu na entrada da garagem.

– Esta é uma casa fantástica! Sabes que eles têm uma piscina coberta na parte detrás? E o jardim é... O que se passa?

– Ele não falou comigo – disse Francis. – Continuou ali sentado a jogar no computador dele. Ignorou-me completamente. – Pegou na bicicleta e começou a pedalar em direcção à estrada. – Eu sabia que isto era uma perda de tempo.

– Espera um minuto – disse Jessica. Estava a apontar para a porta da frente, onde o Roland tinha aparecido a ofegar levemente, com os olhos a piscar na claridade da luz do sol que o incomodava.

– Desculpa – disse ele –, tens razão. Fui muito grosseiro e... – Parou para recuperar o fôlego – Olha...hmm...queres entrar e jogar um jogo ou qualquer coisa?

– Não, obrigado – disse Francis. – Já tive o suficiente para um só dia. – Continuou a andar pela entrada da garagem.

– E que tal amanhã? – perguntou Roland, mas Francis não respondeu. – A tua amiga também pode vir, se ela quiser.

Os pés de Francis gelaram no meio do caminho.

– A minha amiga?

Roland apontou para Jessica. - Os dois são mais do que bem-vindos. E realmente peço-vos desculpa.

Seguiu-se um grande silêncio.

– Estás a convidar-me também? – perguntou Jessica.

– Claro – Roland acenou com a cabeça. – Se quiseres.

– OK... – Francis suspirou profundamente – Talvez seja melhor entrarmos e termos todos uma conversa.

Ao contrário de Andi, Roland não recebeu tão calmamente a notícia de que a Jessica era um fantasma. Quando voltaram para o quarto e Jessica lhes mostrou como atravessava a mobília, o rapaz desmaiou. Era um corpo muito pesado, que caiu inerte no chão, com um estrondo tal que a Sra Boyle saiu a correr pelo corredor e perguntou nervosamente se tudo estava bem.

– Está tudo bem – disse Francis pela porta. – O Roland caiu, mas está bem. – Ajoelhou-se à beira do corpo trémulo estendido no chão, que tinha finalmente aberto os olhos. – Estás bem, não estás?

– Sim... Sim... estou bem, mãe! – disse Roland. Arregalara muito os olhos, ao olhar para Jessica, que se mantinha discretamente do outro lado do quarto. Contudo, enquanto ele absorvia vagarosamente o facto de estar ali alguém morto, mas que era uma rapariga perfeitamente comum, o medo dele transformou-se num grande interesse.

Sentou-se na cadeira a ouvir com interesse a história que Francis e Jessica lhe contavam. Jessica tinha acordado no hospital e vagueado sozinha por mais de um ano. Porém, há cerca de duas semanas veio a descobrir que Francis, primeiro, e Andi, depois, conseguiam vê-la e falar com ela.

Finalmente, quando acabaram de contar a história e antes de Roland pedalar até Paterson Street, ele recostou-se na cadeira, com as mãos juntas por cima do estômago e disse - É um problema interessante, não é?

– Um problema? – disse Francis. Nunca tinha pensado em Jessica como um problema.

– Desculpa, não quis ser malcriado. – Roland sorriu para se redimir com Jessica. – Mas não é suposto estares aqui, ou é?

– Não é?

– As pessoas mortas não devem ficar aqui por perto, na Terra. – insistiu Roland, com firmeza. – Quando morres é suposto seguires em frente. Era o que esperavas fazer, não era? Quando, no hospital, pensavas que alguém deveria vir e dizer-te o que fazer a seguir, mas ninguém o fez.

Jessica acenou a concordar.

– E será por isso que voltas lá todas as noites – continuo Roland – porque estás à espera que alguém te diga como seguir em frente, mas não consegues. Estás presa aqui. É isso o que os fantasmas são! São espíritos que deviam ter seguido para diante, mas não conseguem.

– Como sabes tudo isso? – Perguntou Francis.

– Bem, realmente não sei – Roland admitiu. – Estou apenas a dizer o que li, está tudo nos livros. – Apontou para as estantes de livros atrás de si.

Na verdade, a maioria dos livros do Roland era sobre fantasmas ou vampiros, vudu, magia negra, possessão ou mortos-vivos. Tinha lido muito sobre o assunto e Francis estava prestes a perguntar-lhe o que mais ele sabia, quando a Sra. Boyle bateu à porta e perguntou se alguém queria almoçar.

A mãe de Roland esmerou-se a preparar uma refeição ao agrado dos dois rapazes. A mesa da cozinha era quase do tamanho de algumas divisões da casa de Francis. A mesa estava empilhada com pratos de salsichas, pão de alho, pedaços de pizza, frango frito, fatias de torta, queijos e presuntos. Como Jessica disse, era o suficiente para que até um fantasma quisesse ter um corpo. A quantidade de comida que Roland comeu cheio de apetite, explicava o facto de ele ser tão gordo, algo que não parecia preocupar a Sra. Boyle. Finalmente, quando Francis sentiu que não conseguia comer mais nada, ela limpou a mesa e veio com duas grandes tortas de frutos, uma tigela trifle e duas taças de gelado de caramelo.

– Não sei se podes cá ficar Francis – disse ela enquanto pousava as tigelas e as colheres na mesa –, mas liguei o aquecedor da piscina, caso algum de vós queira nadar hoje à tarde.

A piscina interior era grande como tudo na casa de Roland. Tinha um teto de vidro, uma prancha numa das extremidades e na outra uns degraus que conduziam para dentro da água. Perto da parte mais baixa da piscina, havia uma porta que dava para um vestiário com prateleiras inteiras cheias de toalhas e de fatos de banho extra.

A água estava tão quente que Francis podia ver o vapor elevar-se da superfície.

Os dois rapazes deitaram-se nas espreguiçadeiras ao sol, pois sabiam que não era seguro nadar logo após uma refeição pesada, e ficaram a ver Jessica a nadar. Ela movimentava-se através da água tão facilmente como atravessava as paredes e portas, enquanto, muito entretida, mudava a cor ao fato de banho.

Entretanto, Francis lembrou-se de que Roland talvez pudesse responder à pergunta que Jessica tinha feito no primeiro dia em que se conheceram.

– Às vezes perguntamos-nos – disse ele – o porquê da Andi e eu sermos as únicas pessoas que podem ver a Jessica. Andi pensou que talvez fosse por sermos médiuns, mas não temos certeza.

– Pode ser – admitiu Roland –, mas acho que não.

– Não?

– Em todos os livros que li, os médiuns costumam desde cedo dar sinais da sua capacidade e disseste que, anteriormente, nunca nada disso se passou contigo ou com a Andi. – Roland parou pouco para depois acrescentar – E decerto nunca aconteceu comigo.

– Então, o que achas que é?

– Só penso que devemos ajudá-la de algum modo – disse Roland. – Como te disse, não é suposto ela estar aqui, por isso talvez seja um dever nosso ajudá-la a chegar até onde ela deve estar.

– Oh! – exclamou Francis – Como faríamos isso?

– Não faço ideia. – Roland arrastou a espreguiçadeira, fazendo um barulho horrível. – Falo sobre estas coisas na internet com uma senhora australiana... – Olhou de relance para o relógio. – A esta hora ela está a dormir, mas costuma ficar online por volta das duas ou três da manhã. Gostaria de lhe perguntar o que ela acha, está bem?

– Acho que sim – concordou Francis. – Embora, para ser sincero, não quero que a Jessica se vá embora para lado nenhum.

– Não queres?

– Não – disse Francis. – Gosto de tê-la por cá.

Na piscina, Jessica estava a dar mergulhos à golfinho para dentro e para fora da água, enquanto fazia o seu biquíni reluzir em todas as do arco-íris. Os dois rapazes observaram-na durante algum tempo.

– Sim – disse Roland, assentindo com a cabeça. – Compreendo.

Meia hora mais tarde entraram na piscina e Roland mostrou-se um exímio nadador. Podia ser lento e desajeitado em terra, mas dentro de água mexia-se com a confiança descontraída de uma morsa. Divertiram-se na água durante mais de uma hora: jogaram à bola e mergulharam usando máscaras de mergulho. Depois a Sra. Boyle entrou com um carrinho de chá, onde tinha colocado um prato de scones, uns biscoitos amanteigados e um grande bolo de chocolate, caso eles estivessem com fome depois de todo aquele exercício.

– Não me parece que tenhas qualquer dificuldade em fazê-lo falar – disse ela para Francis, enquanto este saía da piscina.

– Não, não mesmo.

– Gostava de saber qual é o teu segredo! – A Sra. Boyle pegou num guardanapo e começou a torcê-lo. – Ele já disse alguma coisa sobre a escola?

– Ah... – Francis esquecera-se completamente de que tinha sido justamente por causa disso que fora convidado. – Não, ainda não. Pensei deixar o assunto da escola para falarmos quando nos conhecêssemos melhor.

A Sra. Boyle acenou com a cabeça, profundamente impressionada. Era, sem dúvida, o tipo de pensamento sofisticado com que ele tivera sucesso junto da filha de Frieda Champion.

– Então, vais vê-lo outra vez?

– Ah, sim! – Francis acenou com a cabeça. – Ele vai a minha casa amanhã, se achar bem. Gostava que ele conhecesse um outro amigo meu.

Outro amigo? A Sra. Boyle retorcia tão apertadamente o guardanapo entre os dedos que aquele mais parecia um fio de aço. Como é que ele o conseguiu? Roland recusara-se a falar com alguém durante umas duas semanas e quase só saía do quarto para comer. Mesmo assim, Francis teve logo entrada lá em casa, conseguiu que ele

falasse e entrasse na piscina e agora tinha conseguido convece-lo a conhecer outra pessoa no dia seguinte!

Frieda Champion tinha razão, pensou ela. Francis Meredith era claramente um jovem notável.

No dia seguinte, às dez horas da manhã, quando Sra. Meredith veio atender à porta da frente, encontrou Roland no degrau. Estava encostado ao caixilho da porta, com a respiração pesada e o suor a escorrer-lhe pelo rosto. Passaram-se alguns segundos, antes que ele pudesse falar.

– Eu sou o Roland... – disse ele, quando finalmente recuperou o fôlego. – Vinha ver o... Francis...

A Sra. Meredith mandou-o entrar e fê-lo sentar-se no último degrau da escada. Depois chamou por Francis e seguiu até à cozinha para buscar um copo de água. Quando voltou, ficou aliviada ao ver que Roland tinha recuperado mais a sua cor normal e, antes de regressar aos seus afazeres, pediu também a Francis que levasse a bicicleta dali para as traseiras.

O carro da minha mãe teve de ir para a oficina hoje de manhã – disse Roland, quando Francis voltou. – Por isso tive de pedalar até aqui. Levantou-se para tirar a mochila. – A Jessica está aqui?

– Está lá em cima com a Andi – disse Francis. – Estávamos à tua espera.

– Lá em cima? – Roland olhou preocupado para o longo lance de escadas que saía do corredor e empalideceu ligeiramente.

– O meu quarto é no sótão – explicou apologeticamente. – Posso pedir-lhes que desçam, se preferires.

– Não, não. – Roland continuava a olhar para cima. – Lá em cima está bem. É melhor conversarmos onde não haja ninguém que nos oiça.

– Eu levo-te isso. – Francis tomou-lhe a mochila das mãos.

– Obrigado – disse Roland, subindo as escadas com ar resoluto.

Chegou ao topo com apenas duas paragens curtas no caminho e Francis conduziu-o ao sótão, onde Jessica lhe deu um sorriso de boas-vindas.

– E esta é a Andi – disse Francis.

– Olá – disse Andi. – Descobriste?

– Perdão? – inquiriu Roland, pestanejando nervosamente.

– O Francis disse que ias falar com alguém e descobrir porque é que a Jessica ficou aqui presa como um fantasma – disse Andi. - Falaste?

– Ah... sim! – Roland respirava ainda pesadamente. – Bem, possivelmente. Importas-te que me sente? – Sem esperar por uma resposta ele afundou-se, elegantemente, no sofá.

Francis pousou a mochila no chão ao lado dele.

– Então, o que disse a tua amiga?

– Bem, na verdade, muitas coisas... – Roland mudou de posição para se sentir mais confortável. – Começou por dizer o que ainda ontem te dizia, que todos os fantasmas são espíritos que ficam aqui presos por alguma razão. Era suposto terem seguido em frente, mas não conseguem.

– Ela disse porquê? – Jessica pairara no ar, sentando-se em suspenso diante dele.

– Mais ou menos – disse Roland. – Disse que quando as pessoas morrem, a primeira coisa que têm de fazer é rever tudo que fizeram na vida: o que fizeram de errado e certo. Tudo!

– Não me lembro de fazer isso – disse Jessica, franzindo a testa.

– Não... – disse Roland. – E na verdade, essa é a questão. Quando vês a tua vida tens de aceitá-la. O que quer que tenha acontecido, tens de aceitar antes de conseguires seguir em frente. E o que acontece com algumas pessoas é que há qualquer coisa que não conseguem aceitar.

– Porque não? – Perguntou Francis.

– Ela diz que, normalmente, ou é porque lhes fizeram alguma coisa horrível, algo de tão horrível que não querem nem ver nem ouvir...

– Ou?

– Ou porque fizeram algo de horrível a si próprias.

Ninguém olhou diretamente para Jessica, mas percebia-se o que estavam a pensar. O que poderia ter ela feito a si própria, ou terem-lhe feito a ela de tão horrível, para que ela nem sequer aguentasse pensar nisso?

A própria Jessica parecia mais intrigada do que preocupada.

– Não me lembro de fazer nada de horrível – disse ela. – Ou de me terem feito alguma coisa terrível.

– Não – disse Roland –, mas... não te lembras de tudo, ou lembras?

Houve um longo silêncio.

– Queres dizer, como eu morri? – indagou Jessica.

Roland acenou com a cabeça.

– A última vez que tentamos descobrir como a Jessica morreu – disse Andi – ela desapareceu.

– Isto foi porque ela não queria saber – disse Roland. – A minha amiga diz que se ela decidisse, realmente decidisse, que queria lembrar-se, ela ia decerto lembrar-se.

– Não, não ia! – clamou Jessica. – Não escolho o que me lembro! Ou te lembras de uma coisa ou não, e eu não me lembro. Não me recordo de como morri, desculpa lá!

– Eu poderia dizer-to – disse Roland. – Se quisesse.

Houve outra pausa longa.

– Tu sabes? – perguntou Francis – Sabes como ela morreu?

– Ontem à noite, quando estava na internet... – Roland pegou a mochila e puxou-a para o colo – pensei em colocar o nome da Jessica em dois motores de busca e ver o que acontecia. – Tirou de dentro um portátil de aparência cara. – Há dois artigos de jornal sobre ela e muita coisa numa página da internet feita pela tia. – Roland olhou para Jessica e continuou. – Se quiseres, eu mostro-te. Mas só se quiseres, é claro.

Fez-se um silêncio enquanto todos esperavam que Jessica dissesse se queria ou não ver as tais páginas no computador do Roland. Mas ela não disse. Ela não disse nada.

Após o que pareceu ser uma eternidade, Jessica levantou-se.

– Preciso de refletir sobre isso – disse ela. – Não vou desaparecer ou coisa parecida, mas preciso de pensar sobre isso sozinha.

E desapareceu.

Roland voltou-se para Francis:

– Desculpa se tudo isto foi um tanto precipitado – disse ele –, mas a minha amiga disse-me que eu tinha de o fazer. Mais cedo ou mais tarde, a Jessica tem de se lembrar ou, simplesmente, ficará fantasma para sempre. – O rapaz recostou-se para trás e olhou em redor da sala, apercebendo-se pela primeira vez dos desenhos pendurados na parede, das pilhas de tecidos e das fileiras de bonecas.

– O que é isto tudo com os desenhos de vestidos e as bonecas? – Perguntou.

– São meus – disse Francis. – É um hobby.

– Fazes vestidos como um hobby?

– Há algum problema nisso? – Andi falava com uma severa dureza nos olhos.

– Não, não – disse Roland precipitadamente. – Apenas pensei... Inclinou-se para Francis. – Não te fazem passar um mau bocado na escola por causa disto?

Jessica reapareceu vinte minutos mais tarde, vestindo uma bata de hospital. Desde que Francis a conhecia ela aparecera duas vezes com a bata vestida e em ambas as ocasiões foi porque tinha a mente concentrada noutra coisa. Ele sabia que o uso da bata de hospital era como uma falha do sistema num computador. Como se a mente dela estivesse demasiado ocupada para se imaginar em roupas normais.

– Está bem. – disse ela. – Já decidi.

Roland olhou para ela, cuidadosamente – E...?

– E quero saber.

– Tens a certeza? – perguntou Francis.

– Positivo. – Jessica parecia muito determinada. – Se o Roland tiver razão, de qualquer maneira terei de o saber mais tarde ou mais cedo, não é?

– Não tem de ser agora...

– Poderia muito bem ser. – Jessica virou-se para ficar de frente para Roland e respirou profundamente. – Ok, Podes dizer-me. Como é que eu morri?

– Mataste-te – disse Roland disse. – Foi suicídio.

Ninguém disse nada. Ninguém se mexeu. O silêncio no quarto era tão profundo que era difícil respirar. Durante um momento, o corpo fantasma de Jessica brilhou e escureceu; depois voltou ao normal.

– É verdade? – perguntou Francis. – Foi isso que aconteceu?

– Hmm? – Jessica voltou-se para ele. – Oh... sim... Sim, é verdade.

– E lembras-te?

Jessica acenou. Agora lembrava-se de tudo. Todos os dias de preparação e planeamento, as semanas que lhe demorou a juntar comprimidos suficientes, depois a espera pela altura em que os tios saíssem, a caminhada até ao bosque, na parte de trás da casa...

– Porquê? - Foi Andi quem fez a pergunta. – Por que querias matar-te?

Jessica não respondeu. Estava perdida em pensamentos, com o olhar no horizonte.

– Foram os teus tios? – perguntou Francis. – Estavam... a fazer algo contigo?

– Não, não, não foi nada disso – respondeu Jessica. – Eles eram bons. Foram todos sempre bons... muito bons.

Ela lembrava-se de quão carinhosos todos tinham sido naquele dia em que a mãe desmaiou e morreu de um tumor no cérebro, na cozinha. A avó foi especialmente afetuosa. Acolheu e cuidou de Jessica até, um ano mais tarde, morrer de cancro. Mais uma vez todos lhe mostraram grande carinho.

Tanto que a tia Jo e o tio George lhe disseram para ir viver com eles e a ajudaram a buscar e empacotar e buscar todas as suas coisas. Não sabiam mais o que lhe haviam de fazer... Mas nessa altura, ela já estava à beira abismo e quando se está no abismo, o carinho das pessoas não significa nada. Nada.

– Tem graça, não tem? – disse Roland – Como é que o facto de as pessoas serem carinhosas não ajuda nada quando alguém se sente assim. Sabes que eles querem ajudar, sabes que estão a tentar ajudar, mas é como se estivessem noutro mundo. Não fazem ideia de como te sentes, ou como lidar com isso.

Sim, Jessica pensou. Sim, era mesmo assim.

– E podes tentar fingir que está tudo bem – Roland continuava a falar. – Podes agir como se realmente importasse se fizeste um trabalho para a escola ou se comeste ou vestiste isto ou aquilo, quando afinal... Custa tanto fingir e é tão cansativo que o que realmente queres é que tudo aquilo chegue ao fim!

As palavras dele fizeram Jessica lembrar-se de algo. Foi nesse exato momento, ao vir da escola, numa sexta-feira, que lhe ocorreu pela primeira vez uma maneira de terminar com tudo. Uma maneira muito simples de pôr fim a toda a dor, a todo o fingimento e ao abismo. Quando tinha a ideia já bem maturada na cabeça, ocorreu-lhe um fascínio estranho. Tentara ignorá-lo, mas só parecia tornar-se mais forte. Era uma ideia acolhedora e reconfortante numa altura em que ela estava a sentir-se tão mal...

– E então, uma vez que surge a ideia – disse Roland – não desaparece. Está-se sempre a pensar nela.

Jessica olhou para ele. – A tua amiga disse-te isso tudo?

Roland abanou a cabeça. – Não precisei que ninguém me dissesse isto – respondeu ele.

Levou uns minutos até Jessica entender o que Roland queria dizer.

– Tu? – Ela olhou-o fixamente. – A sério?

Roland suspirou levemente. – Fazes lá ideia de como é ser assim? – O rapaz apontou para a sua massa corporal. – Toda a gente a olhar para ti onde quer que vás, a fitar-te, a rir, a chamar-te nomes quando sabem que podes...– Havia na voz dele uma amargura enquanto falava. – Olhas em redor e todos parecem ser capazes de se levantarede manhã a sorrir e divertir-se...e pensas, porque é que não sou capaz de fazer isso? Por que não posso ser uma pessoa comum? Por que tenho de ser diferente de toda a gente?

– No fundo, é isso o que te incomoda, não é? – Era Francis quem agora falava – O ser diferente. Queres muito ser igual a todos, mas... – Olhou para Roland de forma simpática enquanto falava...– Sabes que nunca acontecerá. Serás sempre diferente. Contigo é o quanto pesas, comigo é tudo isto. – Apontou para os desenhos pendurados nas paredes e as bonecas nas prateleiras, depois voltou-se para Jessica, com um sorriso estranho e enviesado. – Lembras-te daquele primeiro dia em que chegaste e te sentaste no banco? Estava a pensar nisso. Não sei se na verdade teria feito alguma coisa, mas ... era sobre isso que eu estava a pensar.

– Então...– disse Roland –, isso quer dizer que nós os três éramos ...

– Nós os quatro.

A voz era de Andi e ela falava com o olhar firmemente cravado no chão, enquanto arrancava agressivamente com os dedos borbotos do tapete.

– Se estás a falar sobre o que é ser diferente, tenta ser baixo ou feio, quando todos são altos e bonitos. Tenta dar uma coça em qualquer pessoa que se atreva a rir de ti... e depois dás-te conta de que isso significa que não resta ninguém com quem conversar. – A rapariga ergueu os olhos e encarou, de forma desafiadora, os outros em seu redor. – Eu estava pronta para isso, antes da minha mãe me trazer para conhecer o Francis naquele dia. E eu também o teria feito. Eu sei que sim, porque as coisas ficaram tão feias que... – olhou de novo para o tapete – que parecia a única saída.

Durante quase um minuto ninguém disse nada e foi Francis quem finalmente quebrou o silêncio.

–Pensavas que estávamos todos aqui para ajudar a Jessica? – perguntou ele, dirigindo o olhar para Roland – A mim parece-me antes que é mais ela que aqui está para nos ajudar.

Nem Francis, nem Andi, nem mesmo Roland, alguma vez falaram a alguém que estiveram a pensar em 'acabar com tudo'. O facto de descobrirem que podiam partilhar esses pensamentos e falar deles com outras pessoas, que tinham se sentido da mesma forma, era singularmente libertador. Pode parecer estranho, mas eles passaram o resto da manhã a conversar e, às vezes, até a rir sobre como a ideia lhes tinha ocorrido pela primeira vez, como pensaram que poderiam levá-la a cabo e perguntando-se se algum deles realmente teria seguido por diante.

Olharam para os artigos de jornal sobre a morte da Jessica que Roland tinha descarregado e nada havia para fazer rir. O primeiro era uma descrição de como o corpo de Jessica fora encontrado por uma mulher que passeava o cão e como foi levado para o hospital. O outro era uma descrição do funeral, ao qual, para surpresa de Jessica, tinham ocorrido várias centenas de pessoas da aldeia e da escola. Ler sobre isso era-lhe bastante penoso.

Jessica nunca tinha realmente considerado que matar-se poderia ter um efeito na vida das pessoas em seu redor. Pensou que a sua ausência, provavelmente, tornaria as coisas mais fáceis para as pessoas que conhecia. Porém, ao ver o site que a tia criara, ficou claro que nada poderia estar mais longe da verdade.

Na página inicial havia uma grande fotografia de Jessica, a mesma que estava pendurada na parede do corredor da casa de Bannock Lane. Por baixo da imagem havia uma legenda, em que a Tia Jo explicava o que acontecera à sobrinha, levando-a a abdicar do trabalho e a dedicar-se a tentar prevenir que a mesma coisa acontecesse a mais alguém. Tornou-se conselheira, criou o site e, se alguém quisesse entrar em contacto com ela, bastava enviar-lhe um email ou telefonar para o número que estava escrito no cabeçalho.

Havia umas páginas interessantes no site a descrever o modo de sentir de Jessica, particularmente o chamado "estar no abismo", o sentimento de que não significava nada nem nunca iria significar. O sentimento de ser diferente e de estar completamente sozinha.

Havia muitas outras páginas sobre os motivos que levavam as pessoas a sentir-se dessa forma e o que poderiam fazer para o contornar. Havia partes escritas por médicos sobre as causas desse estado e os medicamentos que ajudavam, por vezes, as pessoas a sentir-se melhor. Viam-se ainda descrições técnicas escritas por psicólogos, que poderiam ser úteis, números de telefone a contactar, livros a ler e websites da Internet a visitar. O mais interessante de tudo talvez fossem as cartas de pessoas que contavam a sua experiência e o que tinham feito para conseguirem sair do abismo, ou evitar cair novamente nele.

Foi uma dessas cartas que descreveu algo de que Jessica se lembrou e que também os outros, imediatamente, reconheceram. Falava da velocidade extraordinária com que o sentimento de que “a vida não tinha sentido” poderia desaparecer em certas ocasiões e tudo voltar ao “normal”, pelo menos por um tempo.

Como se poderia estar nas profundezas do desespero num dia e no outro dia acordar-se a sentir-se... BEM. Como pequenas coisas, algo que alguém disse, a cena de um filme ou até mesmo uma música, podiam mudar o humor de alguém num piscar de olhos. Quando se está num certo estado de espírito o outro parece tolo. Quando o sol brilha dificilmente nos lembramos das nuvens e, quando estamos no abismo custa a acreditar que o brilho do sol alguma vez existiu.

– Como eu, ontem de manhã – disse Roland. – Sentia-me mesmo mal antes de vocês chegarem. – Acenou com a cabeça para Francis e Jessica. – Mas depois, quando comecei a falar convosco, de repente tudo ficou diferente. Não sei porquê... Simplesmente, ficou.

– Acho que foi do choque de ver a Jessica como um fantasma – disse Andi. – Tipo, isto faz-te sair de ti mesmo. Lembro-me de quando Francis me levou para o quarto dele e a Jessica atravessou pelo meio da cama... Teve muito mais interesse! Muito mais do que ficar zangada ou infeliz.

Francis não achava que o choque de Jessica ser um fantasma lhe tinha mudado o humor. Achava que Jessica tinha simplesmente feito aquilo por... ser Jessica. Ele nunca esteve realmente interessado no facto de ela ser um fantasma. Foi Jessica, como amiga, que tinha feito a diferença.

Contudo, fosse qual fosse a razão, a única coisa em que todos concordavam era que tudo tinha mudado desde que Jessica aparecera. Nenhum deles voltara para o abismo. O que tornava a ideia de Francis ainda mais convincente: a razão pela qual todos conseguiam ver Jessica era para que ela os impedisse de pensarem no suicídio.

A própria Jessica estava com menos certezas.

– Se for verdade – disse ela – que estou aqui para vos impedir de cometerem o mesmo erro que eu cometi... Por que estou ainda aqui?

Todos olharam para Roland: era ele quem tinha lido os livros e parecia ter todas as respostas.

– Suponho – disse ele – que a resposta óbvia seja de que há mais alguém.

– Mais alguém? – Jessica franziu a testa.

– Bem, foste um fantasma durante quase um ano antes de conheceres o Francis – disse Roland. – Depois, foi mais um mês até conheceres a Andi. Depois conheceste-me a mim. Porque é que havias de parar nos três? Talvez haja mais alguém para ajudar.

Estavam ainda a discutir esta possibilidade quando Francis olhou de relance o relógio e viu que eram horas de almoço. Disse que se alguém estivesse com fome, provavelmente havia algum pão e queijo na cozinha.

– Ah, sim... – Roland tossiu um pouco. – Eu ia dizer-vos. A minha mãe disse que vos convidava a todos de novo para almoçar em minha casa, se quisessem – Corou levemente. – Mas está tudo bem...Não têm de vir se...

– O Francis falou-me da comida que a tua mãe faz – interrompeu Andi. – E também tens uma piscina, não tens? Podemos ir nadar depois?

– Claro.

– Bem, está resolvido. – Andi levantou-se. – Vamos lá, pessoal! Vamos!

Francis olhava-os, enquanto ela e Roland se dirigiam para as escadas.

– Então é isso – pensou ele. – Passas a manhã a falar sobre suicídio com outras duas pessoas que estiveram a pensar nisso e com o fantasma de alguém que já o fez... e depois, vai-se embora para almoçar e dar um mergulho.

Deitou um olhar para Jessica que estava a imaginar-se a vestir um casaco.

– Que manhã engraçada – disse ele.

– Sim.

– Estás bem?

– Acho que sim. – Jessica flutuou para se juntar a ele. – Aquele primeiro dia, quando vim e me sentei ao teu lado no banco... Disseste que estavas a pensar sobre aquilo?

– Sim.

– Nunca disseste nada.

– Não.

– A ninguém?

– Não.

– Nem eu – disse Jessica. – E, ao olhar para trás, foi definitivamente um erro.

O almoço em casa de Roland foi um acontecimento muito animado. A Sra. Boyle tinha assado três frangos com batatas e legumes, linguiças, toucinho, molho para pão, molho de cebola e uma cesta de pãezinhos acabados de cozer, caso alguém tivesse ainda um cantinho muito próprio a precisar de ser preenchido.

O pai do Roland trinchou os frangos. Ele era um homem alentado, de aparência forte, não muito mais alto do que a esposa e Francis. Não pude deixar de pensar como duas pessoas tão pequenas, puderam ter produzido um filho, que era maior do que os dois juntos.

Quando Jessica conseguiu que Andi perguntasse ao Sr. Boyle em que é que ele trabalhava, descobriram que ele tinha começado como operador de gruas antes de pedir emprestado dinheiro suficiente para comprar a sua própria grua e, finalmente, criar a própria empresa.

– Ele anda por todo país – disse a Sra. Boyle com orgulho. – Se quiseres levantar uma coisa muito pesada, o meu Ronnie é a pessoa certa!

Como recentemente se soube, ele esteve envolvido no levantamento de umas carruagens ferroviárias de um aterro íngreme, após o descarrilamento de um comboio de passageiros perto de Doncaster. E enquanto a Sra. Boyle limpava os pratos antes de trazer os pudins, as duas tartes de maçã, uma taça grande de mousse de chocolate, uma salada de frutas e um jarro de natas, o Sr. Boyle usou alguns talheres extra e um barbante para demonstrar os problemas envolvidos em levantar objectos de 50000 quilos, sem os deixar escorregar para fora do arreio e matar as pessoas lá em baixo.

Quando o almoço terminou, Francis e Andi ofereceram-se para ajudar com a louça, mas a Sra. Boyle nem quis ouvir falar nisso.

– O Ronnie e eu cuidaremos de tudo – disse ela, enxotando-os em direção à porta. – Vão, vejam um filme do Rollo e joguem no computador dele. Guardem a vossa energia para um mergulho mais tarde.

Roland tinha uma coleção de filmes e jogos impressionantes, mas Andi deu uma olhadela pelo quarto dele, com latas de bebidas espalhadas pelo chão, pratos com restos de alimentos semi-comidos, sujidade e poeira e disse que não havia

condições para se fazer nada, se não houvesse um lugar onde ela se sentasse sem correr o risco de contrair uma infecção séria.

Sem mais delongas, Roland fora despachado para ir buscar um aspirador, espanadores e um líquido de limpeza. Mandaram Jessica flutuar para um canto da sala e manter-se fora do caminho e enviaram Francis de volta para a cozinha com uma pilha de pratos sujos, dizendo-lhe para voltar com sacos do lixo.

A Sra. Boyle perguntou para que é que ele queria os sacos do lixo.

– O Roland está a arrumar o quarto dele – explicou Francis – e precisa de algo onde colocar o lixo.

– A arrumar o quarto dele? – A Sra. Boyle olhou para ele fixamente. – A sério?

– Foi ideia da Andi – admitiu Francis. – Ela disse-lhe que era preciso.

– E ele está a fazê-lo? – O Sr. Boyle ficou igualmente admirado.

– A Andi consegue ser bem persuasiva quando mete uma coisa na cabeça – disse Francis – Acho que ela não lhe deu lá muita escolha.

A Sra. Boyle tirou um rolo de sacos de lixo de uma gaveta, mas não os passou para Francis. – Se não te importas eu mesma os levarei. – Dirigiu-se para a porta. – Talvez ela o possa convencer a mudar os lençóis.

– Eu tratarei disso, posso? – O Sr. Boyle apontou para a pilha de pratos que Francis carregava. Pegou nos pratos, raspou os pedaços de comida para dentro do caixote do lixo e começou a colocá-los dentro da máquina de lavar a louça.

– Ela não conseguiu entrar no quarto dele durante semanas. O Roland não a deixava. Não deixava ninguém entrar. Posso dizer-te que estávamos a ficar preocupados. Sabíamos que ele andava infeliz com alguma coisa... mas não sabíamos com o quê e ele não dizia. Não via ninguém, não saía... – O Sr. Boyle virou-se para olhar para Francis. – E então vieste e... bingo... Tudo voltou a iluminar-se e ele já está outra vez a pedir para convidar pessoas para almoçar! Não sei o que fizeste com ele, mas... O que fizeste com ele?

– Na verdade, nada – disse Francis. – Nós só conversamos, sabe.

– Conversaram... – O Sr. Boyle soltou um longo suspiro. – Tentámos isso. O problema é que nunca conseguíamos que ele nos respondesse. Mas a Angela diz que o

puseste a conversar quase logo que entraste pela porta dentro. Ela não sabe como o fizeste, mas... – Ele parou, com ar preocupado enquanto olhava cuidadosamente para Francis. – Estás bem? Pareces um pouco cansado.

Só agora que ele o referia é que Francis se deu conta de que estava cansado, muito cansado. Olhando para trás, tinha sido uma manhã agitada.

– Por que não te vais deitar? – perguntou o Sr. Boyle. – Deixa que os outros tratem da limpeza. Vai descansar. Usa uma das espreguiçadeiras juntos à piscina.

– Sim – disse Francis – acho que irei.

Atravessou a piscina, deitou-se numa espreguiçadeira e quase de imediato adormeceu.

Quando acordou encontrou a Jessica deitada na espreguiçadeira ao seu lado, apoiada num cotovelo, a olhar para ele.

– Estavas a babar – disse ela.

– Obrigado. – Francis sentou-se e notou que alguém o tinha coberto com uma manta.

– Foi a mãe do Roland – explicou-lhe Jessica. – Ela tem cá vindo a cada quarto de hora para verificar se estás bem.

– Oh...

– Vem em bicos de pés para não te acordar. Os outros queriam vir mais cedo para dar um mergulho, mas ela não os deixou. Disse-lhes que precisavas de descansar.

– Ah...

– Ela e o Sr. Boyle têm estado a falar sobre ti na cozinha. Acham que tens poderes mágicos. A sério! Acham que fazes milagres. De momento estão a conversar sobre quanto tempo podes levar a conseguires convencer Roland a voltar para a escola.

– Ah ...– Francis não fazia ainda a menor ideia, nem tão pouco do que é que ele iria fazer sobre isso.

– Não te preocupes! – Jessica sorriu – Pensaremos em alguma coisa. Mas, entretanto, é melhor que eu diga à Andi e ao Roland que podem vir dar um mergulho!

E desapareceu.

*

Mais tarde, bastante mais tarde, depois do mergulho, veio um grande lanche, outro mergulho e um filme que Roland passou sobre um homem acorrentado pela perna a um radiador, que teve de escolher entre morrer de fome e cortar o pé fora para se libertar. Os pais de Roland levaram Francis para um canto, enquanto ele se preparava para sair. Perguntaram-lhe se ele tinha tido hipótese de conversar com Roland sobre a escola.

– Não... – disse Francis. – Ainda não.

– A Frieda Champion disse-me que gostas de esperar pela altura certa – disse o Sr. Boyle. – Que com a filha dela esperaste até ela se sentir segura antes de... fazer seja lá o que for que fazes.

– Bem, não foi bem assim...

– Infelizmente – interrompeu o Sr. Boyle – não temos muito tempo. Repara, o Roland já não vai à escola há um mês e já se está a criar um rebuliço. Ameaçam com os serviços sociais, ação legal, todo esse tipo de coisas.

– Por isso, se pudesses falar com ele em breve – interveio a Sra. Boyle

– Vou falar com ele – disse Francis – mas, honestamente... não tenho a certeza se vai dar certo. Não posso obrigá-lo a fazer uma coisa que ele não quer, pois não?

O Sr. Boyle concordou prontamente que isso seria impossível e a Sra. Boyle disse que estavam simplesmente agradecidos por ele tentar, mas Francis podia ver nos olhos deles que ninguém acreditava nisso. Os pais de Roland estavam plenamente convencidos de que Francis iria fazer outro milagre.

Na semana seguinte Roland pedalou até Alma Road todos os dias para passar a tarde com os novos amigos. Geralmente, ele esperava na rua que eles regressassem da escola e depois ficava até que Francis ou a mãe de Andi dissessem que estava na hora de ir para casa.

Estavam eles sentados no sótão do número quarenta e sete, enquanto Jessica ajudava Andi a terminar uns TPCs de Matemática, quando Francis, cautelosamente, perguntou a Roland se ele pensava sobre quando iria voltar à escola. Quase se podia ver a dureza ao fundo dos olhos do Roland quando se mencionou essa ideia.

– Não vou voltar – disse ele, estendendo o queixo com determinação. – Nunca. Não me importo com o que disserem, não vou voltar.

– Mas... não tens de voltar? – perguntou Francis. – Quer dizer, todos têm de ir para escola, não têm? É de lei.

– Não me interessa – repetiu Roland, teimosamente. – Não vou. E ninguém me pode forçar. Prefiro morrer.

Em tais circunstâncias, a ameaça não se podia tomar levianamente e Francis esqueceu o assunto. Tinha dito que falaria com Roland sobre a escola e foi o que fez. Não funcionou. Ele nunca tinha esperado que funcionasse, mas cumpriu a sua promessa e, por mais que gostasse de ter ajudado, não via o que mais havia de fazer.

Foi mais tarde nesa mesma noite, depois de Roland ter levado Andi de volta para o número trinta e nove e pedalar até casa, que Jessica encontrou uma solução possível para o problema.

– Pergunto-me – disse ela – se alguém pensou sobre educação escolar em casa?

Francis tirou os olhos do fecho-eclair que estava a tirar da saia da escola de Andi antes de lhe colocar um novo. – O quê, em casa?

– Educação escolar em casa – Jessica repetiu. – A lei diz que tens de aprender nalgum sítio, mas se os teus pais quiserem, podem ensinar-te em casa.

– A sério? – Aquilo era novidade para Francis.

– Um amigo meu que fez isso durante anos – disse Jessica. – Não acho que o pai do Roland tenha tempo para isso, mas a mãe dele teria.

Francis considerou a ideia. – Interessante. Pergunto-me se Roland o aceitará.

Quando falaram com Roland na noite seguinte, ele aceitou imediatamente a ideia. O pensamento de que poderia haver alguma maneira de nunca mais ir para a escola e, de alguma forma cumprir com tudo, parecia quase boa de mais para ser verdade. Uma hora no portátil a pesquisar vários *websites*, depressa o convenceu de que era perfeitamente possível. Se era a educação escolar em casa o que ele queria tentar, havia vários sítios onde ele poderia obter ajuda para começar e, de acordo com pessoas que o tinham feito, não era assim tão difícil. O que era preciso era tempo.

– O meu pai está demasiado ocupado, por isso teria de ser a minha mãe a fazer a maior parte – disse ele, fechando a tampa do computador. – Mas não tenho a certeza se ela vai querer. Fica muito nervosa com qualquer coisa ligada ao trabalho da escola. Teve um ataque de pânico ao ajudar-me num TPC quando eu tinha sete anos. – Roland fez uma pausa. – Mas posso perguntar.

– Que tal se for Francis a perguntar? - disse Jessica – Não sei se reparaste, mas teus pais acham que o Francis poderia andar sobre as águas se lhe apetecesse. Se ele disser que a educação escolar em casa era a coisa a fazer, acho que não haveria muitos argumentos contra da parte de nenhum deles.

No sábado, Francis apresentou a ideia aos Boyle. Sentou-se com eles à mesa da cozinha antes do almoço, enquanto Roland tinha levado Andi para dar um mergulho. Começou por dizer-lhes que depois de falar com Roland, não achava que fosse boa ideia fazê-lo voltar para a escola de St. Saviour.

– Oh céus... – a Sra. Boyle não podia disfarçar a sua decepção. – Tens a certeza?

– Acho que se ele voltasse agora – disse Francis – só o faria sentir-se muito infeliz. E isso não seria bom, pois não?

– Talvez não – disse Sra. Boyle – mas ele tem de voltar, não tem? É de lei.

– Não necessariamente – disse Francis. E explicou, incitado por Jessica, como a educação escolar em casa era um direito legal dos pais. Disse que conhecia alguém que

fizera isso mesmo e que o achara menos difícil do que esperava. Além disso havia todo o tipo locais que ajudariam a Sra. Boyle caso ela estivesse preparada para aceitar.

– Eu? – Os olhos da Sra. Boyle arregalaram-se. – Eu não seria capaz de ensiná-lo! Não sei nada!

– Como eu disse, há muitas organizações que a ajudarão a começar – encorajou-a Francis. – O Roland está a pesquisar informação sobre as organizações na internet. Elas dizem o que fazer, que livros obter e tudo mais. O meu amigo disse que leva muito tempo, mas que não é tão difícil quanto se possa pensar.

– E achas que a aprendizagem em casa seria a melhor coisa para o Rollo, não achas? – Perguntou Sr. Boyle.

– Sim – disse Francis –, sim, acho.

O Sr. Boyle olhou para a mulher. – Bem, isso é contigo, amor. Tu é que terias de fazer a maior parte do trabalho. Mas se o Francis diz que é a melhor coisa...

E como Jessica tinha dito, este era o argumento decisivo. Afinal, Francis era o jovem que, em poucos dias tinha mudado a vida do filho. Se ele dizia que a educação escolar em casa era a resposta, então era isso que iriam tentar, não importava quão atemorizante a hipótese fosse para a Sra. Boyle.

Quando as aulas começaram, correram melhor do que Roland e a mãe esperavam. Como professora em casa, a Sra. Boyle talvez tivesse a desvantagem de não saber quase nada sobre as matérias que o filho precisava estudar, mas no que dizia respeito á felicidade do Roland, ela poderia ser bem determinada. No final da semana, ela pusera na parede da cozinha um gráfico grande com o plano das aulas do mês seguinte, junto ao telefone, uma lista de nomes que ela poderia contactar para obter ajuda e, em cima da mesa da cozinha, livros sobre a Primeira Guerra Mundial, sobre a ecologia da Bacia Amazónica e sobre vocabulário espanhol.

Durante as aulas, Roland geralmente explicava coisas à mãe e não o contrário, mas ele não era a primeira pessoa a descobrir que esta era, na verdade, uma das melhores maneiras de aprender. Se tivessem dificuldades, havia muitas pessoas a quem telefonar, embora Roland preferisse começar por perguntar a Jessica. Normalmente ela passava por lá duas ou três vezes ao dia para ver como as coisas

corriam. Se não soubesse a resposta a uma pergunta, pedia a Francis ou a Andi que perguntassem a um professor da Escola John Felton. Entre os quatro não havia problemas que não se pudesse resolver.

Quando Roland terminava o trabalho à tarde, montava na bicicleta e corria para Alma Road. Pedalar regularmente fez com que não lhe custasse tanto fazer o percurso. Ultimamente quase não precisava de parar para recuperar o fôlego antes de abrir a porta da frente e subir as escadas para o quarto do sótão, na casa de Francis ou na de Andi.

Aos fins de semana, geralmente, os quatro encontravam-se em casa de Roland. Afinal, a casa tinha piscina, já para não falar na atração dos cozinhados da Sra. Boyle. Nadavam, estendiam-se por ali, conversavam e comiam. Ao vê-los a brincar ruidosamente na piscina, seria difícil acreditar que apenas umas semanas antes, quatro deles tinham considerado seriamente a melhor maneira de acabar com as próprias vidas, sendo que um deles já o fizera.

Pareciam pessoas a gozar a vida, como de facto eram, embora um incidente, três semanas após a grande revelação sobre Jessica, ameaçaria separar as suas novas vidas.

Era quarta-feira e Francis recebeu uma mensagem do seu diretor de turma que a Sra. Parsons queria vê-lo durante o intervalo. Ele não ficou muito preocupado. Noutras ocasiões em que tinha falado com a diretora, ela tinha sido sempre bastante amável. Desta vez, ao chegar ao gabinete, o rosto da diretora não mostrava nenhum sorriso, enquanto ela lhe fazia sinal para se sentar.

– Recebi uma queixa do Quentin Howar – disse ela, olhando-o diretamente através da mesa. – Ele diz que Andi Campion o atacou fora do pavilhão de desportos há cinco semanas e que isso o deixou extremamente assustado para vir para a escola. Diz que lá estavas quando tudo aconteceu. É verdade?

Francis não tinha certeza de como responder. Se Jessica ali estivesse, ele teria conseguido pedir-lhe conselho, mas ela tinha ido a Londres com uma turma de estudantes de têxteis para ver a exposição de Vivienne Westwood no Museu Victoria and Albert.

Poderia mentir, mas Francis optou por não o fazer. Nunca era bom a mentir e tinha a sensação de que Sra. Parsons, provavelmente, iria atrás da verdade de uma forma ou de outra.

– Sim, eu estava lá – disse ele. – Mas não foi exatamente como Quentin disse.

– Não? – A diretora recostou-se na cadeira – Então conta-me como foi.

Francis contou-lhe o que tinha acontecido. O que Quentin tinha dito e como Andi o tinha agredido duas vezes. Relatou-lhe também as vezes que, no passado, Quentin o tinha provocado e a mudança que aconteceu na sua vida depois das provocações terem parado.

A Sra. Parsons ouviu tudo em silêncio.

– Entendo – disse ela quando ele terminou. – Acho que talvez deveríamos ouvir o que o Quentin tem a dizer sobre tudo isso. – Premiu um botão no intercomunicador em cima da mesa e pediu à secretária para mandar o rapaz entrar.

Francis notou que ele estava mais magro e tinha olheiras escuras debaixo dos olhos. Estava claramente nervoso, com o rosto algo contorcido. Porém, o mais interessante foi o que ele disse. Quando a Sra. Parsons o questionou, Quentin insistiu

que todos os comentários dele sobre as bonecas e o tricô tinham sido apenas uma brincadeira. Disse que não fazia a mínima ideia de que estava a perturbar Francis. Era só uma brincadeira e disse-o tão fervorosamente, com um ar tão desesperado que Francis foi levado a acreditar nele.

Francis também não percebeu quão afetado negativamente Quentin estava por Andi lhe ter batido. Ficou muito assustado, tão assustado, que parecia estar a inventar desculpas para não ir à escola, motivo pelo qual o assunto tinha chegado à Sra. Parsons.

Francis quase sentia pena dele, mas ao mesmo tempo preocupava-se mais com o que poderia acontecer a Andi. No primeiro dia, a Sra. Parsons dissera que se ela se envolvesse em qualquer tipo de briga, teria de se ir embora e a diretora não era pessoa para fazer ameaças em vão.

Foi uma coisa decidida à última da hora. Quando finalmente Andi foi levada ao gabinete da Sra. Parsons, esta disse-lhe que havia somente quatro razões para que ela não estivesse já a caminho de casa. Uma era que ela recebera um conjunto de relatórios excelentes dos professores e que todos concordavam que ela estava a adaptar-se bem e a ter bom aproveitamento escolar. Porém, o mais importante, disse a Sra. Parsons, era o pedido de Quentin em seu favor.

– Quentin pediu que não fosses expulsa? – Francis estava à espera de Andi fora do gabinete, querendo saber o que acontecera, e ficara compreensivelmente intrigado. – Porque é que ele faria isso?

Andi encolheu os ombros. – Ele disse que percebeu que, em parte, era culpa dele e não parecia justo eu apanhar com as culpas todas. E que, contanto eu lhe promettesse não lhe bater de novo, ele ficaria bem.

– Então não foste mesmo castigada? – perguntou Francis.

– Tenho a tarefa de recolher o lixo durante três semanas – disse Andi, enquanto seguiam pelo corredor. – Posso bem com isso. – Tomou Francis pelo braço. – Se eu tivesse sido expulsa ias ter saudades minhas?

– Imensas saudades – disse Francis. – Na verdade, provavelmente, teria de me matar.

E por algum motivo aquilo fê-los rir.

Jessica achou que Andi se tinha livrado de boa.

– Se Quentin não tivesse intervindo a Sra. Parsons ter-te-ia expulsado. Sei que o teria feito – disse ela. – Pergunto-me porque é que ele fez isso?

– Pergunto-me porque é que ela não lhe disse para parar com a provocação, como sugeriste – disse Francis. – Não sei se ele teria parado, mas deveria ter tentado.

Visto que Andi estava ainda na tarefa do lixo e Roland tinha ido ao dentista, eram somente os dois sentados no sofá no sótão do número quarenta e sete. Depois da história do que tinha acontecido com a Sra. Parsons naquele dia, a conversa enveredou para a viagem de Jessica a Londres.

O dia no Museu Victoria and Albert tinha tido os seus altos e baixo. Jackie Wilmot tinha enjoado no autocarro, juntamente com a Miss Jossaume. Havia ainda a história de alguém que tinha visto Lorna Gilchrist a roubar livros da loja do museu, mas a exposição em si tinha compensado tudo.

Vivienne Westwood era uma designer que ambos admiravam muito e, como fantasma, Jessica conseguia não só descrever os modelos que vira, mas também exhibí-los. Francis sentou-se no sofá enquanto ela desfilava modelo atrás de modelo para terminar com um vestido num padrão azteca e uma bainha angular, que Francis admirou especialmente e disse que se ajustava a ela na perfeição. A próxima vez que a escola organizasse um passeio ao V & A – disse Francis – ele ia insistir para ir com eles.

De uma maneira ou de outra, tinha sido um bom dia para ambos, embora Jessica tivesse a sensação estranha de que havia perdido alguma coisa.

– É um pouco como quando eu estava no hospital – disse ela ao tentar explicar o que queria dizer – no dia em que descobri que estava morta, sabes? Quando senti que havia algo que eu devia fazer.

– Parece que me lembro que o problema era não teres nenhuma ideia daquilo era suposto fazeres – disse Francis.

– Não tinha e ainda não tenho. Mas tenho pensado no que o Roland disse sobre haver mais alguém e como seria preciso encontrá-lo para que eu possa seguir em frente. Pergunto-me se talvez eu não devesse sair à sua procura.

– Não vejo como poderias fazê-lo – disse Francis. – A menos que penses pôr-te a andar pela cidade aos gritos e a perguntar se alguém te consegue ouvir.

Na verdade, era isso o que Jessica tinha em mente.

– Pode funcionar, não pode?

– Pode – disse Francis – mas duvido.

– Porquê?

– Bem, se eu fosse pela cidade e ouvisse alguém gritar “Consegues ouvir-me? Sou um fantasma e preciso de falar contigo”, provavelmente punha-me a andar na direção oposta o mais depressa possível.

– Ah...-Jessica suspirou. – Não tinha pensado isso.

– E, de qualquer forma, não foi assim que funcionou antes, pois não? – continuou Francis – Quero dizer, não tiveste de procurar-me, pois não? Não tiveste de procurar nenhum de nós! Simplesmente estávamos... ali.

– Então devo simplesmente sentar-me e esperar?

– Não será assim tão mau, pois não? – disse Francis. – Não sei se é o mesmo contigo, mas estou a apreciar imenso tudo isto. Agora tenho três amigos, o primeiro tem uma piscina, o segundo faz-me sentir como se estivesse protegido pelo Serviço Aéreo Especial¹¹, e o terceiro que não só é incrivelmente bonita, mas também anda pela escola vestida com modelos originais da Vivienne Westwood... Estou a viver o melhor tempo de sempre, em anos.

Lá de baixo veio o som da campainha da porta da frente.

– Deve ser a Andi. É melhor deixá-la entrar. – Francis dirigiu-se para as escadas, mas virou-se para trás antes de sair. – Sei que a amiga do Roland disse que é importante que sigas em frente e não fiques presa aqui, mas não quero que vás embora para lugar nenhum. Quanto a mim, quanto mais tempo ficares, melhor.

Jessica viu-o sair e decidiu que talvez ele tivesse razão. Talvez não precisasse de fazer nada. Se mais alguém necessitasse da ajuda dela, apareceria ou não na hora certa. No entanto, ela poderia, como Francis disse, tirar o máximo partido de tudo

¹¹ N.T.: A sigla em inglês SAS corresponde a Special Air Space = Serviço Aéreo Especial Britânico.

enquanto esperava. Desfrutar dos amigos. Desfrutar da companhia deles. Desfrutar de estarem todos juntos...

E qual foi a outra coisa que Francis disse? Incrivelmente bonita...

Jessica sorriu sozinha.

Que engraçado, se ele tivesse razão também naquilo...

Na Páscoa, a mãe do Roland levou os quatro para férias no Center Parcs, em Longleat. Claro que a Sra. Boyle pensava que só levaria três pessoas, mas nenhum deles teria ido sem Jessica, que ocupava muito pouco espaço no carro, sentada no meio do assento de trás.

O Center Parcs é principalmente projetado para as famílias desfrutarem de atividades de lazer ao livre e, apesar de Francis não ter grande interesse em desportos e Jessica ser um fantasma, tudo correu extraordinariamente bem. O apartamento que ocuparam era espaçoso e confortável e praticamente a primeira coisa que Francis descobriu ao chegar lá foi uma centena de números da revista Harper's Bazaar, deixados num dos armários. Ele e Jessica passaram a maior parte do feriado sentados à beira da piscina a folhear as páginas e a tomar notas. Ocasionalmente Andi e Roland juntaram-se-lhes enquanto nadavam, andavam de bicicleta pelo bosque, jogavam badminton, montavam a cavalo e escalavam rochedos.

Andi achava que os dias passados ao ar livre eram realmente divinos e era Roland quem normalmente lhe fazia companhia. Porque é que alguém tão volumoso estaria preparado para escalar rochas ou pedalar muitos quilómetros, quando, claramente, ele fora feito para passar a maior parte do dia sentado à frente de computador! Era um mistério, mas era exatamente o que ele fazia. Quando Andi sugeria outro mergulho, Roland levantava-se e pegava na toalha. Se ela sugeria dar um passeio de bicicleta ou ir escalar um rochedo, lá estava ele a amarrar o equipamento de segurança. Se ela queria trepar a uma árvore, jogar umas partidas de ténis ou fazer um circuito de treino militar, Roland logo a seguia. Podia até parecer que o esforço o matava, mas ele lá estava sempre.

Isso deixava Francis confuso. Um dia perguntou a Jessica – Porque é que ele faz aquilo? – enquanto viam Roland e Andi a jogar badminton no pátio. – Quer dizer, ele não desfruta nada, pois não?

– É porque ele gosta dela. – Jessica estava de pé atrás dele, a massajar-lhe os ombros.

– Sei que ele gosta dela – disse Francis, relaxando ao calor que se espalhava pelos músculos das costas. – Nós todos sabemos, mas...

– Não – Jessica interrompeu –, não quero dizer dessa maneira. Quero dizer que... ele gosta dela.

Francis ficou muito surpreso. Andi? Roland gostava de Andi? Ficou a olhar para os dois no pátio.

Apesar do seu tamanho, Roland fez a sua oponente suar no jogo de badminton. Ele podia ser grande, mas era surpreendentemente ágil e tinha um jeito de bater o volante sibitamente, ao ponto de o fazer saltar das mãos da Andi. Enquanto Francis assistia, Roland ganhou o jogo e Andi atirou desolada a raquete ao chão, correu para Roland, empurrou-o para o chão e começou a dar-lhe socos no peito. Eram socos bem fortes, mas Roland parecia não se importar. Apesar de todos os protestos, parecia estar a divertir-se imenso.

– Ela sabe que ele gosta dela?

– Ah, sim! – Jessica sorriu.

– E ela importa-se?

– Acho que...- Jessica colocou a cabeça de lado... – O facto de alguém gostar dela assim é algo que ela nunca teve antes e está a gostar.

Aquilo explicava muita coisa, pensou Francis. Explicava porque é que Roland fazia sempre o que quer que fosse que Andi sugerisse. Porque é que ele a seguia por todo o lado como um cãozinho dedicado. Por que estava sempre a perguntar o que ela queria. Pensando bem, assim se explicava também porque é que ele recusara tantos biscoitos e lanches naqueles dias como se estivesse nalgum tipo de dieta.

Por ser tão evidente, Francis perguntou-se porque é que ele não o tinha visto antes. Roland gostava mesmo de Andi. Ele saltaria para a fogueira por ela e, de certa forma, foi o que ela lhe pediu que fizesse.

Porque foi Andi quem disse a Roland que ele deveria voltar à escola.

– Porque é que eu haveria de voltar à escola? – Roland estava claramente confuso quando lhe sugeriram isso pela primeira vez. – Odeio esse lugar.

– Não estou a dizer que voltes para a escola de St. Saviour – disse Andi. – Estou a dizer que devias vir para a escola connosco, a Escola de John Felton. Assim podemos ficar todos juntos durante o dia e não só à noite. – Ela deu-lhe o braço. – Podes juntar-te ao Clube de Badminton e podíamos ajudar-nos uns aos outros nas aulas. Acho que nos íamos realmente divertir.

As palavras “diversão” e “escola” não cabiam na mesma frase na cabeça de Roland, mas era Andi a pedir-lhe. Só de pensar em estar com ela o dia todo durante o verão era a maior tentação possível. Mesmo assim não tinha certeza.

No último sábado de férias, quando os quatro foram às compras, Roland estava ainda hesitante. Tinham ido ao Dummer e Andi estava no provador com Jessica a experimentar roupas enquanto os dois rapazes esperavam lá fora.

– A coisa é que... – dizia Roland – não vejo em que é que a tua escola seria diferente. Eu continuo nesta mesma forma física. As pessoas iam rir-se de mim na mesma e dizer coisas nas minhas costas...

– Acho que não – disse Francis.

– Por que não?

– Por duas razões – Francis assinalou-as com os dedos. – Uma é que temos uma nova diretora que arma um grande sarilho se alguém faz uma coisa dessas. A segunda é que todos sabem que se forem malcriados contigo a Andi lhes batia até os desfazer em pedaços. Ela pode ser bastante assustadora, sabes!

– Não sei se quero que a Andi bata em alguém por minha causa. – Roland sentou-se tristemente no banco, apoiando-se com o queixo. – É bom saber que ela bateria se eu lhe pedisse, mas...

– Não terias de pedir – disse Francis. – Nunca lhe pedi que tocasse com um dedo em alguém. Mas prometo-te, assim que souberem que és amigo dela, ninguém se atreverá a dizer-te nada. É só preciso isso.

Roland parecia em dúvida, mas naquele momento abriu-se a cortina do provador e Andi apareceu. Vestia uma saia bem curta e um top brilhante sem alças ainda mais pequeno e Jessica vestia o mesmo.

– Ta-dah! – As duas levantaram os braços, fizeram pose e sorriram para os dois rapazes.

– O que acham? – perguntou Andi.

– Pensei que estivesse a provar umas calças – disse Francis.

Roland não disse nada. Simplesmente ficou a olhar, mas por dentro, aquela foi a altura que ele tomou a decisão. Ele ia voltar para a escola. Acontecesse o que acontecesse, se significasse que poderia passar mais tempo com Andi, valeria a pena.

Coube a Francis explicar tudo à mãe de Roland. Preocupava-o que depois de todo o tempo e dinheiro que investira na educação escolar em casa, ela pudesse não ficar esfuziante com a notícia de que o filho decidira, finalmente, voltar para a escola.

Não podia estar mais errado. A reação imediata dela à notícia foi a de um grande grito de alegria e um abraço muito apertado e constrangedor. Roland estava a voltar para a escola! Ela mal podia acreditar! Iria de manhã com os amigos, como um rapaz normal, e voltaria para casa feliz, no fim da escola. Era como ela sempre sonhara.

Como Francis o conseguira, ela não fazia ideia, mas suspeitava que, desde o início, ele tinha planeado tudo desta forma. Decidiu deixar Roland relaxar durante dois meses, para recuperar a confiança, ficando em casa, e agora levava-o de volta para a escola. A habilidade com que tinha conduzido tudo a deixou impressionada.

– Tens a certeza de que ele está pronto para isto, não tens? – perguntou ela, enquanto se sentavam à mesa da cozinha. – Não achas que alguma coisa... pode acontecer?

– Acho que não – disse Francis. – Mas se acontecer, ele tem a Andi e a mim para o ajudar a resolver.

– Claro que sim. – A Sra. Boyle alcançou-lhe a mão sobre a mesa e deu-lhe umas palmadinhas. – O Ronnie e eu estamos-te muito agradecidos. Amanhã telefonarei à Sra. Parsons para marcar uma entrevista.

– Ótimo! – Francis levantou-se. – Vou falar com o Roland.

– Eu ia pedir-te um conselho sobre uma coisa – disse a Sra. Boyle –, se tivesses tempo.

– Sim, claro. – Francis sentou-se de novo.

– Neste trabalho todo com o Rollo... – A Sra. Boyle apontou para os livros de textos espalhados pela mesa – Achei que não era tão difícil quanto esperava e ocorreu-me que talvez pudesse continuar e talvez até fazer um ou dois exames. – Pegou numa tira de papel e, distraidamente, começou a torcê-la entre os dedos. – Achas que parece tolice?

O Francis não sabia bem o que dizer.

– Quer fazer alguns exames?

– Sei que sou, provavelmente, demasiado velha e não sou tão inteligente quanto todos vós...

– Ela é mais capaz do que a maioria das pessoas na Escola John Felton – assegurou Jessica – e trabalha muito. Diz-lhe para continuar.

A Sra. Boyle ficou corada e depois rasgou um grande sorriso no rosto.

– Obrigada – disse ela. – Estava à espera de que disseses isso.

Na segunda-feira seguinte a mãe de Roland encontrou-se com a Sra. Parsons, que concordou com a entrada do rapaz na escola. Houve um pequeno atraso na chegada do uniforme, mas por volta da terceira semana do período de verão estava tudo resolvido. Após o começo, foi tudo mais fácil para Roland do que ele tinha imaginado.

Francis tinha razão. Ninguém comentou a sua estatura. Quando ele entrou na sala de aula ninguém disse nada. A maioria dos alunos nem olhou. Olharam apenas quando ele chegou, mas depois continuaram o seu trabalho. Os professores pareciam saber quem ele era e estavam à sua espera, por isso não houve nenhuma apresentação embaraçosa. Disseram-lhe para onde ir, deixaram-no sentar e continuaram a aula.

Roland até gostou das aulas. Estar com os amigos era muito mais divertido do que ficar sentado em casa, na cozinha, com a mãe. Era bom sentar-se ao lado de Andi e de Francis e ver Jessica a flutuar para lá e para cá sobre o chão. Também era muito bom passear com eles no intervalo e sentar-se no banco ao sol, do outro lado do campo de futebol.

A Sra. Parsons tinha organizado tudo para que Roland ficasse na mesma turma que Andi e Francis na maioria das suas aulas, mas numa disciplina, isso não foi possível. Roland estudava espanhol como língua estrangeira, pois os pais tinham uma casa em Andorra, enquanto Francis e Andi estudavam francês, o que o levou a um incidente infeliz logo no primeiro dia de aulas.

A aula em si não era o problema. Jessica tinha acompanhado Roland para se certificar de que ele sabia para onde ir e para lhe fazer companhia; o trabalho era, segundo ele se lembrava, um pouco mais fácil do que o da Escola St. Saviour. Mas à hora do almoço, enquanto Jessica lhe mostrava o caminho de volta para o banco, onde todos tinham combinado encontrar-se, alguém gritou a Roland para esperar.

Roland parou e virou-se enquanto um rapaz se aproximou e o fitou.

– Tu és enorme – disse ele. – Quero dizer, temos aqui pessoas gordas, mas tu és... enorme!

– Vai-te embora. – Disse Jessica. – Vamos. Vai-te embora!

Mas Roland não se foi embora. Ficou ali a olhar para o chão enquanto o rapaz estendia a mão para lhe levantar o casaco.

– Olha-me para isso! – disse o rapaz – Estás a sair todo pelas calças!

Jessica abriu a boca para dizer algo, mas depois mudou de ideias e desapareceu. Um minuto depois, ela estava de pé junto de Francis no banco, ao lado do campo de futebol.

– Onde está a Andi? – perguntou ela.

– Acho que foi à casa-de-banho – Francis ergueu os olhos. – Porquê?

– É por causa do Roland. O Dermot está ali a fazer troça dele!

E apontou para o campo, onde Dermot estava literalmente a espicaçar Roland, curiosamente, no estômago.

– Parece mais um balão de água, não parece? – dizia ele – Quero dizer, podes literalmente o levantar e...

– Pára com isso! – Francis corria pelo campo em direção a ele, em altos brados – Deixa-o em paz!

Dermot olhou surpreendido.

– O que pensas que estás aí a fazer? – Francis ofegava enquanto corria para junto de Roland. – Deixa-o em paz!

– Não estou *a fazer* nada! – Dermot largou o blaser de Roland – Só estou a olhar.

– Estás a fazer troça dele – disse Francis – e não tens esse direito!

– Porque não te metes na tua vida? - retorquiu Dermot. – Não é nada contigo.

– Tem *a ver* comigo – disse Francis com raiva. – Ele é meu amigo e mesmo que não o fosse era ainda problema meu.

Naquele momento apareceu o Sr. Anderson, um dos professores de Educação Física.

– O que se passa? – perguntou ele.

– Dermot estava a rir-se do Roland por ele ser gordo – disse Francis.

– Não, não estava! – disse Dermot. – Eu não estava a rir. Eu nunca rio.

– Ele disse ao Roland que ele era enorme – lembrou Jessica – disse mesmo: ‘Temos por cá pessoas gordas, mas tu és enorme.

– Ele disse que Roland era enorme – repetiu Francis. – E disse: ‘Temos por cá pessoas gordas, mas tu és enorme.

– Oh, pelo amor de Deus! – O Sr. Anderson olhou com irritação para Dermot. –Tu nunca ouves? Não *ouviste* o que Sra. Parsons disse na reunião?

– Que reunião? - Disse Dermot. – Estive para fora.

– Certo... – o Sr. Anderson respirou profundamente – Vai e põe-te ali de pé à espera. – Depois virou-se para Roland. – Sinto muito pelo que passaste no teu primeiro dia. Estás bem?

– Sim – disse Roland. – Sim, acho que sim!

– Vou explicar algumas das regras de boas maneiras ao Sr. Dermot – disse o Sr. Anderson – e prometo que ele não irá incomodar-te de novo. Agora, se quiseres fazer uma reclamação formal...

– Não, não – disse Roland. – Está tudo bem.

– Ok...– o Sr. Anderson abanou a cabeça. – Bem, se mudares de ideia é só dizeres-me. – E encaminhou-se para onde estava Dermot.

Andi estava à espera deles, junto ao banco, no campo de jogos.

– A Jessica contou-me o que aconteceu – disse ela. – Não te preocupes, vou ter uma palavrinha com esse vermezinho ...

– Não – disse Roland. – Por favor, não. Só vais meter-te em sarilhos e ...

– Não quero saber – disse Andi. – Ele não vai safar-se disto...

– Não, por favor! É verdade! – insistiu Roland. – Prefiro que não faças nada. Isto não foi nada. É verdade...não foi nada.

E foi só quando proferiu aquelas palavras que ele percebeu quão verdadeiras elas eram. *Realmente aquilo não era nada!* Alguém chegou e disse-lhe que era gordo e... simplesmente não teve importância nenhuma. Uns meses antes, um incidente como aquele tê-lo-ia deixado a chorar na casa-de-banho até à hora de ir para casa, mas agora só pensava por que raio não disse ao Dermot para desaparecer ou simplesmente se ir embora.

O que ele mais temia tinha acontecido, mas, por alguma razão, estava tudo bem. Talvez porque houvesse pessoas em seu redor a dizer-lhe que aquilo não era certo, talvez fosse essa a diferença. Talvez, simplesmente, a percepção de alguém a dizer-lhe que era gordo não fosse assim tão importante. Não significava nada. E se o mesmo acontecesse amanhã, nada significaria também.

– Tens certeza de que estás bem? – perguntou Francis.

– Estou bem. – disse Roland.

O rapaz respirou profundamente e sorriu.

– É verdade, estou bem!

Depois de um dia com os amigos, Jessica voltava, como habitualmente todas as noites, para o quarto do hospital, onde tinha primeiro descoberto que estava morta. A hora a que lá voltava podia variar um pouco de dia para dia, mas normalmente era por volta das oito ou nove horas. Ainda não fazia ideia de porque voltava àquele lugar, mas a necessidade de o fazer era como o tipo de compulsão que leva certas pessoas a lavar as mãos continuamente ou a evitar pisar as fendas do passeio.

Francis foi o primeiro a notar que Jessica parecia regressar cada vez mais cedo. À medida que o período do verão avançava ele notou que, normalmente, ela ia-se embora antes das oito horas ou, por vezes, até mais perto das sete.

Quando ele a confrontou com a evidência, Jessica tentou ficar um pouco mais, mas fosse qual fosse a força que a fazia voltar para o quarto no terceiro andar, era absolutamente impossível de resistir. Quando tinha de ir, tinha mesmo de ir.

Jessica perguntou a Roland se ele saberia o motivo daquilo estar a acontecer, mas ele respondeu-lhe que não. Nem mesmo ao perguntar à sua amiga na Austrália, ela sabia.

– Ela disse que terás de esperar que não piore – explicou ele – para não descobrires que ficas presa no hospital o dia todo, além da noite inteira!

Era um pensamento alarmante.

– Tenho a certeza de que isso nunca acontecerá – disse Francis com convicção. – Estamos só a falar de uma hora a menos ou a mais, não estamos? Tenho certeza de que não há razão para te preocupares.

Podia ser apenas uma hora a menos, mas a Jessica *preocupou-se*. Independentemente da perspectiva de piorar, havia ocasiões em que poderia ser inconveniente. Ao fim de semana, se estivessem a ver um filme ou se a mãe de Andi os levasse a comer fora, ela poderia descobrir que todos à sua volta haviam desaparecido e ela regressara ao hospital. Acontecia sem aviso e era estranhamente desconcertante.

Claro, isso significava que ela não participava inteiramente nos

acontecimentos, como a ida com a Sra.Boyle ao teatro.

A mãe de Roland tinha organizado uma ida ao teatro para festejar o sucesso do regresso do filho à escola. Comprara bilhetes para o *Renascimento do Rocky Horror Show* em Southampton. Ouvira dizer que havia um guarda-roupa pouco convencional, que ela achou que Francis ia gostar. Este estava mesmo ansioso por vê-los, mas ficou desapontado quando, bem antes de sair, Jessica anunciou que não iria.

– Não? – Francis ergueu os olhos para ela, desviando a atenção da costura do vestido que estava a alinhar. – Porquê? O que se passa?

– Não, na verdade nada, só que ... Tenho de voltar para o hospital – disse Jessica. – Agora.

– Oh! – Francis sabia que Jessica não conseguiria ver todo o espetáculo, mas tinha planeado ver, pelo menos, a primeira parte. O rapaz olhou para o relógio e viu que eram quase seis horas. Ela nunca se tinha ido embora assim tão cedo.

– Ok. – Ele fez o melhor que pôde para parecer despreocupado. – Bem, vejo-te amanhã. E depois conto-te tudo sobre o espetáculo.

– Sim ...– Jessica abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas antes de poder falar, a mãe de Francis chamou-o do cimo das escadas, dizendo-lhe que o carro tinha chegado e que a Sra. Boyle e os outros companheiros estavam à sua espera.

Francis foi até ao topo das escadas para dizer a Jessica que ia sair, mas quando se virou para ouvir o que quer que Jessica lhe queria dizer ...

... ela tinha desaparecido.

Umás horas mais tarde, no hospital, Jessica interrogou-se pela enésima vez sobre que poderia estar a fazê-la voltar lá com tanta regularidade e insistência. Não que ela fizesse alguma coisa quando lá chegava. Exceto ficar ali de pé a olhar pela janela para o prédio de estacionamento de vários andares do outro lado da estrada. Jessica não se importava propriamente de estar ali – talvez fosse um tanto aborrecido, mas habituava-se a isso – ela só se questionava qual era o objetivo?

Também se perguntava o que aconteceria se a amiga australiana de Roland tivesse razão. Se o impulso de voltar para o hospital *crecesse* ao ponto de ela ter de lá ficar a maior parte do dia e também da noite? Como faria, se não pudesse mais

estar com os amigos? O que faria se ...

Um movimento na estrada, por baixo do local onde ela estava, interrompeu os seus pensamentos. Alguém que ela reconhecia estava a subir a colina. Era uma rapariga da turma de Francis, Lorna Gilchrist, e Jessica interrogou-se sobre o que estaria ela ali a fazer.

Não parecia que tivesse tido um acidente e era muito tarde para ir a um dos ambulatórios, por isso estaria provavelmente a visitar um familiar, pensou Jessica. Exceto que, ao chegar ao cimo da estrada, ao invés de entrar no hospital, Lorna virou à esquerda e atravessou a passadeira até à entrada do parque de estacionamento com vários andares.

Era um lugar estranho para se ir sozinha. Passava das dez horas, o sol estava a pôr-se e, à noite, o parque de estacionamento não era um lugar por onde Jessica gostasse de andar sozinha, mesmo sendo um fantasma. Devia haver um segurança na entrada, mas ele nem sempre lá estava ... e porque é que Lorna *estava* sozinha?

Jessica deu por si a sair da janela e a flutuar no ar sobre a estrada. Talvez ela viesse encontrar-se com alguém. Talvez essa a pessoa com quem ela ia encontrar-se estivesse à sua espera num carro estacionado... Mas não, isso não podia estar certo, porque Lorna subiu até ao último andar do parque, onde não havia carro algum ou valmalha à vista.

O facto de estar sozinha parecia não incomodar Lorna. Levava consigo um saquinho e encaminhou-se diretamente para o parapeito do outro lado, pondo-se a olhar para a cidade. Caia o crepúsculo e as luzes da cidade iam-se acendendo e espalhando na direção da catedral, cujo centro era iluminado por uma enorme torre. Num movimento rápido, Lorna subiu ao parapeito, balançou as pernas e sentou-se ali a olhar a paisagem.

Aquilo fez com que Jessica ficasse um pouco nervosa. O parque de estacionamento fora construído numa colina, com uma altura de seis andares naquele lado que dava diretamente para uma área pavimentada a cimento. Se Lorna escorregasse ou se perdesse o equilíbrio por qualquer razão, poderia matar-se. Mas, claramente, Lorna não estava preocupada. Tirou do saco um cão de peluche já gasto,

sentou-o no parapeito ao seu lado e depois inclinou-se para frente, olhando para o chão ao fundo.

Foi só então que Jessica percebeu o que estava a acontecer. Ela sabia exatamente porque é que Lorna estava ali e o que planeava fazer.

Ela ia saltar.

Lorna ia saltar.

Saltar da cobertura do parque de estacionamento era algo que Lorna Gilchrist estava a planear fazer há já algumas semanas, com a hora e o local cuidadosamente escolhidos. Tinha calculado a altura necessária para alguém da sua estatura morrer com a queda. Era uma rapariga inteligente e com jeito para os números, tendo calculado que, se caísse de cabeça ao fundo, os quarenta e tais metros até ao chão eram mais do que suficientes para lhe partir o pescoço.

Ela não sabia quando tomara a decisão final. A vontade de se decidir tinha crescido nos últimos meses, mas ela não tinha dúvidas de que era a coisa certa a fazer. Não podia continuar a encarar tudo como antes e não havia outra saída. Em tais circunstâncias, saltar de cabeça primeiro, do andar mais alto do parque de estacionamento, parecia ser não só razoável como também o melhor a fazer.

Oito meses antes, o pai da Lorna tinha desaparecido. O Sr. Gilchrist era um advogado que uma manhã foi trabalhar e não mais voltou. Ninguém sabia o que lhe acontecera. A Sra. Gilchrist não sabia se o marido tinha sido atropelado por um carro, se tinha sido raptado ou perdido a memória. Ninguém sabia até que, após cinco meses de incerteza, um agente da polícia chegou a sua casa para lhe dizer que o Sr. Gilchrist tinha sido encontrado e que trabalhava como empregado de mesa em Londres, estando a viver com uma mulher que conhecera numa paragem de autocarro. Desde o dia em que foi embora, Lorna não o viu nem ouviu uma palavra sua.

Foi um choque, um choque terrível, mas Lorna talvez se tivesse aguentado, se ao mesmo tempo as coisas não estivessem tão difíceis na escola. Ela nunca soube a razão de Denise Ritchie e Angela Wyman decidirem contar histórias sobre ela – o que significava que, por algum motivo, elas não gostavam dela; mas fosse qual fosse a razão, foi muito doloroso.

Foi Denise quem espalhou o boato de que Lorna tinha molhado as cuecas e tivera de trazer umas limpas para as trocar duas vezes ao dia. Dizia-o como se sentisse pena da Lorna, mas durante as aulas, levantava a mão e pedia para abrir a janela por causa do mau cheiro. Todos sabendo o que ela queria dizer, incluindo

Lorna.

Angela, para não deixar de levar a melhor, começou o boato de que Lorna tinha roubado coisas de umas lojas, embora sempre insistisse, entretanto, que não tinha a certeza de que era verdade. Por isso, se por acaso alguma coisa desaparecia do saco de alguém na escola, ela suspirava em ar de reprovação e esclarecia que, infelizmente, sabia quem provavelmente era a responsável.

Corriam dezenas de histórias como estas, cada qual a mais cruel e, embora de início poucas pessoas acreditassem nelas, com o passar do tempo, ganharam força. Então um dia, Denise veio com o boato de que o pai da Lorna tinha fugido com uma mulher um pouco mais velha do que Lorna, que tinha conhecido numa paragem de autocarro. Quando se descobriu que *era* verdade, as pessoas perguntaram-se se alguma das outras histórias não eram também verdadeiras.

Se ela tivesse procurado um médico, ele poderia ter-lhe dito que estava clinicamente deprimida e ter-lhe-ia explicado como isso lhe afetava a parte química do cérebro. Mas ela não foi a nenhum médico. Não falou com ninguém sobre como se sentia. Pelo contrário, chegou à triste conclusão de que seria mais simples para todos se ela subisse à cobertura do edifício do parque de estacionamento ... e saltasse.

Então, era por isso que ela estava ali, pensou Jessica. Era isso o que a atraía de volta para o hospital todas as noites. De repente tudo fez sentido. Ela estava ali para impedir que Lorna saltasse, para impedi-la de cometer o erro que ela própria tinha cometido, mas ... havia um problema.

Lorna não podia ouvi-la. Jessica chamou-a do outro lado do parque de estacionamento; depois gritou e acenou e finalmente aproximou-se da figura sentada no parapeito, flutuando no ar à sua frente e insistindo para que ela pensasse outra vez. Mas Lorna não podia ouvi-la nem vê-la... Porque é que havia de ser assim? Porque é que a única pessoa que mais *precisava* de ouvi-la, não o conseguia!? Jessica não sabia, mas Lorna, claramente, não tinha a mínima ideia de que Jessica ali estava. Pensou nos amigos. Se pudesse dizer a Francis, a Andi ou a Roland o que estava a acontecer, eles poderiam pedir ajuda ou ir lá e conversar com Lorna, dizer-lhe que

sabiam melhor do que ninguém como ela se sentia.

Mas os amigos dela ainda estavam metidos no carro, algures na auto-estrada a voltar do teatro. Rapidamente ela imaginou-se na casa do Roland para ver se eles tinham voltado mais cedo; depois foi ver em Alma Road, caso Sra. Boyle tivesse lá ido primeiro, mas não havia sinal deles e por isso Jessica voltou ao parque de estacionamento. Sentou-se ao lado de Lorna no parapeito e interrogou-se desesperadamente sobre o que mais poderia fazer.

Quem mais é que seria capaz de a ajudar?

De repente, sem pensar, ela viu-se de volta ao seu antigo quarto na casa da tia Jo. Num momento ela estava sentada com Lorna no parque de estacionamento e no outro encontrava-se no canto do quarto, onde a cama costumava estar, enquanto no canto oposto a tia Jo se sentava à secretária, junto à janela, e escrevia uma carta no computador.

– Tia? – disse Jessica. – Tia, podes ajudar-me?

A tia Jo não respondeu e o único barulho era o dos seus dedos a bater nas teclas.

– Tia? – Jessica deu-se conta de que estava a gritar. – É urgente, por favor! Tens de ajudar!

Mas gritar não adiantava mais aqui do que no parque de estacionamento com Lorna. A tia Jo não conseguia ouvi-la e Jessica sentiu uma frustração enorme. – Tens de ouvir-me! – Ela berrou o mais alto que pôde. – Preciso que ajudes! Ela vai matar-se! – Deu um passo em frente e tentou agarrar os ombros da tia, mas claro, não havia nada para agarrar. As mãos dela deslizaram diretamente através do corpo dela...

... e Tia Jo parou de datilografar.

Com as mãos pousadas em cima das teclas, ela levantou a cabeça e voltou-a para o lado como se achasse que tinha ouvido algo.

Jessica mexeu o seu corpo muito perto do da tia, de modo que as duas se fundissem.

– Escuta. – Ela falou diretamente no ouvido da tia. – Tens de ir ao hospital. Ouves-me? A Lorna vai matar-se e tens de lá ir. Tens de lá ir *agora*!

A Tia Jo ainda não se mexia.

– Oh, anda lá! – Num gesto de frustração, Jessica deslizou a mão dela através do computador e com um rápido *plink* o computador desligou-se. – Ouve-me! Tens de ir ao hospital. Ao hospital! Tens de lá ir. Mais ninguém pode, tens de detê-la ...

Havia um olhar perplexo no rosto da tia Jo enquanto se voltava na cadeira e olhava cuidadosamente ao redor do quarto.

– Ao hospital ... Tens de ir ao hospital ... tens de ir lá agora... – Jessica repetia as mesmas frases várias vezes, com metade do seu corpo fundindo-se com o corpo da tia.

Ainda com o olhar levemente confuso no rosto, a tia Jo levantou-se. Jessica seguiu-a enquanto ela saía do quarto e se encaminhou lentamente para descer as escadas. Parou no corredor e espreitou pela porta da sala de estar.

– Vou sair, George – disse ela e, sem esperar pela resposta, pegou nas chaves e saiu pela porta da frente.

Lorna estava exatamente como Jessica a tinha deixado, sentada no parapeito com a mala e o cão de peluche, a olhar para a cidade.

Jessica sentou-se a seu lado.

– Vai ficar tudo bem-disse ela. – A tia Jo está a caminho. Ela saberá o que fazer, tem experiência nesse tipo de coisas. Só tens de esperar até ela cá chegar, uns quinze minutos, só isso.

Ela esperava ter razão. Tinha seguido a tia até a porta da frente e vira-a entrar no carro pequeno estacionado na entrada da garagem. Jessica sentara-se no assento do passageiro quando a tia Jo arrancou para a estrada do hospital, mas depois voltou para junto Lorna.

Não que ela pudesse fazer muito mais, agora que ali estava. Lorna não dera ainda sinal de que conseguia ouvir o que Jessica lhe dizia, mas esta continuou a falar. Contou a Lorna as próprias experiências, sobre a mãe e a avó e sobre como tinha ido morar com a tia Jo e o tio George. Falou-lhe sobre morrer, sobre ser um fantasma e ter ficado presa. À medida que os minutos passavam, ela começou a pensar que tudo poderia ficar bem.

Então, com os ponteiros no grande relógio na torre do hospital atrás de si a mostrar cinco para as onze, Lorna respirou fundo e levantou-se. Ficou de pé em cima do parapeito com a brisa quente a soprar-lhe nos cabelos e nas roupas, olhou para o cimento lá em baixo e deu meio passo em frente.

– Não! – Jessica gritou. A tia Jo não estava ali. Precisava de mais uns cinco minutos, pelo menos. – Não, não deves. Não deves. Tens de esperar! – Flutuou para se postar diante de Lorna, empurrando-a para trás com as mãos que lhe desapareciam dentro do peito daquela. – Não vais fazer o mesmo erro que eu fiz. Não te vou deixar...

Lorna não conseguia ouvi-la, mas ao continuar a gritar-lhe e a implorar, Jessica podia ver nos olhos da rapariga a mesma expressão confusa que lhe transparecia no rosto. Como se uma pequena parte de si soubesse o que lhe estavam a dizer, mas a sua consciência não fazia a menor ideia do que se tratava.

Quando Sra. Boyle voltou de Southampton, um pouco antes das onze, deixou Francis e Andi em Alma Road. Francis estava a sair do assento de trás, ainda a agradecer, quando Jessica lhe apareceu!

– Francis! Tens de ajudar!

– Jessica? – Ele virou-se. – O que é isso? Qual é o problema?

– É a Lorna. Lorna Gilchrist. Ela é a outra.

– A outro o quê? – Andi estava a sair do carro para se juntar a ele. – O que é que se passa?

– Lorna está no último andar do parque de estacionamento do hospital. Vai saltar. – Jessica tinha a sensação de que estava a demorar demasiado para explicar tudo. – Tens de lá ir. Ela não me consegue ouvir!

– Queres que nós...

– O parque de estacionamento do hospital. No último andar. Agora! – Jessica gritou e desapareceu.

– Está tudo bem? – A Sra. Boyle desceu o vidro do carro e olhou ansiosa para Francis.

– Sim. – disse ele. – Desculpe, mas será que...nos poderia levar até ao hospital?

– Ao hospital? Porquê? Estás a sentir-te mal?

– Não sou eu – disse Francis –, mas vai acontecer uma coisa terrível no parque de estacionamento e é muito importante que lá cheguemos o mais rápido possível. Pode levar-nos lá?

Se tivesse sido outra pessoa, a Sra. Boyle queria outras respostas para uma grande quantidade de perguntas antes de ir a qualquer lado, mas era Francis a pedir e ela ligou logo a ignição para pôr o carro em andamento.

– Não se esqueçam dos cintos – disse ela ao entrar na estrada.

Levaram menos de dois minutos a fazer dois quilómetros e meio até ao hospital. Enquanto subiam a colina, Roland olhava para fora do pára-brisas do assento do passageiro e foi o primeiro a ver a silhueta de um pequeno vulto a contrastar com o céu escuro na cobertura do parque de estacionamento.

– Lá está ela! – apontou ele – Lá em cima.

A Sra. Boyle conduziu o carro até uma rampa de entrada e parou em frente da barreira. Quase sugeriu que talvez fosse mais rápido o Francis ir a pé a partir dali, mas já ele e Andi estavam fora do carro, a correr pela entrada.

Dois braços apareceram e agarraram cada um deles pelos colarinhos. O segurança saiu do seu posto e as suas mãos carnudas apertavam firmemente a parte de cima das t-shirts de ambos.

– Onde pensam que vão? – disse ele.

Nunca chegou a terminar a frase. Nem viu os golpes que o atingiram abaixo do cinto. Tudo o que sabia é que não conseguia mais respirar ou andar. A força das suas mãos nos dois jovens diminuiu e ele caiu ao chão.

– Eu trato dele – disse Andi já ajoelhada ao lado do corpo. – Vão e cuidem da Lorna.

Francis correu para as escadas e Roland veio do carro e, seguindo as instruções de Andi, ajudou a levantar o segurança e a sentá-lo, com as costas apoiadas contra o poste de cimento.

– O que...O que é que aconteceu? – ofegou ele, quando conseguiu finalmente respirar.

– Pareceu-me que tropeçaste ali na calçada – disse a Sra. Boyle de pé junto dele. – Mas tenho a certeza de que ficarás bem quando descansares um pouco. – Tirou o telemóvel do bolso e olhou para Andi. – Espero que ninguém se importe, mas vou chamar a polícia.

Francis apareceu nas escadas do último andar do parque de estacionamento e viu Lorna de pé em cima do parapeito, ao seu lado direito. Estava com os dedos dos pés sobre a borda e os braços em posição de mergulhador, preparando-se para pular. O fantasma de Jessica flutuava à sua frente, fundindo-se com o corpo de Lorna.

– Lorna? – chamou Francis. – Lorna! O que estás a fazer?

Lorna não deu sinal de que o tinha escutado, mas parou de se mexer.

– Por favor... – disse Francis. – Por favor ... desce daí.

Ainda não houve resposta, embora a Lorna, pelo menos, permanecesse

quieta.

– Queres que eu corra e a agarre? – Andi apareceu a ofegar atrás de Francis.

– É melhor não chegares muito perto – gritou Jessica – Fica aí onde estás e continua a falar.

– Era muito bom dizer para continuar a falar – pensou Francis. Mas sobre o quê era suposto ele falar?

– Não tens de fazer isso. – O rapaz começou a andar vagarosamente na direção do parapeito enquanto falava, mantendo, porém, uma certa distância de Lorna.

– É verdade, não tens. Seja lá qual for o mal, tenho a certeza de que podemos fazer alguma coisa se simplesmente desceres daí. Podemos recorrer a alguém, podemos falar com pessoas...

As palavras desapareciam gradualmente. Ele lembrou-se de como se sentira nas semanas antes da Jessica lhe ter aparecido. Quão triste e quão certo ele estivera de que ninguém o poderia ajudar com coisa nenhuma.

– Olha, eu sei como te sentes – disse ele. – É verdade, eu sei. E desculpa. Gostaria de ter sabido antes. Gostaria que qualquer um de nós tivesse sabido. Se soubéssemos, talvez pudéssemos... pudéssemos... Olha, por favor... por favor desce ... por favor...

Não adiantava. Ele não fazia ideia do que dizer à rapariga na sua frente. Talvez Andi tivesse razão. Talvez a hipótese melhor que tinham era correr o mais rápido que pudessem e tentar agarrá-la antes de ela saltar.

Francis deu um passo em frente e uma mão pousou-lhe sobre o ombro. Olhou em redor e viu uma mulher alta, com o cabelo preto e curto, parada atrás de si.

– Não muito perto – disse a Tia Jo, suavemente. – Ainda não. – Depois chamou Lorna. – Olá Lorna? O meu nome é Joana Garfield. Vim perguntar-te se posso ajudar-te em alguma coisa. Sei que provavelmente parece que não há nada que se possa fazer, mas talvez valha a pena esperar só mais um minuto para ouvir. Caso *haja* alguma coisa. Acredita, já falei com várias pessoas que sentem o mesmo que tu e ... gostarias de ouvir o que lhes disse?

Lorna não respondeu, mas tia Jo não pareceu importar-se. Continuou simplesmente a falar. Mais tarde, nem Francis e nem Andi conseguiram lembrar-se do que ela disse, mas Francis garantiu que ela tinha uma das vozes mais tranquilas e suaves que ele já tinha ouvido. As palavras fluíam-lhe da boca como água a correr serenamente.

Às vezes, ela fazia uma pergunta e não recebia qualquer resposta, mas depois referiu-se a uma sobrinha que tinha passado pelo mesmo e Lorna virou-se rapidamente para olhar para ela. Depois, por vezes ela concordava e acenava com a cabeça. A tia Jo continuava a falar e a fazer perguntas e Lorna começava a responder a algumas. A princípio era apenas um sim ou um não, mas depois, era já uma frase; mesmo assim, a voz da tia Jo continuava gentil como o cair da neve, persistente como a chuva.

Francis estava em parte ciente de que atrás dele havia mais pessoas que tinham subido até à cobertura do parque de estacionamento. Tinha ouvido sirenes, resultado da mãe de Roland ter chamado a polícia, e havia o barulho do roçar das roupas e o som dos sussurros, mas nem ele e nem Andi se atreveram a virar-se. Os olhos dele estavam colados nos pés de Lorna, pousados na borda do parapeito.

E a tia Jo ainda estava a falar. A seu tom suave e reconfortante não parou por um momento e agora ela estava a aproximar-se, enquanto Lorna falava mais, numa voz cheia de raiva, ira e desespero. Contava os boatos que Angela e Denise tinham começado, histórias perversas... mentiras terríveis. A tia Jo conduziu Francis até Lorna para que este a ajudasse a descer do parapeito, enquanto ela a segurava pelos braços. A rapariga soluçava e já dizia que estava tudo bem, estava tudo bem. Tudo ia resolver-se.

Uma agente da polícia apareceu com um cobertor, que enrolou sobre os ombros de Lorna e, juntamente com a tia Jo, levou-a de volta para o carro, onde a esperava uma mulher, que Francis reconheceu ser a mãe.

Cerca de uns quinze minutos depois, já ninguém parecia reparar muito em Francis e Andi. O último andar do parque de estacionamento estava repleto de gente. Havia polícias, paramédicos, enfermeiros e, pelo menos, meia dúzia de seguranças, incluindo o de lá de baixo, que mancava. Dois paramédicos estavam a colocar a Lorna na maca, um processo complicado, devido ao facto de ela se recusar a largar tia Jo. Entretanto, a mãe estava aos gritos de raiva para qualquer polícia que a escutasse, bradando que era preciso fazer alguma coisa.

Francis e Andi encaminharam-se para o sítio no parapeito onde Jessica estava sentada.

– Chegaste cá bem a tempo – disse Jessica. – Mais uns segundos e ela tê-lo-ia feito.

– Foi a tua tia que a deteve – Francis pegou no cão de peluche e reposicionou-lhe as patas gentilmente. – Ela foi incrível. Se não tivesse aparecido, acho... – Ele parou. – E já agora, como é que ela *apareceu*? Quem lhe disse para *vir* até aqui?

– Acho que fui eu – disse Jessica.

– Pensei que ela não podia ver-te?

– E não pode – Jessica encolheu os ombros. – Não me peças para explicar. Também não percebo.

– Eu disse-te – Roland caminhava na direção deles. – Eu disse que haveria outra pessoa – sorriu para Jessica. – Foi por isso que cá estavas, para que pudesses... – O rapaz parou. – Estás bem?

– Agora estou – disse Jessica. – Porquê?

– Tu... hum... tu...! – Roland não tinha a certeza de como dizer, mas Jessica estava com uma aparência estranha. A pele tinha-lhe adquirido um brilho estranho, levemente luminoso nas mãos e no rosto dela. Era uma luz branca com um leve tom dourado, que se tornava mais intensa à medida que ele a olhava.

– Pareces incandescente – disse Andi.

Eles olhavam em silêncio enquanto a luz do corpo de Jessica ficava mais e mais brilhante. Rapidamente se tornou tão forte que até o brilho lhe transparecia

através das roupas.

– Jessica? – Francis parecia completamente alarmado. – O que está a acontecer?

Mas Jessica não respondeu. Olhava para o hospital, para uma das janelas do terceiro andar, e Francis teve de repetir a pergunta duas vezes antes que ela se voltasse vagarosamente e ficasse de frente para ele.

– Desculpa – disse ela –, acho que tenho de ir agora embora.

– Ir? Ir aonde? – Agora a luz do corpo de Jessica era brilhante o suficiente para fazer lacrimejar os olhos de Francis, um minuto antes de ele entender o que ela queria dizer. – Oh... Oh, queres dizer ... ir embora?

Jessica assentiu com a cabeça.

– Tens de ir? – Disse Francis – Quero dizer... não podes ficar um pouco mais?

– Não, não, não posso. – Naquele momento, o corpo da Jessica era um farol a iluminar cada canto do parque de estacionamento. – Mas não te preocupes. Está tudo bem.

Ela deu um passo em direção ao Francis. Chegou-se a ele e abraçou-o. Para sua grande surpresa, ela estava bastante sólida. Mais tarde Francis disse de forma engraçada que Jessica estava mais sólida que ele próprio, como se ela tivesse um corpo verdadeiro e ele fosse um fantasma.

– Se tu apenas soubesses – sussurrou-lhe ela ouvido. – Se algum de nós soubesse...

Ela segurou-o por um momento e depois largou-o. Sorriu para os outros e começou a flutuar em direção ao hospital. Eles viram-na voltar-se pela última vez junto da janela do quarto no terceiro andar. Acenou-lhes brevemente...e desapareceu.

Francis, Andi e Roland ainda ali estavam de pé quando a tia Jo se lhes juntou. Ela olhou para Francis:

– Acabei de me lembrar de onde te vi antes – disse ela. – És o rapaz que estava parado em frente à minha casa, não és?

– Sim – disse Francis.

– Posso perguntar-te como é que vieste parar aqui hoje à noite?

Francis não sabia o que dizer.

– Só pergunto – disse a tia Jo – porque aquela senhora – e apontou para a mãe do Roland, que estava a falar com um polícia – me disse que, de repente, anunciaste que sabias que uma coisa terrível ia acontecer no hospital. A mesma coisa aconteceu comigo.

– Aconteceu?

– Sim. Eu estava sentada à secretária em casa e tive essa sensação de que deveria entrar no carro e conduzir até aqui. Foi quase como se alguém estivesse a dizer-me para vir. Foi o que aconteceu contigo?

– Praticamente o mesmo – disse Francis.

– É um mundo estranho – A tia Jo abanou a cabeça. – Nem sequer pretendo entender – Ficaram ali parados durante um momento, a olhar para a cidade. – Não sei se sabes, mas a minha sobrinha suicidou-se.

– Sim – disse Francis. – Ouvi dizer.

– Eu queria que ela tivesse tido um amigo como tu, que aparecesse quando ela...– A tia Jo parou por um momento. – Chamava-se Jessica. Era uma rapariga adorável. Acho que se a tivesses conhecido, ter-se-iam dado os dois muito bem.

– Sim – disse Francis – Sei que sim.

Na segunda-feira seguinte, na escola, Francis descobriu que se tinha tornado numa espécie de celebridade. A história tinha sido notícia às seis horas no noticiário de domingo à noite e, na segunda-feira de manhã, o jornal *Daily Mail* publicou na primeira página uma foto com a silhueta da Lorna contra o céu noturno e Francis a estender-lhe a mão para a ajudar a descer.

As fotos foram tiradas por um porteiro do hospital com o telemóvel, que estava no andar térreo do estacionamento quando filmou o vídeo, e Francis e Lorna eram os únicos na foto. Nem Andi e nem a tia de Jessica estavam visíveis, dando a impressão de que Francis fizera o resgate completamente sozinho. Ele continuou a dizer a toda a gente que não era verdade, mas ninguém parecia ligar a isso.

Naquela manhã, quando chegou à escola, sua ex professora apertou-lhe a mão quando entrou na sala, dizendo-lhe como estava orgulhosa, mesmo antes de o reencaminhar para a Sra. Parsons. No corredor, várias outras pessoas pararam para o felicitar e, quando ele chegou ao gabinete, as senhoras que lá trabalhavam, levantaram-se e deram-lhe uma salva de palmas. Karen, a recepcionista, até insistiu em abraçá-lo antes de o mandar entrar para o gabinete da diretora.

A Sra. Parsons foi um pouco mais contida, mas sorriu ao pedir-lhe que se sentasse e ofereceu-lhe uma chávena de chá.

– Parece que tiveste um fim de semana agitado – disse ela, apontando para uma cópia do *Daily Mail* em cima da secretaria. – Li sobre o que aconteceu, claro, mas estou muito interessada em ouvir da tua boca, se não te importares de mo contar novamente?

Francis disse que não se importava de maneira nenhuma e contou à Sra. Parsons a mesma história que relatara ao jornalista do *Mail*. Era completamente verdadeira, exceto que não referia nada sobre Jessica nem de como ela o avisou. Disse simplesmente que voltava de Southampton com Andi e Roland e eles viram Lorna na cobertura do parque de estacionamento do hospital.

– Reconheceste-a? – perguntou a Sra. Parsons. – Mesmo àquela distância, no escuro?

Francis garantiu que sim, que soube logo quem ela era. Continuou a descrever como subiu as escadas a correr, viu Lorna prestes a saltar da borda do parapeito e lhe gritou para parar. Novamente, nada disse sobre aí encontrar Jessica. Discutira o assunto com os outros e todos concordaram que o melhor era omitir. Relatou à Sra. Parsons como começou a falar com Lorna e que, quando ficou sem argumentos, surgiu a Sra. Barfield, que persuadiu a rapariga a afastar-se do parapeito. – Eu sei que a fotografia parece diferente – disse ele –, mas esta é a verdade. Foi ela quem fez tudo!

Quando terminou, a Sra. Parsons tirou os óculos, rodou-os por momentos entre os dedos e o polegar e olhou pensativamente pela janela.

– Eu sabia que havia algo – disse ela, finalmente. Francis achou que ela parecia um pouco cansada. – Sabia que algo se passava naquela turma, mas sempre pensei que as pessoas em risco eram tu e a Andi e não a Lorna. – Ela suspirou profundamente. – Nunca vi nada assim. Nunca vi nada assim mesmo.

O repórter do jornal tinha dado todos os detalhes das razões de Lorna em querer matar-se, descrevendo o caso como uma tentativa de *bullycídio*. Escreveram que Lorna tinha tentado acabar com a própria vida, porque duas raparigas na escola tinham inventado boatos sobre ela. Não divulgaram os nomes das raparigas, mas os dias que se seguiram não foram fáceis para Angela e Denise.

Tentaram tudo por tudo para fingir que não tinham feito nada de errado. Naquela segunda-feira, entraram na escola com ar de preocupadas e aflitas com a coitada da Lorna, como todos os outros. Ouviam-se a perguntar quem poderiam ser as duas raparigas do jornal. Quem, perguntavam elas, poderia ter feito uma coisa tão terrível?

As raparigas eram exímias mentirosas. Foram exaustivamente interrogadas pela Sra. Parsons em três ocasiões diferentes, mas mantiveram decididamente a sua história, que apenas tinham passado os boatos que lhes haviam contado. Ninguém se deixou realmente enganar, mas durante um tempo, parecia que elas iam safar-se com isso. Mas na quarta-feira elas não apareceram na escola.

Descobriu-se que as raparigas tinham trocado ideias sobre as histórias a

espalhar sobre Lorna numa série de mensagens que a polícia encontrou nos seus computadores. Nesse mesmo dia foram expulsas da escola e a Sra. Parsons anunciou em assembleia que seria uma expulsão permanente. Não seria justo, disse ela, pedir a Lorna que voltasse para a escola enquanto Angela e Denise lá estivessem. Por isso elas tiveram de continuar a formação noutro local.

Lorna esteve uma semana no hospital, um mês em casa e, no final, não voltou à Escola John Felton. A Sra. Parsons fez o melhor que pôde para lhe garantir de que as coisas seriam diferentes se ela voltasse, mas Lorna recusou-se firmemente. Em vez disso, foi para uma escola privada, onde o diretor que leu o seu caso lhe ofereceu uma bolsa de estudo. Curiosamente, foi a mesma escola privada onde Andi tinha sido tão infeliz, mas que Lorna adorou desde o primeiro dia em que lá chegou. Era uma aluna popular e bem-sucedida, e finalmente, tornou-se numa líder e ganhou um lugar para estudar Ciências Naturais em Cambridge.

Francis não achou fácil ser uma celebridade, mas acostumou-se. Achou muito mais difícil habituar-se a ficar sem Jessica. Andi e Roland também sentiam falta dela, mas era mais difícil para Francis. Durante os últimos cinco meses, ela tinha sido a pessoa mais importante na sua vida e agora ela tinha ido embora e ele sentia-lhe a falta mais do que podia dizer.

Lá em cima no sótão havia lembranças dela onde quer que ele olhasse. Ela estava presente na maioria dos desenhos pendurados na parede. Estava no vestido meio acabado à beira da máquina de costura. Quase parecia que ela estava sentada no sofá quando ele subiu as escadas e entrou no quarto..., mas não estava. Ela não estava em lugar nenhum, porque tinha partido.

Às vezes a tristeza desse pensamento ameaçava dominá-lo e uma parte dele ficava com receio de que a vida pudesse voltar ao que tinha sido antes de ela ter aparecido..., mas não voltou. Ele sentia-se triste, muito triste, por a amiga não estar mais ali, mas em todo o caso nunca era como estar no Abismo. Por razões que ele não percebia, era uma tristeza diferente.

Havia duas coisas que ajudavam. A primeira era que Andi e Roland não lhe ligaram quando ele disse que não queria ver ninguém e queria ficar sozinho. Andi, simplesmente, pegou-lhe pelo braço e disse-lhe que não havia hipótese disso.

– Nem uma hipótese, mesmo – concordou Roland. – Estás preso a nós agora, gostes ou não.

E com o passar dos dias Francis descobriu que gostava disso. À medida que a dor diminuía ele ia percebendo que ter amigos ao pé de si era uma das melhores coisas que lhe podia ter acontecido.

A segunda coisa que ajudava, embora de forma mais indireta, eram as cartas. Começaram a chegar no dia seguinte à publicação da história de Lorna. Um mês mais tarde ainda continuavam a chegar.

Muitas davam os parabéns a Francis pelo que tinha feito, mas muitas outras pediam-lhe conselhos. Eram cartas de pais preocupados com que os filhos pudessem pensar fazer o mesmo que Lorna e queriam saber como detê-los. Outras vinham de

adolescentes que diziam estar a passar pelo mesmo e perguntavam a Francis o que fazer.

Francis não fazia ideia de como responder-lhes, para além de serem muitas cartas. Numa semana havia mais de cem cartas empilhadas na mesa da sala do sótão e ele sabia que nunca poderia responder a todas. Mesmo se pudesse... o que deveria dizer? O que *poderia* ele dizer a alguém que lhe dissesse que estava a pensar matar-se? Ele não soube o que dizer a Lorna na cobertura, pelo que como estaria agora qualificado para aconselhar? Mostrou as cartas à mãe, que lhe disse que também não fazia ideia de como lhes responder, mas indicou quem talvez pudesse.

– A senhora que apareceu na cobertura do parque de estacionamento – disse ela. – A Sra. Barfield. Ela não se tornou uma conselheira credenciada ou coisa do género?

A tia Jo veio uma noite depois da escola e imediatamente se ofereceu para levar as cartas e organizá-las.

– Vou começar por classificá-las para ti – disse ela – então saberás quais são as mais importantes e quais podes deixar para mais tarde. Depois podes vir no fim de semana para começarmos a responder às mais urgentes.

Naquele fim de semana Francis foi a casa da tia Jo e os dois sentaram-se no quarto de Jessica, onde ele datilografou umas respostas no computador, seguindo as sugestões da Sra. Barfield. Na maioria dos casos, o conselho dela era bem óbvio – a necessidade de falar com alguém, de receber a ajuda apropriada – mas ela sustentava que por ser óbvio não queria dizer que não era importante.

Organizaram uma ordem de prioridade para as cartas e Francis descobriu que gostava de escrever as suas próprias respostas. Era bom de fazer, o tipo de coisa que Jessica teria aprovado, pensou ele, se ela ainda por ali estivesse. Ia a casa da tia Jo a maior parte dos fins de semana, respondendo cada vez a mais cartas. Na verdade, ele até recusou a oportunidade de ir ao Canadá durante um mês para poder continuar a responder às cartas durante as férias de verão.

Foi a mãe de Andi quem organizou a viagem ao Canadá. Uma noite, sentada na cozinha com Francis e a mãe, anunciou em voz alta que tinha um irmão que vivia

numa quinta perto de Calgary.

– A Andi adora aquilo – disse ela. – Então iremos lá quatro semanas em agosto.

Francis perguntou-se se alguém mais tinha notado que a Sra. Champion não chamava mais a filha dela de Rufia ou Rufiazinha. Já há algum tempo que era Andi.

– Mas ela não quer ir se não fores – disse a Sra. Champion olhando para Francis. – Por isso queria saber se virias connosco. O Roland já concordou.

Francis hesitou.

Não tens de preocupar-te em relação ao dinheiro – disse-lhe a mãe. – Podemos pagar. Não acreditarias no que a Frieda está a cobrar ultimamente pelos meus pratos!

– E há muitas coisas para lá fazer – disse a Sra. Champion, de forma persuasiva. – É uma quinta enorme e podemos andar a cavalo, andar de canoa, de jangada em águas claras, escalar montanhas...

Francis perguntou-se como Roland iria lidar com a canoagem e andar de jangada em águas claras e então pensou que, provavelmente, ele lidaria muito bem. Enquanto estivesse junto de Andi, Roland andaria de jangada com muita alegria pelas cataratas de Niagara.

– Mas nenhum deles quer ir sem ti – disse a Sra. Champion – então, pelo menos, vais pensar nisso?

Francis concordou que pensaria, mas no final anunciou que, apesar de estar agradecido pelo convite, preferia ficar em casa. Explicou que não era do tipo de pessoa que gostava muito de fazer canoagem, de andar de jangada em águas claras e que preferia passar o verão a trabalhar com a tia Jo, respondendo às cartas que recebia.

Dessa vez nem Andi e nem Roland puderam persuadi-lo a mudar de ideias.

Na terça-feira, depois do fim do período escolar, Andi e Roland partiram para o Canadá. Francis foi dizer-lhes adeus ao aeroporto de Gatwick e perguntou-se, quando voltou, se tinha feito a escolha certa. Sentado no quarto, no sótão da casa na Alma Road, sentiu-se subitamente sozinho.

Ele não teve oportunidade de se sentir assim durante muito tempo, pois a mãe de Roland apareceu na manhã seguinte para o levar a casa da tia Jo. Ofereceu-se para o levar lá todos os dias, em parte porque gostava de ter alguém com quem falar sobre Roland, mas também porque isso significava que Francis poderia ajudá-la a resolver qualquer problema que ela tivesse com o trabalho para os seus exames.

Francis ia a casa da tia Jo todas as manhãs, de segunda a sexta-feira e, uma vez lá, os dois sentavam-se no escritório e começavam a responder a próxima pilha de cartas.

Algumas delas eram de pessoas que tinham sofrido abusos ou sido magoadas fisicamente. Ao lê-las, facilmente se via que as pessoas que as escreviam tinham atingido o ponto do desespero. A tia Jo sempre parecia encontrar algo de encorajador para dizer e sugeria uma pessoa ou uma organização para as ajudar, o que era um alívio.

Mas o que mais chocou o Francis foi ver quantas cartas vinham de pessoas que *não* estavam a passar fome ou a sofrer violência, nem a viver com dores crónicas, mas que mesmo assim estavam desesperadamente infelizes. Eram pessoas como Roland, que se achavam muito gordas, ou como Andi, que não se achavam bonitas. Ou de pessoas como ele próprio, que sabiam que eram simplesmente... *diferentes*. As razões que davam para esses sentimentos eram tão numerosas como as próprias cartas, mas era a única coisa que todos tinham em comum. Eram pessoas que se descreviam como, de alguma forma, alienadas do mundo à sua volta.

Solitárias.

E *diferentes*.

Francis perguntou-se porque é que “ser diferente” era tão doloroso? Porque é que isso importava tanto quando, se pensasse nisso, todos eram diferentes, de uma

maneira ou de outra.

– Eu acho – respondeu-lhe a tia Jo – que há quem sinta mais essas coisas do que a maioria das pessoas. São mais sensíveis. Mas também penso que o verdadeiro dano surge quando se junta outra coisa. Se alguém já está a sentir-se em baixo por alguma razão e *em seguida* perde um dos pais, como Jessica perdeu, ou adoece, ou quando se mete ao barulho uma Denise Ritchie ou uma Angela Wyman, aí é que fica sério. – A tia Jo deu a Francis a carta que tinha lido de um rapaz que estava a ser *bullied* porque fazia tricô.

– Esta aqui é do teu departamento, acho eu – disse ela.

Francis gostava de estar no que antes fora o quarto da Jessica. Gostava de olhar para as fotos dela penduradas na parede e de ouvir a tia Jo a falar da sua sobrinha, contando histórias do que ela tinha feito em vida.

Numa ocasião a tia Jo disse-lhe – Às vezes sinto que ela ainda cá está. Sabes ... é como se ela me chamasse de vez em quando, para verificar o que estou a fazer. E sempre pensei que foi ela que me chamou para ir ao hospital naquela noite. Achas que é tolice??

Francis disse que não, que não achava que era tolice.

A tia Jo só deixava Francis trabalhar nas cartas durante a manhã. Disse que não era bom ele fazer esse tipo de coisas o dia inteiro e insistia que se fosse embora depois do almoço para ir divertir-se com pessoas da mesma idade. Francis queria refutar que os únicos amigos que tinha da sua idade estavam do outro lado do Atlântico, mas num curto espaço de tempo, isso não era exatamente verdade.

A Sra. Parsons telefonou-lhe uma semana depois do começo das férias.

– Tenho um problema – disse ela. – Há um grupo jovem de teatro a usar a escola durante o verão para encenar a peça *West Side Story* e precisam de ajuda. Estás ocupado neste momento?

– Não sou muito bom a representar – disse Francis.

– Não, não, eles não te querem para isso! – riu-se a Sra. Parsons – A última coisa de que precisam é de outra diva. Mas têm poucos trajes e lembrei-me de que és muito bom nisso.

Francis concordou em dar uma olhada no problema e naquela tarde dirigiu-se à escola, onde uns vinte ou trinta adolescentes estavam reunidos no corredor principal a ensaiar um número de dança, que implicava muitas saias rodadas e batidas de pés. A encarregada era a Sra. Wigley e disse a Francis que quem habitualmente fazia as indumentárias estava no hospital a ter um bebé.

– Tínhamos esperança de que ela aguentasse até tudo terminar – disse a Sra. Wigley – mas foi apanhada de surpresa ontem, exatamente a meio de uma cena complicada de luta. Ela mostrou o caminho para fora do corredor, para uma sala de aula cheia de trajes pendurados nas prateleiras. – Alugamos a maior parte das coisas, mas claro que nada disto serve. O que precisamos é de alguém muito bom com uma agulha e linha que nos resolva isto. – Ela olhou esperançosa para Francis. – Alguma hipótese de nos ajudares?

Dez minutos mais tarde Francis estava sentado à mesa com a máquina de costura e durante as semanas que se seguiram ele viu-se a alterar, a cortar, a furar, a apertar e às vezes a descoser fatos inteiros para os refazer novamente. A experiência foi mesmo uma revelação.

No tempo em que lá esteve, ninguém que veio provar os fatos, ninguém jamais sugeriu que era estranho Francis fazer o trabalho. A única coisa que os preocupava era como iam aparecer em palco e, uma vez que descobriam que era Francis a pessoa quem lhes resolveria isso, trataram-no com muito respeito.

Batiam à porta da sala e perguntavam, apologeticamente, se ele lhes poderia apertar a cintura nas calças compridas ou encontrar-lhes um top de cor diferente. E quando Francis correspondia ao que lhe pediam, eles diziam-lhe numa linguagem extravagante como ele era maravilhoso e quão agradecidos estavam.

Às vezes, quando eles não eram necessários no palco, vinham até à sua sala simplesmente para conversar. Sentavam-se à mesa enquanto ele remendava a manga de uma camisa ou um rasgão e falavam-lhe de si próprios, coisas que Francis nunca se atreveria a falar com a própria mãe. Comportavam-se de maneira bastante diferente de qualquer pessoa que ele conhecia, mas a maior diferença é que eles pareciam *gostar* de ser diferentes. Não os deixava envergonhados ou infelizes.

Gostavam disso.

O espetáculo decorreu durante uma semana e foi um sucesso. No final, e Sra. Wigley disse a Francis que achava que o enorme sucesso da peça se deveria em grande parte aos trajes maravilhosos que ele fizera e, embora ele também a tivesse ouvido dizer ao pianista que o sucesso se devia em grande parte à sua música, Francis não se importou. Adorou cada momento e, enquanto todos se abraçavam, beijavam e se despediam naquela última noite, Francis prontamente concordou que estaria ali no próximo ano para fazer tudo de novo.

Não deixava de pensar que Jessica teria adorado aquilo.

Dois dias mais tarde, Andi e Roland voltaram do Canadá e estavam ambos quase irreconhecíveis. Francis levou vários segundos para dar-se conta de que a figura que se apressava pelo salão em direção a ele era Andi. Tinha pintado o cabelo de louro, a pele estava profundamente bronzeada e ela vestia uma saia de renda curta com um top caviado colorido de cores fortes. Mais tarde confessou a Francis que as tinha escolhido para ele ter algo para criticar. Andi saltou para cima dele de uma distância de vários metros e apertou-o num abraço tão forte que o deixou sem fôlego.

Roland parecia mais mudado. Crescera uns centímetros, estava uns 10 quilos mais leve e emanava um tipo de confiança que só vem de se ter caminhado pelas montanhas, descido os penhascos de rapel e ter feito canoagem pelos desfiladeiros de águas claras. Estava maior do que antes, mas de uma maneira diferente. Separou-se da mãe e veio cumprimentá-los.

– Olá, amigo! – disse ele em voz alta e profunda, enquanto sorria para Francis.
– Como tens estado?

Já de regresso a casa, trocando histórias de produções de peças de teatro e encontros com ursos-pardos, ficou claro que pelo menos uma coisa não havia mudado. Os três continuavam bons amigos como sempre. Tudo mais na sua vida podia ter mudado, pensou Francis, mas era bom saber que algumas coisas tinham permanecido na mesma.

Só uns dias depois do início do período do outono é que Francis se deu conta de como tudo tinha mudado. Foi na hora de almoço e ele estava sentado no banco à beira do campo de futebol, a apreciar o calor do sol e a costurar a bainha da saia de uma rapariga do 10.º ano.

A rapariga era Rowena Evans e participava no grupo de teatro durante o verão a cantar e a dançar como uma das Jets. A avó tinha-lhe comprado a saia, mas não lhe servia bem, e por isso ela perguntou a Francis se ele não se importava de lhe fazer umas alterações.

Francis ficou feliz por fazê-lo e já estava a meio da bainha, quando uma sombra lhe pairou sobre o trabalho. Ao erguer os olhos, viu um rapaz da sua idade, parado diante de si.

– O que estás a fazer? – perguntou o rapaz.

– Estou a costurar – disse Francis

O rapaz ficou a olhar para ele. – Só as raparigas é que costumam – disse ele.

– É curioso, mas a ideia de costurar ser trabalho de raparigas é relativamente recente. O meu bisavô estava na Marinha e no tempo dele os homens nunca deixavam esse tipo de coisa para as mulheres. Não as achavam suficientemente arrumadas. – O rapaz fez um resmungo de escárnio. Chamava-se Kevin e tinha-se mudado recentemente com a família para Sheffield. Na sua antiga escola, se um rapaz fosse visto a costurar a saia de uma rapariga, nunca voltaria para casa vivo.

– Não me apanharias a fazer isso – disse ele.

– Não – o Francis concordou –, provavelmente, não.

Kevin continuou a olhar para ele durante um momento e depois foi-se embora, a abanar com a cabeça em sinal de descrença.

– O que é que ele queria? – perguntou Roland, sentando-se no banco ao lado do Francis.

– Na verdade, nada – respondeu Francis. – Achou que era um pouco estranho ver-me a costurar.

– Ele não estava a incomodar-te, estava? – Andi sentou-se do outro lado e

abriu a tampa do almoço dela. – Porque se estivesse, o Rollie e eu teríamos o prazer de lhe dar uma palavrinha.

– TUDO BEM – disse Francis. – Ele não estava a incomodar.

E era verdade. O encontro com Kevin não o tinha incomodado nem um pouco, o que era estranho, se pensasse no quanto aquilo o teria incomodado no início do ano. Interrogou-se sobre o que é que, exatamente, havia mudado.

Roland estava a desembulhar o almoço dele.

– É abacate e queijo brie fatiados numa baguete integral com pimentos verdes, tomates fatiados e um fio de azeite – disse ele quando Andi perguntou. Os almoços que Sra. Boyle fazia para o filho ultimamente, eram bem diferentes, mas ainda eram deliciosos e de fazer água na boca.

Muitas coisas tinham mudado nos últimos oito meses e não era fácil dizer o que tinha feito a maior diferença, pensou Francis. Certamente que ajudava ter amigos – especialmente amigos incrivelmente grandes como o Roland ou tão assustadora como a Andi - mas não era só isso...

Ultimamente a própria escola parecia diferente. Desde que Lorna tentou saltar da cobertura do parque de estacionamento do hospital, todos levavam muito a sério qualquer forma de *bullying*. Agora Francis sabia que se alguém como Quentin o incomodasse com piadas e ele o denunciasse, o facto não seria levado de ânimo leve. A Sra. Parsons tinha deixado bem claro que o direito à segurança na escola era uma das suas prioridades, por isso tomou medidas que ajudassem a garantir que isso acontecia.

Mas não foi só isso...

– Vamos trocar – disse Andi a Roland. – Podes ficar com uma parte do meu almoço e eu fico com uma parte do teu.

– O que tem aí dentro? – perguntou Roland, lançando um olhar para a sandes que Andi lhe dera.

– Geléia – disse Andi. – Geléia vermelha. Vamos lá, passa para cá...

A grande mudança não estava nos amigos, nem na escola, mas nele mesmo, pensava Francis. A verdadeira razão pela qual não o incomodava o riso de alguém ao

vê-lo costurar a saia não era porque ele sabia que podia contar tudo à Sra. Parsons, ou que Andi viria em seu socorro, mas sim porque não lhe *importava* mais o que as outras pessoas pensavam. Se diziam que era engraçado o que ele estava a fazer e se riam... que rissem. Afinal de contas, *era* um pouco engraçado e diferente, mas era assim que ele era e as pessoas à sua volta teriam de viver com isso.

E o mais estranho é que agora ele não se importava com o que as outras pessoas pensavam, a maior parte delas parecia feliz em deixá-lo ser diferente como ele gostava. Podiam ver o que ele fazia, como Kevin, e fazer um comentário estranho, mas porque ele não se importava, elas afastavam-se, como acontecera com Kevin. Se alguém continuasse a fazer comentários como aquele, talvez ele tivesse de agir, mas isso ainda não acontecera e Francis tinha a sensação de que, provavelmente, isso nunca viria a acontecer.

– Suponho que queiras um pouco também? – Ao seu lado, Roland oferecia-lhe uma baguete de pão de trinta centímetros com queijo mole a escorrer pelas bordas.

– Oh, obrigado... – Francis pegou no pão, distraído. Acabavam sempre por comer o almoço de Roland. Ultimamente a Sra. Boyle fazia-lhe comida mais saudável, mas nunca deixara de fazer três vezes mais do que o necessário.

Olhando para trás, Francis percebia que tinham existido muitas mudanças e todas elas muito rápidas. A velocidade com que a vida podia mudar era algo sobre o qual ele falava frequentemente nas cartas que escrevia em casa da tia Jo em resposta às pessoas que visitavam o *website* dela. Como a vida podia parecer tão impossível num momento e logo depois tão cheia de esperança e possibilidades. Nunca se sabe quando alguém como Jessica estava prestes a surgir e a sentar-se no banco ao seu lado...

Claro, foi assim que a mudança aconteceu na sua própria vida. Tudo começou no dia em que Jessica se sentou ao pé de si no banco. Encontrar-se com Andi e Roland, resolver o problema com Quentin, salvar Lorna, tudo tinha começado com Jessica. Foi ela quem pôs a mudança em andamento. Foi ela quem lhe ensinara que a vida podia ser tão divertida, que a vida era cheia de oportunidades e quantas ocasiões havia para se ter alegria...

Era uma lição tão estranha, vinda de uma pessoa morta, que era uma pena ela não estar ali para ver os resultados das mudanças que causou. Muitas vezes Francis pensou como ela iria adorar ver Roland recentemente, grande e confiante, andando pela escola. Como ela teria adorado ver Andi com um enorme sorriso estampado no rosto falando-lhes com firmeza sobre o que fazer durante o fim de semana...

E se acreditassem na tia Jo, é claro, talvez Jessica *pudesse* vê-los. Talvez ela pudesse ver, de vez em quando, o que estavam a fazer. Talvez ela estivesse a observar aquela pequena conversa com Kevin. Talvez ... Talvez ela estivesse naquele momento ali mesmo.

O sol brilhava quente nas suas costas e Francis sentia o calor espalhar-se pelo casaco sobre os ombros. Era um calor suave e relaxante e ele sentou-se no banco e deu uma grande mordidela na sandes que Roland lhe havia dado.

Era, como tantas coisas na vida hoje em dia, absolutamente deliciosa.

5.1. Análise das Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças (FOFA)

Neste capítulo, apresentamos uma análise das Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças (FOFA), onde avaliamos os pontos fortes e as ameaças que encontramos durante o processo da tradução e que pensamos terem sido favoráveis e desfavoráveis para atingirmos determinados objetivos na nossa tradução.

Forças	Fraquezas/Ameaças
Foi um contributo para a valorização da tradução da literatura infantojuvenil no contexto português.	Adaptar a tradução feita numa primeira fase no português do Brasil para o português de Portugal.
A história original aborda realidades sociais contemporâneas importantes do universo juvenil, tais como o <i>bullying</i> , a depressão, o suicídio, a obesidade, o isolamento social através dos jogos virtuais.	Expressões sem tradução do inglês para português. Necessidade de ajuste.
	Adequação da construção frásica do inglês para o português.
	Dificuldade na adaptação do texto ao público-alvo português: o texto original é de linguagem simples e acessível, servido de uma sintaxe que a tradução para PT necessita de transformar: a construção paratática do inglês nem sempre é compatível com a hipotaxe característica das línguas românicas.
Esta tradução tornou acessível esta narrativa à comunidade portuguesa.	
Oportunidades	
Publicação da tradução efetuada.	

Procuramos valorizar nos pontos positivos, como base para alcançarmos a nossa meta: uma boa tradução para o jovem público português. Tomamos providências com relação às ameaças, definindo estratégias no processo de tradução que a axiliassem.

6. Considerações Finais:

Através desta investigação, que teve como principal objetivo a tradução do romance infantojuvenil, *Jessica's Ghost*, de Andrew Norriss, compreendemos que um processo de tradução é sempre um ato subjetivo. Tal está patente na tradução que aqui apresentamos, quando comparada com a realizada por Roberto Muggiati. São dois textos que têm por base a mesma versão inglesa, mas que se adaptam às realidades culturais do país a que se destinam.

Ao longo do processo sentimos algumas dificuldades na tradução de inglês para português (PT) e na adaptação de português (BR) para português (PT), nomeadamente na construção frásica e nas expressões que devem ser adaptadas a cada cultura, mantendo o seu sentido.

Partindo do nosso processo de tradução do romance em estudo, desenvolvemos uma reflexão sobre a evolução da literatura infantojuvenil na sua génese e o potencial desta e da sua importância na tradução.

Devemos ainda reforçar que os livros infantis traduzidos têm um lugar de destaque na educação da criança. Eles encorajam-na a reconhecer outras realidades e a viver novas experiências, compreendendo melhor o outro. Assim, o tradutor da literatura infantojuvenil pode agir como um mediador educativo e cultural, oferecendo ao jovem leitor um universo narrativo repleto de possibilidades imaginativas.

Compreendemos que a utilização do Fantástico nas histórias infantis permite que a criança desenvolva a sua imaginação. Quando estas narrativas se associam a questões com importância social como o *bullying*, a pressão social, a depressão e o suicídio dão ferramentas ao leitor para lidar com as adversidades da vida.

Através deste trabalho, desenvolvemos competências na área da gestão do tempo, para que pudéssemos organizar a nossa investigação e desenvolvemos capacidades de entendimento e redação em língua portuguesa, alargando o nosso vocabulário e o nosso conhecimento gramatical.

O processo de investigação, de tradução e de redação, permitiu-nos desenvolver capacidades de gestão de imprevistos, qualidade que nos ajuda tanto no meio profissional como no meio pessoal.

Com este trabalho percebemos que muito mais há para fazer no contexto da valorização da tradução da literatura infantojuvenil. Neste sentido, sentimo-nos atraídos para que nos debruçemos sobre esta temática nos próximos anos.

Em suma, acreditamos que a tradução aqui apresentada do romance *O Fantasma de Jéssica*, contribuí para o enriquecimento da literatura infantojuvenil no panorama português, mas também para a sensibilização da comunidade académica no sentido da valorização deste tipo de traduções.

7. Referências Bibliográficas

7.1. Fontes:

NORRIS, Andrew (2016). *Jessica's Ghost*. Oxford: David Flicking Books.

NORRIS, Andrew (2018). *Amigos Para A Vida*. Rio de Janeiro: Valentina [MUGGIATI, Roberto (trad.)].

NORRIS, Andrew (2018). *The first chapter...* [disponível em: <http://www.andrewnorriss.co.uk/blog.html>, acessado a 26.7.2021, (11:14)].

NORRIS, Andrew (2018). *To plan or not to plan...* [disponível em: <http://www.andrewnorriss.co.uk/blog.html>, acessado a 26.7.2021, (11:14)].

NORRIS, Andrew (2018). *Thoughts on a "challenging" read...* [disponível em: <http://www.andrewnorriss.co.uk/blog.html>, acessado a 26.7.2021, (11:14)].

NORRIS, Andrew (2018). *Sound a bit serious...* [disponível em: <http://www.andrewnorriss.co.uk/blog.html>, acessado a 26.7.2021, (11:14)].

NORRIS, Andrew (2018). *Ghost stories...* [disponível em: <http://www.andrewnorriss.co.uk/blog.html>, acessado a 26.7.2021, (11:14)].

NORRIS, Andrew (2018). *Game-changers.* [disponível em: <http://www.andrewnorriss.co.uk/blog.html>, acessado a 26.7.2021, (11:14)].

NORRIS, Andrew (2018). *Visits from the black dog.* [disponível em: <http://www.andrewnorriss.co.uk/blog.html>, acessado a 26.7.2021, (11:14)].

NORRIS, Andrew (2018). *Writing Jessica's Ghost.* [disponível em: <http://www.andrewnorriss.co.uk/blog.html>, acessado a 26.7.2021, (11:14)].

NORRIS, Andrew (Fev. 2018). Entrevista escrita a Andrew Norris por Rosiméri Cunha, via correio eletrônico, Londres.

7.2. Palestra :

ECCLESHARE, Julia, Peter Rabbit. *Pooh, Potter: A Tale of Children's Literature*, British Library, London: 05/02/2018, 17:30 [Palestra], [accessed on 10/04/18, 18:44, www.ticketsource.co.uk].

7.3. Bibliografia crítica

CAVE, Roderick; AYAD, Sara (2017). *A History of Children's Books in 100 Books*. London: British Library.

ECCLESHARE, Julia (2002). *Beatrix Potter to Harry Potter – Portraits of children's writers*. London: National Portrait Gallery Publications.

FRATUCCI, Amanda Assenza (2017). *A Monstruosidade Humana: A Literatura Gótica Como Base para a Construção do Fantástico*. Atas do XV Congresso Internacional Textualidades Contemporâneas. Rio de Janeiro: ABRALIC, pp 1838 – 1846.

FILHO, José Nicolau Gregorin (2009). Concepção de infância e literatura infantil. *Revista Linha D'água*, Nº 22. São Paulo: UNESP – Universidade Estadual de São Paulo, pp. 129 – 135.

GUARNIERI; Ivanor Luiz; Marta Camilo da Silva (2018). Rousseau e a Literatura Infantil. *Instrumento Crítico*, vol.4, nº.4, p.122-124.

GONÇALVES, Lourdes Bernardes (1999). Avaliando a Tradução Literária. *Revista de Letras*, vol.1, nº.21. Ceará: Universidade Federal do Ceará, pp. 42 – 46

HEYWOOD, Colin (2001). *A History of Childhood: Children and Childhood in West from Medieval to Modern Times*. Polity Press: U.K.

KOUTSOMPOU, Violette-Eirini (2016). The Child and The Fairy Tale: The Psychological Perspective of Children's Literature. *International Journal of Languages: Literatures and Linguistics*, Vol. 2, Nº 4. University of East London, UK.

LATHEY, Gillian (2010). *The Role of Translators in Children's Literature – Invisible Storytellers*. Routledge: New York.

LATHEY, Gillian (2016). *Translating Children's Literature*. Londres: Routledge.

OIITTENEN, Riitta (2000). *Translating for Children*. Nova Iorque: Garland Publishing.

PIUCCO, Narceli (2008). Sobre a (In)Visibilidade do Tradutor na Tradução: Algumas Referências Teóricas e Opiniões de Tradutores Literários. *Revista Trama*, Vol. 4, Nº. 7. Santa Catarina: Universidade de Santa Catarina, pp. 177 – 187.

PUNGARTNIK, Claudia (jul. – dez. 2017). A Universidade Brasileira que gradua em tradução seria uma tradutaria?. *Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, vol.7, n.º 2, pp.42 – 63.

REYNOLDS, Kimberley (2011). *CHILDREN'S LITERATURE – A Very Short Introduction*. Oxford University Press: U.K.

REYS, Bianca de Lima; BRISOLARA, Valéria (2019). Entre a tradução e a escrita: reflexões sobre domesticação, a visibilidade, a ética e a construção autoral do tradutor. *Letrônica – Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, vol.12, nº. 1. Porto Alegre: PUCRS, pp. 1 – 12.

TODOROV, Tzvetan (1981). *Introdução à literatura fantástica*. Local: PREMIA Editora.

VENNUTTI, Lawrence (1995). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London: Routledge.

VENUTTI, Lawrence (2012). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge.

7.4. Teses/Monografias/Dissertações:

PATRIARCA, Raquel (2012). *A História do livro infantojuvenil em Portugal entre 1870 – 1940*. Porto: FLUP [tese de Doutoramento em História].

SANTANA, Keila (2018). *A importância da contação de histórias da educação infantil*. Góias: Faculdade de Nossa Senhora Aparecida (FANAP) [Trabalho de conclusão de licenciatura em Pedagogia].

SOUZA, Neila Gato (2019). *Literatura Infantil: Uma Análise dos Anos Iniciais das Escolas*

Públicas do Ensino Fundamental do Município de Oriximiná, Pará /Brasil. Lisboa: Escola Superior João de Deus, [dissertação de mestrado em Ciência da Educação Supervisão Pedagógica da Escola Superior João de Deus].

7.5. Webgrafia:

ALLEN, Myrna (2006). *A Brief History of Fantasy*. [disponível em: <https://ojs.library.dal.ca> (403-1379-1-SM.pdf, acesso em 13/09/2019 (18:51))].

MOTTA, Carlos Eduardo (2013). *Literatura Infantil Estrangeira*. Rio de Janeiro: PUC [disponível em www.infoescola.com/literatura/literatura-infantil-estrangeira, acessado a 24/07/21 (20h00)].

Anexos

Anexo 1: Entrevista a Andrew Norriss

Questions for the interview with Mr. Andrew Norriss, about the book *Jessica's Ghost*

1. What kind of perspectives did you write the book with? What is your interest in the book's thematic, since it seems to cover less common and even unexpected issues that for many will be taboo or difficult to address?

Do you know, until I looked at this list, I had no idea that *Jessica's Ghost* had so many 'themes. Mostly they just 'appeared' as part of the story, and I frequently had no knowledge of them...

- Bullying among young people.

I have usually tried to avoid bullying as a theme in the stuff I wrote for tv and in my books. It is too obvious and easy to say this is done by 'bad' people. In *J's Ghost*, the 'bullies' are more ignorant than evil. Quentin is one of those cheery lads who teases everyone because he thinks it is funny and he really has little idea of the effect of his words. I think almost all of us have been guilty at one time or another of doing the same thing.

- The non-acceptance of the other as different, the boy that likes fashion and sewing, the obese boy, the tomboy girl, . . .

Being different is something I slowly learned to cope with. Like most people, I started off by trying not to be different and then discovered that we are all different in one way or another and that we have little choice but to accept the fact.

- The virtual reality of video games and how they affect youth negatively.

I have no personal experience of this, but you do not have to look far in the world to see children 'hiding' and 'escaping' into virtual worlds. In my day, a lot of people did it with books...

- Suicide due to bullying, gossip in social network, negative social pressure, etc.

I knew nothing about suicide before I started the book, and all the talk of the harm done by Facebook, snapchat etc came later. But I read about it, of course, and tried to do enough research not to be too obviously ignorant.

- The increase of suicide among young people.

Knew nothing about it. Horrified by what I read.

- The pain of mourning the loss of a loved one.

No personal experience of this either. I had never been to a funeral until I was in my late twenties. But of course, I knew and saw people around me who did go through such sadness.

- Morbid obesity in young people due to lack of healthy habits.

Again, no personal experience, but a great curiosity about how such an appetite could be so distorted, and with such damaging consequences.

- Gender and how the other may feel out of place.

I am glad I never had to face this one myself. Being 'different' in such a dramatic way must be so tough. I think, looking back on it, that Francis in my book is probably gay, but it did not seem necessary to bring that out into the open

- Young people dealing with the supernatural.

Cannot say I took this very seriously. It was meant to be a sort of fun ghost story at the start, but the bit I was serious about was the idea that we continue in some form after we die. I am not sure why I am so definite about this, but Jessica going off into the light was, to me, exactly what should and would happen to her.

2. What were your influences, personal experiences, readings, etc. that might have influenced in the writing of the book?

In my article about 'Ghost Stories' I talk about the Canterville Ghost and about 'healing' being at the heart of the story I wanted to write. When I had the sudden realisation that this was a story about suicide, the only thing that persuaded me to carry on was that I did know something about depression. And it was my personal experience of that, and of what helps, that I tried to put in the book.

3. How would you describe the process of building the book narrative? How did the theme come about? How did you choose the characters and build them? And for what purpose?

In my article 'To Plan or Not to Plan' I give a description of how I set about writing the book. It began as an experiment and I was astonished by the result. The main events and episodes of the story and all its main characters changed remarkably little in the many succeeding drafts. What I concentrated on was trying to make the story as clear and as engaging and plausible as possible.

4. What about the plot? And the outcome?

Ah, yes... The entire second half came to me (as I describe in the article) in one brief and torrid moment. Jessica had committed suicide, her aim was to stop the others doing the same, there was still someone else to save, and then she would be able to move on to where she was supposed to go next... Weird... I wrote down as much of as I could it as it came to me and then... sat back and wondered if it really was worth going on with.

5. How did the language of the book come about? Did you think of a strategy or did the language come naturally with the writing process?

The language thing is something that comes very slowly over time. I write it all again and again until it 'feels' right. By the end, I hope, it kind of reads like it had all flowed out in some simple easy way. Nothing jars. Nothing makes the reader stop and say, 'hang on a minute...'. That is what I aim for anyway!

6. Have you had any problems with any of the characters you created?

No, bless them, they were all very obliging!

7. Regarding the arrangement of the actions, were there any unforeseen changes in direction, some changes of substance, which altered the narrative structure or not?

I had to change the beginning (as I describe in That First Chapter) after I realised it was a book, really, about Francis, and not about Jessica. But that just meant shifting the information about who Jessica was and what happened to her, to a slightly later chapter.

8. Have you had moments of doubt? Have you ever wanted to give up or was it never an option?

Ha ha! Made my wife laugh that one. Yes, I am in doubt most days. But there is also this curious inner certainty that this, the writing, is what I am supposed to be doing.

9. What impact do you think the book had on young readers, ie, what is the reception from your public reader? Do you have any feedback from readers who contact you?

Yes. I get some very touching letters from young people and from not so young, saying nice things about the book. I appreciate them more than I can say. Makes me wish I had written to the authors of my own favorite books when I was young. Never even occurred to me.

10. Do you notice any differences in the reactions of readers of different nationalities and cultures, who know the book via translation and that contact you?

I cannot say I have noticed any difference. I have had letters from the US that are more open and at ease talking about these issues than their British counterparts, but... that's about it.

11. What do you intend with the message contained in the book? Do you think it can make any difference? And which differences?

The absolute number one priority is to tell a good story. The message, if there is one, needs to be barely visible. But of course, all stories will reflect the values of the person who is writing it, and the things that I believe in are obvious, I think. And can it make a difference? I do not know... But I know that books I read made a difference to me (see Gamechangers) so perhaps my story will maybe sway someone's attitude one day in some way...

12. Do you think that society is more receptive or less receptive to these problems that indicate the difference and the questioning of the visible real, the objective, by another one of invisible real, the supernatural? Do you think it might be seen with some suspicion?

The whole mental health issue is certainly much more talked about than it was, but the supernatural bit has, if anything, gone the other way. I could be wrong, but the ideas of an afterlife and a moral purpose to our whole existence here (which were once taken for granted) seem to get treated more like a lunatic fringe. The American

publisher did not want the word 'ghost' in the title. Vampires are fine in a children's book, apparently, but the idea of a belief in God and a heaven is treated with much more suspicion!

13. What kind of writer do you consider yourself to be?

A very lucky one. I have somehow managed, with a modest talent, to earn my living at this game and it was, and is, the more enormous privilege.

14. What are your plans for the future? Will it invest more in this area or diversify?

Well, I will not be talking/writing about depression or suicide again any time soon! But I have noticed that the characters in all my stories bump up against some problem in life and then try and navigate their way through until they come out the other side.

Much the pattern of my own life, really. That is probably why I write about it.

Mr. Norris, thank you very much for your time and attention.

Best wishes,

Rosiméri Santos Cunha

It was a pleasure, Rosimeri. And thank you for your interest, your kind words, and a most engaging and thoughtful set of questions. I wish you well with your dissertation and look forward to hearing how it goes!

Chilbolton 16.03.18

Anexo 2: Livros Infantojuvenis de Andrew Norriss

Cronologia	Nome da Obra	Editora	Notas
1989	<i>Woof! The Tale Wags On</i>	The writers wife	
1991	<i>Woof! The Tales Gets Longer</i>	Puffin; New edition	
1992	<i>Woof! A Twist in the Tale</i>	Puffin; Media tie-in edition	
1995	<i>Matt's Million</i>	Penguin Books LTD.	
1997	<i>Aquila</i>	Penguin Books LTD.	Ganhou o Prémio The Whitebread (Costa) ¹²
1999	<i>Bernard's Watch</i>	Penguin Books LTD.	
2004	<i>The Touchstone</i>	Penguin Books LTD.	
2006	<i>The Unluckiest Boy in the World</i>	Penguin Books LTD.	
2007	<i>The Portal</i>	Penguin Books LTD.	
2009	<i>Ctrl-Z</i>	Penguin Books LTD.	
2010	<i>Aquila 2</i>	Penguin Books LTD.	
2011	<i>I Don't Believe It, Archie!</i>	Random House Children's Publishers UK	
2012	<i>Archie's Unbelievably Freaky Week</i>	Random House Children's Publishers UK	
2015	<i>Jessica's Ghost</i>	David Fickling books	Publicado nos EUA como «Friends for Life». Foi nomeado para o Whitebread Award.
2018	<i>Mike</i>	Scholastic Inc.	
2021	<i>Felix unlimited</i>	David Fickling books	

¹² Até 2006 chamava-se the Whitebread Award, depois passou a ser chamado Costa Book Award.

Anexo 3: Programas televisivos com a participação de Andrew Norriss

Cronologia	Nome da Obra	Editora	Notas
1984 – 1986	<i>Chance in a Million</i>	Thames/ ITV	3 temporadas
1987 – 1989	<i>Ffizz</i>	Thames/ ITV	2 temporadas
1989 – 1990	<i>The Labours of Erica</i>	Thames/ ITV	2 temporadas
1991 – 1997	<i>The Brittias Empire</i>	BBC	7 temporadas

Anexo 4: Programas televisivos infantojuvenis com a participação de Andrew Norriss

Cronologia	Nome da Obra	Editora	Notas
1989 – 1997	<i>Woof!</i>	Central/ ITV	9 temporadas
1996	<i>Matt's Million</i>	Carlton/ ITV	4 temporadas
1997 – 1998	<i>Aquila</i>	BBC	2 temporadas
1995 – 2005	<i>Bernard's Watch</i>	Carlton/ ITV	7 temporadas

Apêndices¹³

Apêndice 1: *That first chapter...*

A ten-year-old boy once told me that the reason he liked my books was that I didn't fill them with 'long descriptions of trees and things'. He said I just 'got on with the story'. I was very flattered.

My Ladybird book on How to Succeed in Writing told me how important it is – particularly in the first chapter – to 'get on with the story'. Those opening pages need to grab the reader, draw them in, make them want to know what happens next... because if they're not hooked by the first chapter, they'll never make it to the last one. Or even chapter two...

I had what I thought was a cracking opener for my book Jessica's Ghost. It was going to start with a girl who finds herself in hospital and slowly realises that the reason everyone is ignoring her is that she's dead. She doesn't know how she died (nor did I, at the time) and she doesn't know what she's supposed to do next (I didn't know that either) but the story was going to watch her attempts (and mine) to find out.

In my first draft of the book, Jessica meets a boy, Francis, about her own age, who can see her, and she does indeed find out how she died and why she is a ghost. However, as Terry Pratchett said, the first draft is where you find out what your story is really about (then you go back and write it properly) and what emerged from my first draft was that the central character of my story was not Jessica, but Francis.

This meant, as my editor at the wonderful dfb pointed out, that I would probably have to abandon my brilliant opening chapter. Constructionally, there was something basically unbalanced about starting a story focussing on one character but finishing it with someone else.

With remarkable stoicism and only the one tantrum, I agreed, threw away a fortnight's work, and sat down to write a new opening that saw things from Francis'

¹³ Textos auxiliares da autoria de Andrew Norriss.

point of view. Where would they meet? What would they talk about? How does one talk to a ghost? How does one even find out the other person's a ghost in the first place...?

I tried a variety of locations and wrote innumerable possible conversations before I settled on what you will find in the book. And when I read it now, I have to tell you that I am quietly proud of the result. It might not grab you, exactly, but then not everyone likes being grabbed. What it does do is introduce my two main characters, tell you something about their situation and makes you, I think, at least a bit curious about what happens to them next.

It also helps, of course, that I was very careful to make sure there are no descriptions of trees.

Apêndice 2: *To plan or not to plan...*

The actress Sarah Miles has a story of how she wanted to find out what her husband actually did when he disappeared off to his study for hours each day. He was Robert Bolt (world famous screenwriter) and she knew he was busy 'writing' but... what did that involve exactly?

So, she got a ladder, climbed up to the window of his room on the first floor, and peered in. There he was, sitting at the table with his typewriter, and she watched as he typed for a bit, then stopped, pulled the paper out of the machine, screwed it up and threw it in the bin. He put in fresh paper, typed a bit... then took it out and threw it away. She stayed there half an hour and that was what he did. Again, and again.

I could have told her that is what she would see. Because that is how I spend most of my day. Except I have a computer and a delete button instead of paper and a bin. It's how all writers work. They write stuff, look at it, throw it away, and then write it again. And again. And again...

It always makes me laugh, when I see a 'writer' in some Hollywood movie sit down, type the words 'Chapter One' and just start bashing away until they've done 500 pages which they send round to a grateful publisher. I mean... that is not how it works! A book has to be constructed. Before you start, you need a story arc, you need to know who your characters are, you need to know how your main theme will build to a final crisis, you need... you need a plan!

At least, that is what I thought.

It was only when I started meeting other writers that I discovered there were some – not many, but some – who did no planning at all. They had an idea and, just like in the movies, they sat down and wrote, blindly trusting that their intuition would lead them through the narrative to a satisfying conclusion.

Listening to them talk, I was intrigued enough to think that it might be worth trying it myself, just to see what happened. I had had this idea about a girl – I called her Jessica – slowly realising that the reason everyone is ignoring her is that she's

dead. I had no idea how she'd died or what was going to happen to her, but... what would happen if, instead of working out a plan, I just started writing?

So, I did. I sat down each day and pretty much wrote whatever came into my head. No planning, no story arc, no worrying where this whole thing might be going...

And the weird thing was that it worked. Sort of. The story that came out is pretty much the one you can read in Jessica's Ghost and... and I liked it. In fact, I thought it was rather good...The only trouble was it was very badly written.

Which is why, if anyone had peered in through the window while I was working on the umpteenth draft of Jessica's Ghost, they would have seen me, sitting at my computer, writing for bit, then deleting it, and then doing the same thing again.

And again.

And again.

Apêndice 3: Thoughts on a ‘challenging’ read...

You know how, when you pick up a book and read the blurb on the back, there are certain words which act as flashing red lights warning you that this one’s not for you? For my son, it’s any mention of the word ‘vampires’; my Dad found it impossible to read a book that contained dragons or elves, while for my wife, phrases like The Galactic Federation is under threat... mean it will be put quietly to one side. It is not that any of these are bad books, just that we all have our preferences.

For me, the warning words are things like urban, gritty, hard-hitting or, the real give-away, challenging. They tell me that the story inside will probably cover things like bullying, alcoholic parents, sexual abuse, the gang culture... and that reading it is likely to bring on a serious case of the glums. While hugely admiring the authors (and readers) who cover these topics, I avoid them myself. I am far too liable to succumb to the glums already, without books like these dragging me down.

So, what, I ask myself, am I doing producing a book – Jessica’s Ghost – which has clinical depression as one of its themes? I wish I knew. But that was the way the story came out. I remember, when I realised that was what the story was about, I very nearly abandoned it. I’m a guy who likes to write comedy and fantasy. I write stories about boys trying to cope with having a watch that can stop time or sudden possession of a machine that can fly...

And yet...

The thing is that, unlike alcoholism or gang violence, I do know something about depression. I know how it feels, I know a bit about what causes it and, more importantly, I know a bit about how to deal with it. Even so, it was a tricky story to write.

With ‘challenging’ topics like this, it is all too easy to get preachy and pretentious – to rattle off statistics, and to moralise to a particular solution. This is, after all, an ‘important’ topic and there is serious advice one must give... Most of my

re-writes involved taking out all that stuff and reminding myself that my only priority was to tell a decent story.

The topic also left me uncertain which age group to aim at. I usually write for the 8-11 age group, but this story seemed to involve going up an age bracket, and I found myself hovering uncertainly between MG and YA. The finished book still has a foot in both camps. It has the careful vocabulary that will allow it to go in most MG libraries, but the story remains clearly YA. I am not, of course, the first person to face this dilemma and, browsing through this website recently, I found Keris Stainton, in a similar situation, describing her book as 'clean teen'. A clever phrase, I thought.

David Fickling, owner of the dfb publishing imprint, wrote the blurb for the jacket, and you will find no mention of 'depression' there. He was shrewd enough to know that, ultimately, it's not what the book is about. Jessica's Ghost is about kindness and friendship, and the process of self-discovery that enables any of us to cope with the loneliness of the human condition.

A statement, now I come to think of it, that sounds every bit as pretentious as anything I would find in a 'challenging' book...

Ah, well.

Apêndice 4: Sounds a bit serious...

A couple of weeks back I found myself in the main hall of a large secondary school watching two hundred Year 7's file in to listen to me talk. One cheery student broke away from his mates to come over to say hello (I always admire the ones that can do that) and then asked what I was going to talk about. I told him I would be talking about how I came to write my latest book, *Jessica's Ghost*, and a bit about its themes of depression and suicide. 'Oh,' he said, as his smile faded. 'Sounds a bit serious.'

And indeed, it is.

If I had known, when I started writing *Jessica's Ghost*, that depression and suicide were going to be two of its themes, I would almost certainly have abandoned it. I had set out to write a light-hearted ghost story about someone who was dead and was trying to sort out what she was supposed to do next. I presumed it was going to be a comedy because that's what I do. I write comedy. Light comedy. With a lot of nice people and happy endings.

The nice people and the happy endings are still there, but the suicide and the depression sort of muscled their way in with a determination that would not be denied. I worried, of course, whether these were themes that were suitable in a story for young people, and I'm still not a hundred per cent sure that they are, but it's a good book and... at what age does one start talking safely about these things?

The Head Teacher of a girls' secondary school laughed out loud when I asked her if the twelve-year-old audience for my talk would even know what depression was. Far too many, she assured me, would know exactly what I was talking about - and the government statistics support that. Apparently one in ten of 12-17 year olds will suffer from clinical depression (that means a depression lasting longer than a month) and if you include the people whose depression is just as real but less severe, the proportion is considerably higher. Maybe, like sex education, it is better for children to be armed with a bit of knowledge on the subject before they are hit by its problems rather than after.

I suffered from bouts of depression from the age of about 10 until comparatively recently, and one of the weird things about it, as I told my audience of twelve year olds that day, is that although you think it has a rational, external cause, it really doesn't. At the time, my depressions were particularly bad, I had no health problems, was happily married, with two wonderful children, and a hugely enjoyable career and yet... the bouts of gloom kept getting worse. The medical term for this is 'endogenous depression'. It literally means 'depression without a cause'.

There's a brilliant description by Alan Garner (author of *The Owl Service* and *The Weirdstone of Brisingamen*) of how, at the height of his fame and success, he came home one day from working on a film, and fell into a depression so deep that he wound up lying on the kitchen settle, face to the wall, almost too miserable even to speak, for two years. I'll say that again. For two years. I remember, when I read that, how enormously helpful it was to know that what I was experiencing (fortunately on a much less debilitating scale) could happen to someone as intelligent and talented as Alan Garner. And, I discovered, to a good many others.

In fact, one of the most useful things to know about depression is simply that there is a lot of it about, and a story is not a bad way to get this across. It was C S Lewis who noted that the most powerful thing a piece of writing can do is cause the reader to say 'Oh, I thought that was just me!' and to help them realise that what they feel is part of a more general condition. To discover that you are not alone, and that others have been through this particular valley and made it out the other side is, apart from anything else, deeply comforting.

So, although this is a topic that, particularly when talking to twelve-year olds, needs to be raised with the greatest caution, and although one needs to tread lightly and warily... I think, on the whole, that the subject is worth raising, despite the risks. One of the things I did during my talk, was to ask, very much on the spur of the moment, if any of the two hundred students I was addressing had any personal experience of depression - either in themselves or with someone they knew. If they had, I said, could they raise a hand? Nothing too public. Just a little gesture...

Over half of them, put a hand up.

So, yes, it is a bit serious, but it is important, too.

Apêndice 5: *Ghost stories...*

I do not usually like ghost stories. Well, not the sort you tell late at night that send a shiver down your spine and make you want to keep the light on while you go to sleep. Some people like to be frightened like that, but I do not. I am scared of quite enough things already without adding ghosts to the list.

But there is one sort of ghost story I have always enjoyed. It is based on the idea – I don't know where it came from – that ghosts are people who are somehow stuck here. Something happened to them during their earthly life and, instead of going to wherever you are supposed to go when you die, it means they've stayed here, desperately trying to undo whatever was done. Because until it is undone, they cannot move on.

As far as I know, the first writer to use this idea was Oscar Wilde, in what is still one of the best ghost stories ever written – *The Canterville Ghost*, published in 1887. In it, Sir Simon Canterville, who murdered his wife in 1575, is still haunting Canterville Chase 300 years later – rattling his chains, maintaining the bloodstain where his wife died, and frightening anyone he meets in the corridors...

Until an American family come to stay, who are not frightened of ghosts at all. Mr Otis calmly gives Sir Simon a bottle of Rising Sun Lubricator so that he'll make less noise with the chain rattling; his wife uses Paragon Detergent to get rid of the bloodstain, and his children take great delight in ambushing the ghost in the corridors and scaring him to bits.

It's all very jolly, but then comes the switch. We actually start feeling a bit sorry for old Sir Simon. He is so desperately unhappy. Weighed down by guilt, he has not slept for 300 years, and he is tired... tired beyond belief. I will not tell you how he is

eventually saved, but it is very moving and a good many people have used a similar idea to tell their own versions of the story.

Including me.

In my book, *Jessica's Ghost*, Jessica is not a murderer like Sir Simon, but she is puzzled to find she is a ghost, uncertain what she is supposed to do next, and rather relieved when she meets one (then two, then three) people who are able to see her and talk to her. The first half of the story is about what fun it would be to have a friend who was invisible and could move through walls, but then – and I can remember the exact moment this happened as I was writing – I suddenly realised what it was that Jessica had done that meant she could not 'move on'. And what she would have to do about it...

The appeal of this sort of story is, I think, the idea that whatever we've done, whatever mistakes we may have made, there is always a way out. We are not 'stuck', and we are not doomed endlessly to repeat a pointless pattern. There is always a path to... forgiveness.

It is an oddly satisfying idea. And whether it is true or not, it definitely feels like it ought to be.

Apêndice 6: Game-changers

Throughout my childhood and adolescence, I read at least three or four books a week and sometimes that many in a day. I read pretty much anything, as long as nobody had told me it was a 'classic' and that reading it would be 'good' for me. I read books that made me laugh, or were exciting, or were supposed to be for girls, or were set in the past, or in space – but occasionally I came across a book that didn't just amuse me, but did something else as well. It made me stop and think. These were the books that, once you had read them, meant the world you saw was never quite the same. They were game changers.

Everyone's list of books that were game changers is different but, because I grew up in the 1950's and 60's, the books I am talking about were either published at that time or before. I only came much later to the game-changing genius of writers like Anne Fine, or Hilary Mackay, or Alan Garner, or Terry Pratchett so, sadly, you will not find any of them on my list.

The Secret Garden by Frances Hodgson Burnett

I remember thinking, as I first read it, that this book was bit girly for my taste. There was a lot of talk about flowers and a little robin, and neither flowers nor robins had ever really done it for me. One of the main characters, Dickon, has an affinity for all animals, and I didn't like that much either. I had two brothers who were both obsessed with that sort of thing and it just taught me never to lift the lid of a cardboard box to see what was inside.

But then, halfway through this most elegantly constructed story, the real centre of the narrative appears. Young Colin, constantly ill and stuck in a wheelchair, begins his healing. You could argue that being out in the fresh air and the magic of the 'secret' garden is what did it, but the book is very definite that the 'magic' comes from somewhere else. That the real reason Colin recovers the ability to walk is that he finds he can change his life by thinking something different.

The idea that what you think can profoundly affect your health – for good or ill – is a belief that I have since thoroughly absorbed.

Emma by Jane Austen

When young, as I said, I was careful not to read anything that could be defined as a classic. The word did not equate in my head with ‘quality’ or ‘a good read’ – it simply meant ‘almost certainly dull and boring’. So I avoided the likes of Jane Austen until... I drifted into the sitting room one evening when my parents were watching an adaptation of Emma on our recently acquired black and white television. I happened in on that famous scene where the main characters are having a picnic on Box Hill, and Emma joins in the teasing of the garrulous old Miss Bates. I saw nothing wrong with the teasing myself – there were plenty of tedious Miss Bates in my own life who thoroughly deserved teasing – but then comes the scene where Mr Knightley takes Emma to task. He points out that Miss Bates is a lonely old woman whose poverty has left her reliant on the generosity of others and that to humiliate her in such a fashion was both ignoble and unkind. ‘It was badly done, Emma,’ he says, in a quietly devastating voice. ‘Badly done...’

And I felt a stab of remorse and shame as keenly as Emma herself. Jane Austen had somehow, in a single scene, presented an overwhelming argument that kindness, good manners, and consideration for the people around you are of vital importance. It was a pretty revolutionary concept for a teenage boy in the 1960’s.

I got hold of a copy of the book the next day.

Captains Courageous by Rudyard Kipling

I think this must be the original ‘coming of age’ story. It is about a spoilt, rich youth who falls off the back of an Atlantic passenger ship and is picked up by a schooner, fishing for cod off the Grand Banks. He is then made to actually work until the boat gets back to port at the end of the season.

I was lucky that no one told me this was a ‘classic’ or I would never have picked it up. Even so, I’m astonished that I got through the difficult dialogue of the first

chapter, and gradually found myself drawn in to a story in which Harvey learns to live in a world where the respect of your peers depends on your capacity to contribute, rather than the status and wealth of your parents. Events, and the harsh reality of the North Atlantic, slowly teach Harvey the value of things like hard work, pulling your weight, self-discipline.

Goodness...! Hard work mattered...? Now there was a thought...

The Eagle of the Ninth by Rosemary Sutcliff

On holiday with my parents, my Dad would always want to stop at churches or castles or look round a museum and... I could never see the point of it. Who cared? Why did I have to traipse around and look at these things, when I could be doing something interesting like reading a comic or riding a bike.

This was the book that changed my mind. It's an historical novel, set in Roman Britain, where the fabled ninth legion has gone north and disappeared. Years later, the son of its commander decides to find out what happened and to retrieve, if possible, the lost eagle.

And for the first time, I suddenly 'got' that the country I lived in had been filled for some thousands of years with people who, like me, had grown up, worried, worked, struggled, believed some extraordinary things... and then died. For the first time, I felt that curious connection with the past that turns you into the sort of person who walks around old castles and churches, and goes to museums...

...and wonders.

The Last Battle by C S Lewis

I had read all seven of the Narnia chronicles at least twice before I realised, they had anything to do with Christianity. Somehow, even when I did, I found Aslan a much more convincing figure than the Jesus I encountered in church services or in lessons at school. The Last Battle is the seventh of the series and is filled with extraordinary images. Like those dwarves, surrounded by a feast they cannot see, who think they are still stuck in prison. Or the animals charging towards the Great Door at

the End of Time. Or Aslan telling the children that it's all right, because they're dead and they can stay in His country forever...

Who else has ever written a children's book, which says dying leaves you free to get to the really good stuff? Blew me away.

Apêndice 7: *Visits from the Black Dog*

Back in the days when I had regular visits from the Black Dog – the phrase Churchill used to describe his occasional bouts of depression – what really pigged me off was the lack of any objective reason for it all. If I had been in chronic pain, or unjustly imprisoned, you could understand it, but I faced nothing like that. In fact, one of the worst bouts came when, on any rational basis, I appeared to have everything I had ever wanted. It is called, I am told, ‘endogenous depression’. Depression without any apparent cause.

Alan Garner, in a brilliant essay on the subject, describes how he was overcome one day by ‘the blankness of me and the blankness of the world’ and then spent two years, twelve hours a day, lying curled up on the settle in his kitchen, unable to do... anything. I remember my sense of guilty relief on reading that. How reassuring it was to know that others had been through something even worse than my own experience, and yet survived.

A lot of people go through life without ever meeting the Black Dog, but many of us get to know him all too well. It can start at an early age and is, I am told, affecting an increasing number of children in today’s pressured society. Not that I would want to use it as a topic in any of my books of course, any more than Alan Garner did. I mean... who would want to read a book about being depressed?

And then, to my considerable surprise, this was exactly what turned out to be a theme in *Jessica’s Ghost*. I hope that does not put anyone off, because it’s not as grim as it sounds. If all I had done was express the thought that life can be a bit of a bugger at times, my story would not have been one I wanted to read myself. But, fortunately, my characters were smart enough to find a way out of the abyss and the book is mostly about how they did it.

You do not have to be an expert on mental health to know there are no slick and easy answers to the problem of depression, but there do seem to be a few consistent signposts to the rescue ladder. One of them is the power of loving friendship. Alan Garner describes how his children would gently stroke the back of his

neck as they passed through the kitchen. In my case, the rock on which I rested was my wife. With the young people in my story it's the support they give each other because they've all been to the same dark places and know what it's like.

It also helps to know that the clouds will not last forever. This may be difficult to believe at the time, but moods are like the weather and the sunshine will one day return. As it did for me. And as it did for Alan Garner, who woke one day to find his depression had vanished as mysteriously as it had arrived. And that is what he reminds himself, when he hears the 'tinkle of ice bergs' heralding its possible return. That the mood will pass.

It is important to remember that.

It will pass.

Apêndice 8: *Writing Jessica's Ghost*

I heard someone use the phrase 'a vomit script' recently. She was a television writer and, when asked how her new project was going, replied that she had only got as far as 'a vomit script' but was pleased with what had come up. What she meant, I gathered, was that she had sat down, with only the vaguest idea of what she was going to write and let whatever came into her head spew out onto the page. Later, of course, she would go back and write it properly, but she reckoned that all sorts of stuff came up spontaneously in that way, that would emerge in no other.

It is not how I write myself. Or how most writers work. In my days as an A level history teacher, I told my students (as I had been told myself) that before you launched into an essay, it was essential to have a plan. I assumed this applied to all forms of writing. Even a novel needs a plan. Trollope might only take a day or two to plan one of his tomes, while P G Wodehouse might take several months, but we all have to have a plan.

It came as quite a surprise when I first met a writer who did not. Astonishingly, he really did just sit down and start writing, trusting that something in his unconscious would map things out and lead his story to a satisfactory resolution. Even more astonishing, it seemed to work, and I was intrigued enough to want to try it myself.

I had had an idea for a ghost story. I thought it might be a nice twist to start from the ghost's point of view instead of the person who sees one, and the picture I had in my head was of a girl (I called her Jessica), who discovers that she's dead (she has no idea how she died and nor did I) wandering around in a world where no one can see her. That is all I knew when I sat down and started writing. I had no other characters, no story arc, no plan... I was going to write just whatever came up.

The first thing that came up was that she met a boy about her own age who was able to see her. The boy was mostly interested in fashion and dress making (goodness knows where that came from) but he seemed a decent enough lad and he got on rather well with Jessica... For a while, my story explored how it might be fun to have a friend who was a ghost, and then a second character turned up who could see

Jessica and, a few chapters later, a third. I still had no idea where all this might be going when – and I can remember the exact moment – like a bomb going off in my head, I suddenly knew how Jessica had died.

She had committed suicide.

And in the same instant I knew that, I also knew what was going to happen in the rest of the story, including how it was going to end, and – and this was the really weird bit – it suddenly made sense of all the stuff that had come before. It fitted. Almost like I had had a story arc planned out beforehand. There was also, for some reason, no choice. That was how Jessica had died. There was no debate, no exploring of other avenues or looking at other possibilities... because there were not any. Jessica had killed herself and I could either go with that or abandon the story.

For several weeks, abandoning it was my preferred option. I am a writer for children for goodness sake and most of my books have ‘Andrew Norris has a wonderfully light comic touch’ emblazoned on the front. A quote from a particularly nice review I got some time in the last century. What on earth was I doing with a story about suicide? Who would want to give a story like this to their innocent offspring? What young person would want to read it? Was there any point in pressing on?

I did press on, but it was only when the vomit draft was finally finished that I was able to see that suicide is not really what Jessica’s Ghost is about. It acknowledges something we all know – that life can sometimes be an unbearably painful business – but the real emphasis is on the things that, despite this, make the game of life worth playing. Friendship, kindness, laughter, love, healing... Precisely the things, I was delighted to see, that were picked up in the review the book was given in Books for Keeps. I’d like to think that Jessica’s story is a reminder that, however dark life gets, you never really know what’s around the corner, what can change, or who will appear with a light to help you tread safely into the unknown.

The sort of things, in fact, that I am always trying to remember myself.

Mind you, next book I write, I am not typing a word without a definite plan.